



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**ESPECIALIZAÇÃO: EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

**FRANCISCO REMI NOGUEIRA MARTINS**

**Caminhos para a construção da fraternidade a partir da amizade**

Um estudo sobre a Amizade Social e Digital nos jovens adolescentes

**Um contributo pedagógico a partir da Unidade Letiva 3  
«Riqueza e sentido dos afetos» do sétimo ano de  
escolaridade**

**Relatório final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:  
Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga  
2023**



## Resumo

A adolescência é um dos períodos mais importantes na vida de um jovem adolescente, na qual ele descobre a sua identidade e formula a sua personalidade. Partindo dos conceitos de adolescência e amizade, torna-se fundamental realizar uma abordagem destes conceitos nos contextos sociais e digitais, dado que este último está cada vez mais presente na sociedade hodierna e na vida dos jovens adolescentes. Dentro do espectro das novas tecnologias, as redes sociais adquirem maior destaque, por isso, importa entender como estas podem ser um horizonte benéfico de comunicação, não só no espectro digital, mas, igualmente, como ponto de partida para o ambiente social do encontro presencial.

Seguidamente, à luz da mensagem da Encíclica *Fratelli Tutti*, torna-se imprescindível compreender os possíveis contributos e caminhos a percorrer para a construção da fraternidade dentro do âmbito digital e social. Abordando a realidade da sociedade hodierna nas suas problemáticas, procurar alternativas de comunicação para uma fraternidade torna-se um dos principais objetivos. A fraternidade só se torna real e possível na medida em que se vai ao encontro do outro, numa verdadeira comunicação aberta, na qual não só se aceita a sua presença, mas, simultaneamente, se acolhe na lógica do amor fraterno.

**Palavras chave:** Afetividade, Amizade, Amor, Amizade Digital, Amizade Social, Adolescência, Comunicação, Digital, EMRC, Fraternidade, *Fratelli Tutti*, Jovem Adolescente, Próximo, Redes Sociais.

## **Abstract**

Adolescence is one of the most important periods in a young teenager's life, in which they discover their identity and formulate their personality. Starting from the concepts of adolescence and friendship, it is essential to approach these concepts in social and digital contexts, given that the latter is increasingly present in today's society and in the lives of young teenagers. Within the spectrum of new technologies, social networks are gaining greater prominence, so it is important to understand how they can be a beneficial horizon for communication, not only in the digital spectrum, but also as a starting point for the social environment of face-to-face encounters.

Then, in the light of the message of the Encyclical *Fratelli Tutti*, it becomes essential to understand the possible contributions and paths to be taken to build fraternity within the digital and social spheres. Addressing the reality of today's society and its problems, looking for communication alternatives for fraternity becomes one of the main objectives. Fraternity only becomes real and possible when you reach out to the other, in true open communication, in which you not only accept their presence, but at the same time welcome them in the logic of fraternal love.

**Keywords:** Affectivity, Friendship, Love, Digital Friendship, Social Friendship, Adolescence, Communication, Digital, EMRC, Fraternity, *Fratelli Tutti*, Young Adolescent, Neighbourhood, Social Networks.

## Índice

<b>RESUMO</b>	3
<b>ABSTRACT</b>	4
<b>ÍNDICE</b>	5
<b>ABREVIATURAS E SIGLAS</b>	7
<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>CAPÍTULO I – A AMIZADE E A AMIZADE DIGITAL NA ADOLESCÊNCIA</b>	11
<b>1. A amizade e a adolescência nos seus contextos</b>	11
1.1. O que é ser jovem adolescente?	11
1.2. O que entendemos da palavra amizade, do conceito à realização	16
<b>2. A adolescência e o mundo digital, o que entender por amizade digital?</b>	22
2.1. Uma abordagem conceitual sobre a comunicação, identidade e interação social no mundo digital	23
2.2. Como se comunicam os jovens adolescentes de hoje?	30
2.3. Desafios e perigos colocados por este tipo de comunicação	31
2.4. O Fenómeno das redes sociais e do indivíduo pessoal	33
2.4.1. <i>A autoapresentação da pessoa (jovem) nas plataformas digitais</i>	35
2.4.2. <i>A objetividade das plataformas digitais nas relações interpessoais e de amizade como elemento facilitador da amizade ou de algum tipo de amizade</i>	37
<b>CAPÍTULO II – ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI: DESAFIOS ATUAIS PARA A FRATERNIDADE</b>	41
<b>1. Caminhos para o diálogo na amizade digital e na amizade social. Realidade ou utopia?</b>	41
<b>2. Que fraternidade construir numa sociedade hodierna?</b>	47
2.1. O amor social num mundo globalizado e desenvolvido. Aumento de disparidades ou diminuição das assimetrias?	51
2.2. Coloca-se a problemática do individualismo e da superficialidade da comunicação num mundo onde a comunicação está à distância de um clique	55
<b>3. Visões alternativas de comunicação e afetividade num tempo e sociedade digitalizadas. Perguntas e respostas da atualidade?</b>	58

## CAPÍTULO III – PRÁTICA LETIVA DA UNIDADE LETIVA 3

“RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS”	67
<b>1. Caracterização da escola e da comunidade educativa</b>	68
<b>2. Caracterização da turma</b>	69
<b>3. Propostas de planificação da unidade letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos”</b>	74
3.1. Aula 1 - Introdução ao tema “Riqueza e Sentido dos Afetos”.	
A história e exemplo de Anne Frank	76
3.2. Aula 2 – A adolescência e o desenvolvimento da Pessoa	80
3.3. Aula 3 – A adolescência e o desenvolvimento da Pessoa (continuação)	83
3.4. Aula 4 – A construção da personalidade	86
3.5. Aula 5 – Construção da personalidade, continuação.	
O papel da família na construção da personalidade	88
3.6. Aula 6 – O papel da família na construção da personalidade, continuação	90
3.7. Aula 7 – O Desafio do amor: Amar e ser amado.	
A vivência da sexualidade de forma responsável	92
3.8. Aula 8 – Os aspetos basilares da adolescência. Autoavaliação	94
<b>4. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada</b>	96
<b>CONCLUSÃO</b>	100
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	103
<b>ANEXOS</b>	110
Anexo 1 – Questionário de caracterização da turma	110
Anexo 2 – Quizizz Riqueza e Sentido dos Afetos UL3 – Avaliação	112

## Abreviaturas e Siglas

ACNUR	Agência das Nações Unidas para os Refugiados
AE	Aprendizagens Essenciais
AEFS	Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
AT	Antigo Testamento
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CMC	Comunicação mediada por computador
CV	Exortação Apostólica <i>Christus vivit</i>
(E@D)	Ensino à Distância
EB	Escola Básica
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
FT	Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>
GAAF	Apoio ao Aluno e à Família
Gn	Livro do Génesis
JI	Jardim de Infância
Lc	Evangelho de Lucas
LS	Encíclica do Papa Francisco <i>Laudato Si'</i>
MESAI	Medidas de Suporte à Aprendizagem e à Inclusão
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OMS	Organização Mundial da Saúde
PASEO	Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória
PE	Projeto Educativo
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PEI	Programa Educativo Individual
REEI	Rede de Escolas de Educação Intercultural
RTP	Relatório Técnico-Pedagógico
SMS	Short Message Service (Serviço de Mensagens Curtas)
SNS	Serviços de Rede Social, traduzido do inglês <i>social networking service</i>
SRSs	Sites de Redes Sociais
TEIP	Território Educativo de Intervenção Prioritária
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UL	Unidade Letiva

## Introdução

*«Persistirmos na labuta por favorecer a cultura do encontro que exige que, no centro de toda a ação política, social e económica, se coloque a pessoa humana, a sua sublime dignidade e o respeito pelo bem comum».* (FT 232)

Papa Francisco

O presente trabalho de investigação destina-se à conclusão do Mestrado em Ciências Religiosas (MCR). No âmbito dos diversos temas sugeridos e unidades letivas que poderíamos estudar e trabalhar, optámos pela riqueza e profundidade da Unidade Letiva 3 “Riqueza e Sentidos dos Afetos”. Um dos principais motivos para a escolha desta unidade letiva deriva da importância que a fase da adolescência tem no desenvolvimento da pessoa humana. Compreendemos que a adolescência é uma etapa importante no ciclo do crescimento e desenvolvimento da pessoa humana, dado que é nesta que se dá início à descoberta da identidade e definição da personalidade, e que marcam a passagem entre a infância e a vida adulta, sendo por isso, uma importante etapa de transição na vida de uma pessoa. É precisamente nesta etapa que ocorrem as transformações físicas, afetivas, sociais e intelectuais, inseridas num contexto específico de tempo e lugar.

Desde modo, o seguinte estudo encontra-se estruturado em três capítulos que consistem numa análise da amizade social e amizade digital na adolescência, seguindo-se uma abordagem à Encíclica *Fratelli Tutti* nos seus desafios atuais para a fraternidade e culminando com a apresentação da prática letiva da unidade letiva 3 do 7º ano de escolaridade “Riqueza e Sentido dos afetos”.

Incidindo num referencial teórico e científico, numa viagem de matriz histórica, sociológica e filosófica, no primeiro capítulo iremos analisar alguns dados acerca dos conceitos de adolescência e amizade. Entre eles, daremos especial destaque ao conceito de amizade e de amizade digital. No que concerne à amizade digital, focaremos nas diversas questões a esta associadas, como a comunicação, o fenómeno das redes sociais e as plataformas digitais a estas associadas, na medida em que estas influenciam as relações interpessoais.

No segundo capítulo, partindo da Encíclica *Fratelli Tutti*, procederemos à sua análise procurando compreender como esta se pode relacionar com os jovens e pessoas em geral, tendo em conta os conceitos acima referidos, e dando o seu contributo no contexto atual de relações

interpessoais, no contexto de um mundo extremamente desenvolvido, marcado pela globalização e conectado em tempo real. Neste sentido, focaremos na questão da fraternidade, com o intuito de procurar compreender a realidade atual das relações à luz do amor social. Em seguida, debruçar-nos-emos sobre a atualidade da sociedade, em busca de visões alternativas de comunicação e afetividade num tempo e sociedade digitalizadas, com as quais terminaremos este capítulo.

Por fim, no terceiro e último capítulo, abordaremos a experiência letiva no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) em contexto de sala de aula, apresentando também a experiência letiva em contexto escolar enquanto docente. Inicialmente, realizaremos a caracterização do agrupamento e da sua comunidade educativa, seguida da caracterização da turma onde foi realizada a prática letiva. Concluiremos este capítulo com a apresentação da proposta pedagógica da Unidade Letiva em estudo e a respetiva avaliação.

Importa-nos desde já referir que a Prática de Ensino Supervisionada foi marcadamente influenciada pela pandemia provocada pela Covid-19, colocando diversos constrangimentos face ao contexto pandémico que vivenciamos. Dos diversos constrangimentos com os quais nos deparamos, destacamos a impossibilidade em assistir às aulas dos colegas de núcleo de estágio e a necessidade da execução do regime misto de ensino, com a adoção do Ensino à Distância (E@D) em determinados períodos de tempo, atrasando a lecionação das aulas destinadas à PES.

Por fim, apesar destes constrangimentos, referimos que foram realizados todos os esforços possíveis com o objetivo de minimizar estas condicionantes restritivas provocadas pela pandemia. Por este motivo, foi possível a realização da PES na escola com sucesso.

---

**I CAPÍTULO**  
**A AMIZADE E A AMIZADE DIGITAL NA ADOLESCÊNCIA**

---

## I – A amizade e a amizade digital na adolescência

Antes de iniciarmos o estudo sobre o tema da “amizade” e “amizade digital” na adolescência, com os conceitos a ele associados na sua amplitude e profundidade, pretendemos, num primeiro momento, apresentar os conceitos do que é a adolescência e o que se entende por amizade, quer nos seus significados e vivência comum, quer no campo do digital, certos de que nos ajudarão a melhor compreender a riqueza e a densidade das relações entre estes, destes para com o mundo que os rodeia e a sociedade a onde estão inseridos. Entre esses dados, daremos especial destaque aos conceitos do que é ser jovem adolescente, na forma como estes vivem a amizade para com os seus próximos, quer no processo do *face to face*, quer no processo digital, através das redes sociais e das plataformas digitais de informação e comunicação, compreendendo a forma como estes se comunicam e se dão a conhecer.

### 1. A amizade e a Adolescência nos seus contextos

Muito se poderia dizer acerca da amizade na adolescência. Na impossibilidade de falar de tudo, optamos por apresentar, num primeiro momento, o que é ser um jovem adolescente e os desafios associados a esta etapa e, num segundo momento, o que se entende por amizade, nas suas interpretações pelos principais autores ao longo dos séculos, e como esta é entendida e estabelecida pelos envolvidos na atualidade.

#### *1.1. O que é ser jovem adolescente?*

No momento em que um jovem atinge a fase da adolescência e vivencia uma multiplicidade de alterações no seu desenvolvimento pessoal e humano. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a adolescência define-se pelo «período biopsicossocial que compreende a segunda década da vida, ou seja, entre os 10 e os 20 anos»,<sup>1</sup> que se inicia com as «mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica

---

<sup>1</sup> Organización Mundial de Salud, «Problemas de la salud de la adolescência. Informe de un comité de expertos de la OMS.», 1965, [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/38485/1/WHO\\_TRS\\_308\\_spa.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/38485/1/WHO_TRS_308_spa.pdf), 3.

na sociedade adulta».<sup>2</sup> De acordo com o manual de EMRC do 7º Ano, que tem uma unidade letiva dedicada exclusivamente à Riqueza e Sentido dos Afetos, na qual aborda a adolescência e o desenvolvimento da pessoa, compreendemos que a adolescência é uma etapa importante no ciclo do crescimento e desenvolvimento da pessoa humana, no qual descobre a sua identidade e define a sua personalidade. Trata-se precisamente de uma fase importante na vida de uma pessoa, marcada por inúmeras transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afetivas, intelectuais e sociais num determinado contexto cultural, o que a torna numa passagem entre a infância e a vida adulta.<sup>3</sup> É igualmente entendida como o «segundo grande salto para a vida: o salto em direção a si mesmo, como ser individual».<sup>4</sup> Por este motivo, verificando o significado na sua origem latina *adolescere*, verificamos que esta significa crescer.

Esta fase de crescimento tem diversas etapas, que podem ser divididas consoante a idade. Partindo novamente do Manual de EMRC do 7º ano, estas são divididas em três: dos 10 aos 13 anos, onde vive um acentuado crescimento físico e psíquico, porém ainda não tem consciência relevante com o que está a acontecer consigo próprio; dos 13 aos 18 anos, na qual desperta para o conhecimento do eu, a descoberta consciente da sua intimidade e a apresentação de comportamentos de risco; dos 18 até aos 20,<sup>5</sup> na qual já se começa a compreender-se e a encontrar-se consigo mesmo, sentindo-se melhor integrado no mundo que o rodeia e no qual tem maior autodomínio e atuação.<sup>6</sup>

Por conseguinte, de acordo com o Modelo Ecológico do desenvolvimento humano, a adolescência é o «resultado da interação entre a pessoa em crescimento e o seu contexto de referência (organizado em sistemas), pelo que o estudo do impacto das relações interpessoais, da cultura e da história, é fundamental para compreender o desenvolvimento pessoal».<sup>7</sup> Este desenvolvimento pessoal nos adolescentes pauta-se pela capacidade de descentração, na construção do *self*, que resulta das mudanças cognitivas, sociais e emocionais,<sup>8</sup> as quais podem provocar diversos sentimentos de instabilidade e insegurança. É precisamente neste ambiente

---

<sup>2</sup> Teresa Helena Schoen-Ferreira e Maria Aznar-Farias, «Adolescência através dos séculos», *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 26, n. 2 (2010): 227–34, <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>.

<sup>3</sup> Cf. António Cordeiro et al., *Quero Saber - 7º Ano*, Fundação S (Lisboa: SNEC, 2015), 90.

<sup>4</sup> Schoen-Ferreira e Aznar-Farias, «Adolescência através dos séculos».

<sup>5</sup> Embora o manual não apresente uma idade limite, optamos por usar o limite de 20 anos, de acordo com a definição da OMS apresentada anteriormente.

<sup>6</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber - 7º Ano*, 91.

<sup>7</sup> Ângela Sá Azevedo, «“Ser ou não ser ... O jovem de hoje sabe responder”», *Theologica*, n. 1, Universidade Católica Portuguesa (2012): 115–24, <https://doi.org/10.34632/theologica.2012.2225>.

<sup>8</sup> Cf. Norman Sprinthall; W. Andrew Collins, *Psicologia do Adolescente*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª Edição (Lisboa, 2008), 179.

de mudanças que o jovem adolescente constrói a sua identidade pessoal e o compromisso face ao seu estilo de vida e às suas opções.<sup>9</sup>

Por conseguinte, no período da adolescência, o adolescente desenvolve duas tarefas importantes, caracterizadas como a formação da identidade e da intimidade. Para isto é necessário passar por uma fase gradativa e interdependente de acontecimentos que, embora marcados pelos contextos em que se insere, permitem o desenvolvimento destas tarefas.<sup>10</sup> Neste processo, vai «integrar-se e desenvolver as emoções, desenvolver a autonomia, estabelecer a identidade (atitudes, valores, interesses, aspirações, autoconceito, autoestima...), estabelecer relações interpessoais, desenvolver a criatividade e, finalmente, desenvolver a integridade».<sup>11</sup> Consequentemente, por esta altura, vai formar também o seu pensamento abstrato, que atua num sentido de relativizar as coisas, o que faz com que este reestruture as relações com os adultos, particularmente com os seus progenitores, deparando-se com dificuldades acrescidas no sentido de afirmar a sua individualidade.<sup>12</sup>

Com efeito, é precisamente com os progenitores que começa este processo de crescimento e amadurecimento, o qual fornece as bases para aquilo que o jovem adolescente se pode tornar. A conjuntura familiar é considerada um sistema fundamental para o desenvolvimento humano, porque representa o primeiro grupo social onde a pessoa se desenvolve.<sup>13</sup> Isto caracteriza-se por vinculações primárias, que «originam crenças e expetativas sobre o mundo cujos efeitos sentir-se-ão ao longo da vida»,<sup>14</sup> e que revela a importância do papel da família como o sistema mais influente ao longo de todo o ciclo de vida.<sup>15</sup> É na família que se desenvolve o sentimento de pertença, no qual a partir desta primeira experiência de amor e afeto, se adquirem os alicerces para futuras relações, desde integrar-se no grupo do bairro ou da sua zona habitacional, dos colegas de escola, desporto, Igreja.<sup>16</sup>

«As primeiras e mais profundas raízes do indivíduo estão ancoradas no grupo familiar, permitindo, deste modo, a formação de sentimentos positivos face a si próprio e de ligações

---

<sup>9</sup> Cf. Erik H. Erikson, «Identity, youth and crisis.», *Behavioral Science* 14, n. 2 (1969): 154–59, <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/bs.3830140209>.

<sup>10</sup> Cf. Azevedo, «“Ser ou não ser ... O jovem de hoje sabe responder”», 119.

<sup>11</sup> Azevedo, 117.

<sup>12</sup> Cf. Azevedo. 117.

<sup>13</sup> Ana Prioste, Petra Tavares, e Eunice Magalhães, «Tipologias de funcionamento familiar: Do desenvolvimento identitário à perturbação emocional na adolescência e idade adulta», *Análise Psicológica* 37, n. 2 (2019): 173–92, <https://doi.org/10.14417/ap.1534>, 176.

<sup>14</sup> Azevedo, «“Ser ou não ser ... O jovem de hoje sabe responder”», 121.

<sup>15</sup> Cf. Prioste, Tavares, e Magalhães, «Tipologias de funcionamento familiar: Do desenvolvimento identitário à perturbação emocional na adolescência e idade adulta», 176.

<sup>16</sup> Cf. Cordeiro et al., *Quero Saber - 7º Ano*, 97.

afetivas com os outros. A Família é, para o adolescente, o espaço das suas raízes, do seu passado, mas surgem dificuldades na relação com os pais e os irmãos».<sup>17</sup>

Neste aspeto, alguns autores afirmam que «apenas a relações familiares marcadas por suporte, carinho, disponibilidade, segurança, aumentam a autoestima, a capacidade de aprendizagem e de relacionamento dos jovens permitindo, conseqüentemente, uma maior intensidade de estados emocionais positivos».<sup>18</sup> Estes tipos de relações familiares permitem estabelecer, de forma mais eficaz, a continuidade entre as aprendizagens da infância e as novas exigências da adolescência e da vida adulta.<sup>19</sup> No entanto, temos de ter presente que nem todas as relações familiares são adequadas ao desenvolvimento do bem-estar dos jovens adolescentes.

Por conseguinte, é dever de todo e qualquer um que se preocupe e que pretenda ajudar os adolescentes a serem adultos responsáveis e capazes de assumir o rumo da própria vida, ter em consideração a influência que a família e o mundo exterior exercem sobre os adolescentes,<sup>20</sup> porque «à medida que se aproximam da maturidade, são cada vez mais influenciados pelas tradições e atitudes da comunidade em que vivem, pela vitalidade e coesão do grupo social, pela natureza competitiva das relações, pelo ritmo de vida e pelos tipos de decisões que são obrigados a tomar».<sup>21</sup>

Ora, partindo para fora do círculo familiar, o jovem adolescente também sofre uma forte influência da sociedade, um círculo mais amplo e abrangente, no qual o «adolescente deseja participar ativamente dele e dar a sua própria contribuição, o que o obriga a adotar posições morais que são um elemento decisivo para o desenvolvimento da personalidade».<sup>22</sup> À medida que vai realizando estes avanços, cria e expande a sua maturidade intelectual, o que o torna empenhado e predisposto a novos assuntos, explorando novos domínios que até ali eram inatingíveis, estimulando-o a uma maior descoberta e conhecimento de si mesmo e do mundo que o rodeia. Este processo ou estágio, denomina-se por ‘intervenção cultural’,<sup>23</sup> dado que apenas sociedades mais desenvolvidas o permitem. Por isso, quanto mais avançada for uma sociedade, maior e mais duradouro será o período de maturidade pessoal e social do adolescente.<sup>24</sup>

---

<sup>17</sup> Cordeiro et al, 97.

<sup>18</sup> Azevedo, «“Ser ou não ser ... O jovem de hoje sabe responder”», 121.

<sup>19</sup> Cf. Azevedo 121.

<sup>20</sup> Cf. Organización Mundial de Salud, «Problemas de la salud de la adolescência. Informe de un comité de expertos de la OMS.», 5.

<sup>21</sup> Organización Mundial de Salud, 5.

<sup>22</sup> Organización Mundial de Salud, 6.

<sup>23</sup> Cf. Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, e Silveiras, «Adolescência através dos séculos», 231 .

<sup>24</sup> Cf. Organización Mundial de Salud, 6.

A forma mais expressiva onde se concretiza esta intervenção cultural é no convívio com os seus círculos mais próximos, o que demonstra a «importância de se juntar com os seus pares e constituir grupo ou integrar outros já organizados.<sup>25</sup> É neles que encontra a possibilidade de realizar aspirações comuns. «No grupo, assume novas atitudes, aprende uma nova linguagem, adquire um novo modo de pensar e sentir e empenha-se em novas ações ou experiências. Muitas vezes o chefe de grupo ou outro elemento mais velho é tomado como modelo, pois encarna os sonhos e qualidades que o adolescente desejava ter».<sup>26</sup>

Pelo exposto, compreendemos que é difícil identificar quando termina a fase da adolescência, pois ser adulto é uma condição complexa, não se definindo somente pelo fim do crescimento corporal. Sabemos que os adolescentes representam o futuro da humanidade e em inúmeras sociedades circundam ideias preconcebidas acerca dos adolescentes e da própria adolescência, que carecem de fundamentação e que não traduzem adequadamente o que se passa na realidade. Atualmente, na sociedade ocidental, é popular aliar a adolescência a um determinado conjunto de comportamentos problemáticos, ignorando a vida do quotidiano dos adolescentes. Por isso, é fundamental ter consciência desta problemática para ultrapassar estas contrariedades para que se criem condições para formar adultos capazes e comprometidos consigo, com as suas famílias, as comunidades e a sociedade em geral.<sup>27</sup>

É imperativo dar crédito às investigações de autores reconhecidos como Erik Erikson, através do seu modelo epigenético, composto por oito estágios de desenvolvimento psicossocial e no qual organiza as experiências de construção da identidade através de papéis sociais. Neste podemos ver que a construção da identidade é o acontecimento mais importante do jovem adolescente nesta etapa da vida.<sup>28</sup>

Por fim, sendo que a identidade pessoal significa a capacidade de tomar decisões e de as manter com consciência, é imperativo que o educador tenha diversos aspetos do agir em consideração. Esses aspetos diversificam-se na ajuda a prestar aos jovens na conquista dos seus objetivos pessoais, para que progredam, promovam comportamentos e ações saudáveis, reflexo de virtudes assimiladas e postas em prática no seu quotidiano; na identificação dos seus limites; no auxílio e acompanhamento do jovem adolescente no contexto do mundo digital, das amizades ligadas às redes sociais e a todo o conceito do *online*, nos seus aspetos bons e mais

---

<sup>25</sup> Cf. Cordeiro et al., *Quero Saber - 7º Ano*, 99.

<sup>26</sup> Cordeiro et al, 99.

<sup>27</sup> Cf. Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, e Silves, «Adolescência através dos séculos», 232.

<sup>28</sup> Cf. Erikson, «Identity, youth and crisis.»

perigosos; no incentivo a conhecer as suas potencialidades; no assumir das consequências do seu agir; no incentivar a conhecer as suas potencialidades para atingir a sua realização pessoal.

### *1.2. O que entendemos da palavra amizade, do conceito à realização*

A palavra amizade designa-se por «qualidade de amigo; afeição, ligação; sentimento que afeioa ou liga duas pessoas, ... um afeto predominantemente desinteressado e que pressupõe ou origina certa semelhança ou igualdade entre os amigos».<sup>29</sup> Como tal, implica uma reciprocidade de afeto entre duas pessoas. Partindo deste pressuposto, numa análise introdutória de perspectiva filosófica e sociológica, verifiquemos um pouco do pensamento sobre a amizade ao longo da história.

Iniciando pelo período pré-socrático, o termo era visto como o princípio cosmológico explicativo da composição e da dessegregação dos corpos, onde mais tarde passou ser usado apenas no contexto da relação entre pessoas.<sup>30</sup>

Na Grécia homérica (VIII e VII a.C.), surge a heteria, um tipo de associação entre amigos, os cidadãos da polis, homens e pertencentes à mesma classe social. Tratavam-se de laços que transcendiam os vínculos consanguíneos e não se caracterizavam pela extensão das relações de parentesco.<sup>31</sup> De acordo com Ortega, revela-se numa «relação política de camaradagem militar, uma fraternidade em armas, um “clube político”, no qual os homens da mesma idade e camada social ingressavam na juventude e ficavam até à velhice».<sup>32</sup>

Platão (cerca de 427 a.C.), que foi um pioneiro na abordagem do tema da amizade, estabelece uma noção ontológica da *philia* (afeição ou amizade), abordando a amizade como a procura do conhecimento, determinando a importância da *philia* e defendendo o diálogo como a forma primordial para o filosofar, o que faz com que se necessite do outro ou de outros para que tal aconteça. Isto remete-nos para a ideia platónica de que o primeiro amigo (*prôton philon*), modelo a partir do qual todas as relações fariam referência, seria a ‘ideia’ ou o ‘ideal’ na qual

---

<sup>29</sup> Maria Esther, *Logos*, ed. Verbo, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* (Braga, 1989), 219.

<sup>30</sup> Cf. Maria Esther, 219.

<sup>31</sup> Cf. Suzana Schwertner, «Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital» (Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2010), 77.

<sup>32</sup> Francisco Ortega, *Genealogias da Amizade* (São Paulo: Iluminuras, 2002), 22.

percebemos a referência à verdadeira amizade.<sup>33</sup> Tal só é possível na percepção de que o desejo é a causa da amizade que, parafraseando Sócrates, afirma que o sujeito desejoso deseja aquilo que lhe é afim.<sup>34</sup>

Ora, é precisamente neste seguimento que outro filósofo, Aristóteles (na tradição grega por volta de 350 a.C.), aprofunda esta perspectiva. Embora Aristóteles também acredite numa amizade primeira, harmônica e pura, definindo-a como amizade perfeita (*teleia philia*), fala de uma amizade impulsionada pela virtude, na qual usa o termo bondade.<sup>35</sup> Como tal, reforça a ideia de que a amizade necessita da bondade e que estas, a bondade e a lealdade, devem coexistir na mesma pessoa, pois a «amizade perfeita é aquela existente entre homens bons e semelhantes na virtude e em querer o bem mutuamente».<sup>36</sup> No entanto, não é fácil criar uma amizade perfeita e verdadeira. É fácil que possa surgir o desejo de uma amizade entre pessoas, porém é difícil criar e ter uma amizade consistente, verdadeira e perfeita, porque são raros os homens bons e virtuosos. Reforça precisamente esta ideia com a importância da convivência, pois considera que é preciso convívio constante e profunda intimidade entre os amigos para garantir o caráter permanente da amizade.<sup>37</sup> Por isso, afirma que «a amizade deve ser cultivada, fortificada a cada dia. Se um amigo se ausenta por muito tempo, a amizade desfaz-se, pois perdem-se a constância e a intimidade».<sup>38</sup> Com efeito, as amizades que não tivessem esta base, seriam relações imperfeitas, não desejadas ou acidentais, baseadas no que o outro me pode dar, seja prazer ou utilidade e, por isso, dificilmente seriam boas amizades, com boas bases de sustentação.<sup>39</sup>

Por conseguinte, esta perspectiva aristotélica vai de encontro aos três elementos essenciais à amizade referidos posteriormente por Cícero (na Roma clássica 100 a.C.), a semelhança, a convivência e a partilha, na *amicitia vera*. Para este filósofo, é necessário que haja proximidade para que a amizade se consolide, o que implica desejo de aproximação ao outro e da sua presença.<sup>40</sup> Contudo, primeiramente importa perceber o contexto daquela época para os romanos, em torno de 106 a.C. Deste modo, a família era considerada a forma de relação mais importante, com a valorização dos vínculos conjugais, colocando em segundo plano a

---

<sup>33</sup> Cf. Suzana Schwertner, «Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital» (Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2010), 76-77.

<sup>34</sup> Cf. Osmar Oliva, Para Arist et al., Do Conceito de Amizade em Platão, Aristóteles e Cícero, Belo Horizonte (2017), 192-200.

<sup>35</sup> Cf. Schwertner, «Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital», 77.

<sup>36</sup> Oliva, «Do conceito de Amizade em Platão, Aristóteles e Cícero», 192-200..

<sup>37</sup> Cf. Oliva, 192-200.

<sup>38</sup> Oliva, 192-200.

<sup>39</sup> Cf. Schwertner, «Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital».

<sup>40</sup> Cf. Oliva, «Do conceito de Amizade em Platão, Aristóteles e Cícero», 192-200..

importância das relações de amizade, reduzindo-lhe a importância. Nesta perspectiva, tal como para Aristóteles, o *eros* é separado da *philia*, no qual as matrizes da relação conjugal conjugam-se com o primeiro.

Neste sentido, as relações pessoais que se figuravam fora do laço familiar «tinham como objetivo principal considerações práticas e utilitárias: relações de amizade (*amicitia*) e de patrocínio (*patrocinium*) seriam formas de se atingir a glória e o sucesso político, depois da família e do dinheiro».<sup>41</sup> Baseavam-se na praticidade e no utilitarismo, determinando o sucesso de um determinado político conforme a quantidade e a importância dos seus amigos e clientes, substituindo as motivações éticas e emocionais. É com esta perspectiva que se inicia a distância entre o discurso filosófico e a prática social da amizade, a qual terá o seu ‘desfecho’ com o final da era cristã.<sup>42</sup> Aqui os romanos, colocam o dever da pátria acima do dever para com os amigos, diferenciando-se dos gregos. Baseado neste pressuposto, verificamos que «a política não encontra mais respaldo na amizade, podendo, inclusive, ser mesmo a antítese dela».<sup>43</sup>

Portanto, segundo Schwertner, Cícero adota a divisão aristotélica dos tipos de amizade, a *amicitia vera* acima referida, defendendo que a verdadeira amizade só poderia existir entre homens virtuosos, fundada no consenso entre eles, através da benevolência e afeição. Por isso, o amigo verdadeiro seria muito semelhante ao próximo, um outro em nós mesmos.<sup>44</sup>

Com essa proximidade e afinidade, vemos a figura do amigo como «um espelho no qual nos encontramos; com o amigo falamos como se falássemos a nós mesmos; com o amigo, comemoramos nossas alegrias e com ele sofremos igualmente».<sup>45</sup> No decorrer deste processo de desenvolvimento de uma relação de amizade, percebemos que existem diversas virtudes essenciais para que a mesma subsista e seja verdadeira na sua essência. Por isso, entende a lealdade como «a virtude que deve ser encontrada nos amigos, sem a qual é impossível haver estabilidade e constância».<sup>46</sup>

Partindo do período da antiguidade para o Cristianismo, na qual temos Santo Agostinho como figura principal, é nos apresentado o amor como *Agape* (amor que se doa de forma incondicional) e passa a ocupar o lugar principal, onde o amor a Deus é valorizado acima do amor ao próximo. Aliás, o amor ao próximo dá-se em função e por intermédio de Deus, na

---

<sup>41</sup> Schwertner, «Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital», 79.

<sup>42</sup> Cf. Schwertner, 78.

<sup>43</sup> Schwertner, 78.

<sup>44</sup> Cf. Schwertner, 78.

<sup>45</sup> Oliva, «Do conceito de Amizade em Platão, Aristóteles e Cícero», 192–200.

<sup>46</sup> Oliva, 192–200.

figura de Jesus Cristo. «A lealdade e a devoção a Cristo ocupam um lugar tão central que são suprimidas das outras relações».<sup>47</sup>

Ora, encontramos assim a *caritas christiana*, que retrata a noção de uma amizade verdadeira (*amicitia rationis*), transcendente e desafetiva, que se desloca da amizade vivida para a amizade pensada.<sup>48</sup> Encontramos aqui uma mudança de paradigma da amizade dual, construída pela ótica dual do eu e do tu, para a uma ótica triádica do eu, do tu e de Deus. A amizade adquire um sentido de cuidado e moderação, para não resvalar para o campo das emoções mundanas, abrindo espaço a outros tipos de relações interpessoais, inspiradas no amor a Deus.<sup>49</sup>

Prosseguindo para o período do renascimento, com Montaigne recupera-se o conceito da amizade perfeita e ideal da tradição aristotélica-ciceroniana, numa perspectiva de uma relação nobre e de prestígio. Porém, na perspectiva do autor, tal condicionaria a pluralidade de amizades, dado que impediria a dedicação integral e atenciosa a cada amigo. Por se basear no afeto, na fusão e na harmonia perfeita, solicitaria bastante tempo para se dedicar a esta.<sup>50</sup>

Acrescenta-se também a este aspeto que, apesar da visão da amizade entre amigos se pautar pelo livre arbítrio, diferindo das relações familiares, Montaigne não deixa de utilizar a terminologia familiar, equiparando a figura do amigo à figura do irmão, associando as relações de amizade à esfera da intimidade, incorporando-as às relações de parentesco.<sup>51</sup> Aqui, a «estrutura familiar é ampliada para as relações de trabalho, de governo, das instituições e também da escola».<sup>52</sup>

Deste modo, no final do século XVIII começa a surgir uma visão de amizade nova, na qual se começa a fortificar os laços interpessoais, sendo mais afetiva, exclusiva, íntima e privada. No século XIX, é relegada à adolescência, ao ser inserida na família nos seus diversos membros, pais, cônjuges, irmãos e filhos.<sup>53</sup>

Partindo deste aspeto, tendo como fonte os estudos sobre a genealogia da amizade em Foucault, citado por Schwertner, explica a amizade como algo transgressor, isto é,

---

<sup>47</sup> Ortega, *Genealogias da Amizade*, 59.

<sup>48</sup> Cf. Schwertner, «Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital».

<sup>49</sup> Cf. Schwertner, 81.

<sup>50</sup> Cf. Schwertner, 82.

<sup>51</sup> Cf. Schwertner, 83.

<sup>52</sup> Schwertner, 83.

<sup>53</sup> Cf. Ortega, *Genealogias da Amizade*, 147.

«uma amizade dotada de movimento, também se investe de fantasias; assim como é inquietante e perigosa, torna-se inesperada e intensa. Sua base fundamental é o cuidado e a boa distância, que acaba por definir uma certa “arte da amizade”, uma forma de vida provisória e aberta, que necessita contar com a criação, com a elaboração individual de cada sujeito – sem deixar de levar em conta o outro (e os outros) que se faz(em) presente(s) nessa elaboração».<sup>54</sup>

Por conseguinte, envolvidos nesta linha de pensamento da amizade dotada de movimento, somos remetidos com Foucault para a categoria da prática social. Assume aqui a importância da reinvenção de si, como ascese, na qual a atividade “consagrada em si mesma” envolve o cuidado de si e a comunicação com outrem, tornando-se um exercício de uma verdadeira prática social.<sup>55</sup>

Tal concepção transporta-nos para a visão da amizade do sociólogo Zygmunt Bauman, que, num período já mais contemporâneo ao nosso, faz referências ao que vimos de forma breve no pensamento dos filósofos acima referidos. Aborda igualmente a questão do desejo nas relações de amizade, dado que é pelo desejo entre amigos e pela benevolência que a amizade se torna uma relação vivida, que cresce e se modifica no tempo, porém, repesca a categoria do amor de Santo Agostinho ao qual lhe acrescenta um novo sentido. Para este, é «o amor que vincula e serve de fundamento para o laço, diminuindo distâncias, favorecendo trocas, implicando conhecimento e, principalmente o reconhecimento do Outro».<sup>56</sup> Não só vemos o outro como um ser totalmente novo e diferente de mim com o qual me identifico e que me pode ser útil, mas como um outro alguém que me pode acrescentar algo à minha existência, partindo da sua essência mais pura e no seu expoente máximo, o amor.

Bauman faz uma longa análise sobre esta questão sobre o amor e o desejo. O primeiro como sentimento, o segundo como faculdade da razão. O amor trata-se de um valor, enquanto que a razão está estreitamente relacionada com a capacidade de uso, ou seja, ser instrumental.<sup>57</sup> Por isso refere que,

«o que você deseja, você quer usar; ‘consumir’, despir de alteridade, tornar sua possessão ou ingerir - fazê-lo parte de seu corpo, uma extensão de você mesmo. Usar é aniquilar o outro para o bem da própria pessoa. Amar, ao contrário, significa valorizar o outro por sua alteridade, desejar reforçá-la nele, proteger essa alteridade, fazê-la florescer e prosperar, estar pronto para sacrificar o próprio conforto, inclusive a própria existência mortal, se isso for necessário para

---

<sup>54</sup> Schwertner, «Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital», 84.

<sup>55</sup> Cf. Michel Foucault, *História da Sexualidade. O Cuidado de Si.*, ed. Relógio D’Água, 3ª Edição (Rio de Janeiro, 1985) 57.

<sup>56</sup> Cf. Zygmunt Bauman, *A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas*, ed. Jorge Zahar (Rio de Janeiro: Zahar, 2009), 207.

<sup>57</sup> Cf. Bauman, 208.

satisfazer essa intenção. O "uso" significa um ganho para a própria pessoa; o "valor" pressagia sua autonegação. Usar é tirar, valorizar é dar».<sup>58</sup>

Como tal, o amor adquire o significado de consentimento para o mistério que é o outro, remetendo para o mistério do futuro, para algo que ‘nunca é, num mundo em que tudo é’, algo que ‘não pode estar lá quando tudo está’. Assim, o futuro encontra-se sempre noutra lugar, tal como o Outro do amor. Por isso, amar significa estar e permanecer num estado de contínua incerteza.<sup>59</sup> Esta incerteza remete-nos para a necessidade de confiar no outro. Isto faz com que nas relações interpessoais, «a capacidade de emocionar-se, envolver-se, afetar-se, é deixada em segundo plano em relação à expectativa das ações por parte dos envolvidos».<sup>60</sup> Portanto, tal como a lealdade é necessária para que uma amizade se desenvolva e perdure, também a confiança é imprescindível para que esta subsista.

Contudo, paralelamente a esta questão, importa ainda refletir sobre a problemática do dividir e partilhar o mundo com o outro, o que Bauman entende como um campo complexo relativo à posição de presença face ao outro. Scarlatelli refere que «ao explicitarmos que o amor se dirige a outra pessoa, queremos também dizer com isso que o amor é um gesto profundo de afirmação do outro. O amor afirma a outra pessoa. Só o amor é capaz de afirmar a distintividade do outro».<sup>61</sup> É neste sentido que, partindo do pensamento de Bauman, Rafael afirma que o amigo está intimamente relacionado com o sentimento do amor. Contudo, apesar da importância deste passo, não basta apenas ver na superficialidade de estar com o outro ou estar próximo a alguém. É importante colocar as pessoas lado a lado para potenciar o encontro, isto é, coloca-las no mesmo campo de ação, o qual se torna num campo comum de partilha, mas este processo não garante que o acontecimento não passe meramente de um momento limitado e inconsequente, no qual os indivíduos flutuam apenas na indiferença ao outro que está diante de si, concebendo-o apenas como objeto da sua atenção.<sup>62</sup>

Por este motivo, Bauman procura definir o que se entende por ‘estar com’ o outro. Neste sentido, refere que

«estar-com é uma reunião de seres incompletos, de *selves* deficientes. Em tais reuniões, ressaltar é tão crucial quanto esconder, o engajamento deve ser complementado pelo desengajamento, e a

---

<sup>58</sup> Zygmunt Bauman, *A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas*, ed. Jorge Zahar (Rio de Janeiro: Zahar, 2009), 208.

<sup>59</sup> Cf. Bauman, 212.

<sup>60</sup> Silva, 145.

<sup>61</sup> Cleide Scarlatelli, *A vida à luz do encontro dialógico, Leonardo*, vol. 44 (São Leopoldo, 2004), <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.22351/et.v44i1.575>, 126.

<sup>62</sup> Cf. Silva, «Lugares para Amizade na Sociedade Contemporânea: Caminhos educativos a partir da obra de Zygmunt Bauman», 154.

mobilização de alguns recursos deve ser pareada com a retirada de outros. A intermitência entre revelação e segredo é, para falar a verdade, a principal técnica de construção do tipo de encontro chamado estar-com». <sup>63</sup>

Concluindo, é necessária uma abertura de si mesmo ao outro, quebrando a distância segura entre os envolvidos, que embora se tente construir para proteção da própria pessoa, é fundamental ultrapassar esta barreira para avançar, para que haja a possibilidade de criar e configurar relações afetivas no sentido mais amplo, sejam relações de amor ou amizade.

Assim, é necessário que nos tornemos um ‘ser para’ como base e fundamento de uma amizade. Esta base só encontra sentido no campo do amor e da abertura ao outro, dando-lhe a sua devida importância. <sup>64</sup>

## 2. A adolescência e o mundo digital, o que entender por amizade digital?

A utilização do universo digital para estabelecer interações sociais entre pessoas tornou-se uma característica fundamental. Esta virtualização das relações impele à constante problematização de inúmeras variáveis como o tempo e o espaço, dado que é possível ter amigos virtuais com que nunca se esteve pessoalmente, mas com os quais se tem uma amizade que se cultiva e se mantém por muito tempo, derivado apenas à internet. Por outro lado, este universo virtual também pode ser usado como uma extensão para as relações já existentes no âmbito presencial, sejam em ambientes pessoais, profissionais ou educacionais. Com efeito, a internet tornou-se um local privilegiado para a interação social, principalmente entre as gerações mais novas.

---

<sup>63</sup> Zygmunt Bauman, *Vida em Fragmentos, sobre a Ética Pós-Moderna*, ed. Zahar (Rio de Janeiro, 2011), 74.

<sup>64</sup> Cf. Silva, «Lugares para Amizade na Sociedade Contemporânea: Caminhos educativos a partir da obra de Zygmunt Bauman», 154.

## 2.1. *Uma abordagem conceitual sobre a comunicação, identidade e interação social no mundo digital*

Falar em comunicação no ambiente digital é falar em comunicação mediada por meios deste mesmo campo. Por este motivo, temos como objetivo compreender os processos sociais nas interações suportadas por computador, comumente conhecida como comunicação mediada por computador (CMC),<sup>65</sup> desde a formação das impressões em linha, o desenvolvimento das relações e as dinâmicas de grupo estabelecidas, dado que é aceitável que as pessoas comunicam através da utilização das plataformas digitais em ambientes diversos, sejam pessoais, profissionais ou educacionais. Consequentemente, é um dos motivos pelos quais as Ciências Sociais têm cada vez mais interesse em compreender as características do CMC e os seus efeitos nas pessoas, grupos e organizações.<sup>66</sup>

Enquanto que inicialmente os processos de CMC eram entendidos como a relação entre o ser humano e a máquina ou máquina-máquina, os processos psicológicos relacionam-se mais com a interação interpessoal do que com os procedimentos tecnológicos, dado que não reproduzem a relação entre pessoas, como poderia acontecer quando se utiliza um computador como uma calculadora.<sup>67</sup>

Portanto, talvez a maior mudança em termos psicossociais esteja no conceito de comunicação. Entender o modelo de comunicação apenas como a passagem de informação de uma pessoa para a outra está a tornar-se obsoleto.<sup>68</sup> Na hodiernidade, este modelo começa a ser ameaçado pelas alterações próprias dos ambientes eletrónicos. Exemplo disso é a assimetria entre o remetente e o recetor da mensagem. A comunicação entendida como objeto independente não pode estar desprovida de um terreno comum de crenças partilhadas e só pode ser comunicada dentro deste registo, no qual se reconheçam expectativas recíprocas e se aceitem

---

<sup>65</sup> Importa referir que dado à polarização dos diversos dispositivos móveis digitais, tais como smartphones, tablets, notebooks, modems portáteis, a internet adquiriu maior importância e proeminência no quotidiano das pessoas das mais variadas camadas sociais. A comunicação através de chats em redes sociais, mensagens instantâneas, troca de links, imagens e e-mails, não acontece somente com os que anteriormente dispunham de computadores em casa com ligação a uma rede que dependia de um telefone fixo. Por este motivo, tal como iremos ver adiante, é um reducionismo dizer atualmente que a ‘comunicação é apenas mediada por computador’.

<sup>66</sup> Cf. Carlo Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», *Article in Genetic Social and General Psychology Monographs*, 1998, <https://www.researchgate.net/publication/279697449>, 2.

<sup>67</sup> Cf. Clifford Nass e Jonathan Steuer, «Voices, Boxes, and Sources of Messages: Computers and Social Actors», *Human Communication Research* 19, n. 4 (1993): 504–527, <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1993.tb00311.x>.

<sup>68</sup> Cf. Nass e Steuer, 522.

as regras de interação que servem como âncoras necessárias para o desenvolvimento da conversa.<sup>69</sup>

Como tal, cada um dos sujeitos traz consigo uma certa quantidade de bagagem, sejam pressupostos, informações ou crenças, que conforme o desenvolver do discurso se vai transformando num terreno comum. Este terreno comum são as pressuposições assumidas durante a conversa, isto é, «são o que é considerado pelo falante como terreno comum dos participantes na conversa, o que é tratado como o seu conhecimento comum ou conhecimento mútuo».<sup>70</sup> É neste sentido que somos remetidos para as três raízes psicossociais do CMC: a realidade em rede, a conversa virtual e a construção de identidade, essenciais para a compreensão do processo de construção da comunicação interativa digital.

No que diz respeito à primeira raiz em análise, a realidade em rede, entendemos que é na vida quotidiana e nas interações de conversação que pomos as nossas capacidades cognitivas em prática. Neste processo, encontramos a chamada abordagem dialógica, que procura avaliar a relação entre a interação com a interação conversacional, dado que estas implicam diretamente uma compreensão subsequente da relação entre interação e cognição. A comunicação só é eficaz na medida em que os dois intervenientes assimilam e compreendem o que é transmitido pelo outro.<sup>71</sup>

Por conseguinte, dado que a comunicação que se estabelece no âmbito digital não implica a necessidade da co-presença física dos interlocutores em interação, esta importância transita para a co-presença de afirmações, na qual os dois interlocutores têm a capacidade de influenciar as ações um do outro e regular a natureza da sua comunicação, conforme a reação recebida. Por este motivo, o modelo em rede torna-se fundamental na forma como estas matrizes de funções cognitivas acontecem, transitando do que acontece 'dentro' dos sujeitos para o 'entre' os sujeitos.<sup>72</sup>

Partindo para a segunda raiz psicossocial, a conversa virtual, dentro desta nova linha de entendimento do CMC, compreendemos que estamos perante um novo conceito alternativo de comunicação, centrado na construção partilhada de significados, que nos dão novos

---

<sup>69</sup> Herbert H. Clari e Edward F. Shaefer, «Contributing to discourse», *Cognitive science* 13, n. 2 (1989): 259–94, [https://doi.org/10.1016/0364-0213\(89\)90008-6](https://doi.org/10.1016/0364-0213(89)90008-6).

<sup>70</sup> Clari e Edward F. Shaefer, 260.

<sup>71</sup> Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 4.

<sup>72</sup> Cf. Galimberti, 5.

conhecimentos sobre a relação entre a tecnologia e a comunicação humana, o que influencia as próprias percepções da comunicação em geral.<sup>73</sup>

Com efeito, os novos modelos psicossociológicos consideram não só a comunicação como uma relação linguística, mas também como uma relação psicossocial, o que é algo novo e único. Além disso, é também um conceito duplo, pelo facto de se encontrem dois ou mais campos de consciência em comunicação pertencentes a sujeitos com identidades psicossociais precisas, e pelo facto da comunicação ser definida como uma atividade multicanal e multicodeificada.<sup>74</sup> «A comunicação é, portanto, vista como um sistema global em que intervenientes constroem sentido através da utilização e interpretação não só das palavras, mas também da entoação, do gesto da postura, da atitude e do espaço entre eles (proxémicos)».<sup>75</sup> Deste modo, podemos sintetizar os modelos psicossociais em quatro contributos básicos para compreendermos a comunicação.

Em primeiro lugar, os modelos psicossociais alargaram o campo da investigação, definindo a comunicação como algo abrangente e global, pelo facto de reconhecerem a importância dos modelos verbais e não verbais.<sup>76</sup>

Em segundo lugar, a língua deixou de ser entendida como um modo de transferência de informação entre mentes, mas como uma dimensão fundamental da cultura, através da qual é atribuída a generalidade dos valores e representações sociais, nos quais assentam as trocas e práticas coletivas.<sup>77</sup>

Em terceiro lugar, o interesse em afastar-se ainda mais dos aspetos práticos da transmissão de informação para as formas como os significados são processados e partilhados. Isto significa que a comunicação está a tornar-se decisiva na forma como compreendemos o surgimento e desenvolvimento dos laços sociais. Por parte dos investigadores, cada vez mais rejeitam a ideia de que a comunicação é meramente uma relação entre remetente e recetor, mas

---

<sup>73</sup> Cf. Galimberti, 9.

<sup>74</sup> Cf. Galimberti, 13.

<sup>75</sup> Didier Anzieu e Jacques-Yves Martin, *La dynamique des groupes restreintes. (Dynamics of small groups)* (Paris: PUF, 1971), 133.

<sup>76</sup> Cf. Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 13, 14.

<sup>77</sup> Cf. Edmond Marc e Dominique Picard, «L'interaction sociale. In: Bulletin de psychologie, tome 43 n°393. Les études en psychologie et en sciences de l'éducation dans les pays de la Communauté Européenne», *Bulletin de psychologie, tome 43 n°393* (Paris, 1989), 35. [https://www.persee.fr/doc/bupsy\\_0007-4403\\_1989\\_num\\_43\\_393\\_13108\\_t1\\_0049\\_0000\\_3](https://www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_1989_num_43_393_13108_t1_0049_0000_3).

que é essencialmente uma atividade social, na medida em que se dá o encontro entre as respectivas identidades sociais.<sup>78</sup>

Em quarto lugar e por último, os modelos psicossociais de comunicação colocam grande ênfase no contexto geral em que a comunicação se desenrola, desde as características físicas ao desempenho espacial e temporal do ato de fala, ao contexto psicológico.<sup>79</sup> Com efeito, «os modelos psicossociais possibilitam descrições ordenadas das características linguísticas e sociais que determinam a natureza de um cenário comunicativo».<sup>80</sup>

Outro ponto de análise relevante na temática desta segunda raiz psicossocial, a conversa virtual, são os modelos interlocutórios. Estes são modelos conversacionais nos quais encontramos a importância da sua natureza interativa da comunicação. O objetivo é compreender a combinação entre a linguística pragmática com a psicologia social, ou seja, salientam a importância da interação e da conversa da comunicação.<sup>81</sup> «Como um facto relacional irreduzível, a comunicação é vista como uma forma primária de reconhecimento humano, como a base da intersubjetividade através da qual a reciprocidade de todas as relações humanas é expressa».<sup>82</sup>

O último ponto de análise desta raiz é a conversação no CMC, a conversa virtual em si mesma, na qual se debruça sobre os dois tipos distintos de CMC, o síncrono e o assíncrono. O CMC síncrono dá-se quando a comunicação ocorre simultaneamente entre dois ou mais utilizadores, como em qualquer conversa telefónica ou cara-a-cara normal. Acontece quando os computadores estão ligados em tempo real. Por outro lado, o CMC assíncrono dá-se quando a comunicação não é simultânea. Portanto, a grande diferença entre estes é questão temporal.<sup>83</sup>

Partindo para a última raiz psicossocial, a construção da identidade, compreendemos a constatação de que a interação só pode ser totalmente compreendida mediante a análise do contexto social onde ocorre, dado que as pessoas são atores sociais e agem conforme as suas próprias razões, o que faz com que os sistemas e computadores na qual as conversas se

---

<sup>78</sup> Cf. Bernard Rimé, *Langage et communication*, ed. Serge Moscovici, *Psychologie sociale* (Paris: PUF, 1984), 420.

<sup>79</sup> Cf. Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 14.

<sup>80</sup> Galimberti, 14.

<sup>81</sup> Cf. Galimberti, 14.

<sup>82</sup> Francis Jacques, «La réciprocité interpersonnelle», *Connexions* 47 (1986): 110–36.

<sup>83</sup> Cf. Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 17.

desenrolam se tenham de adaptar aos seus utilizadores e não o oposto. É precisamente com esta perspetiva que importa realizar uma breve análise às diversas abordagens adotadas.<sup>84</sup>

A primeira abordagem foca-se essencialmente na teoria da presença social, uma vez que um dos aspetos analisados se concentra na baixa presença social. A problemática assenta no facto de esta carecer de características não verbais da comunicação presencial, posto que a CMC ocorre num vácuo social onde as identidades pessoais dos intervenientes tendem a dissipar e a desaparecer. Os intervenientes da CMC tendem a expressar-se de forma mais livre e aberta.<sup>85</sup> «As pessoas que interagem via computador estão isoladas das regras sociais e sentem-se menos sujeitas a crítica e controlo. Este sentido de privacidade fá-los sentir menos inibidos nas suas relações com os outros, ao passo que a perda de identidade pessoal possa estimular os intervenientes a quebrar as regras sociais».<sup>86</sup> Esta constatação tem também um impacto poderoso nos intervenientes e nas organizações em que acontecem, na medida em que tendem a tornar-se mais democráticas derivado ao efeito de equalização, dando aos sujeitos intervenientes maior influência nas decisões.<sup>87</sup> Neste sentido, «os sujeitos não se caracterizam por um ‘eu’ fixo, mas por uma variedade de ‘eu’ (anticategorias), incluindo as identidades pessoais e sociais que emergem dos contextos em que estão enraizados».<sup>88</sup> É precisamente pelo facto de desempenharem um papel decisivo na criação do contexto que a categorização social bem como os intervenientes em si mesmos, têm uma influência importante nos comportamentos dos mesmos, independentemente da copresença de outras pessoas. Por isso, é precisamente<sup>89</sup> «a ausência de feedback não verbal no CMC que torna estes processos ainda mais importantes do que na comunicação presencial».<sup>90</sup>

A segunda abordagem foca-se no estudo do que acontece no interior do CMC, logo, debruça-se em dois modelos organizativos, o Paradigma de Rede e a Teoria da Estruturação Adaptativa.

Como vimos anteriormente, a análise da presença social centrou-se na presença no processo comunicativo em si e, além de disso, nos estudos que surgiram posteriormente e

---

<sup>84</sup> Cf. Galimberti, 21.

<sup>85</sup> Cf. Galimberti, 22.

<sup>86</sup> Lotte Bailyn, Lee Sproull, e Sara Kiesler, «Connections: New Ways of Working in the Networked Organization.», *Administrative Science Quarterly* 37, n. 3 (1992): 491, <https://doi.org/10.2307/2393454>, 48.

<sup>87</sup> Cf. Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 23.

<sup>88</sup> J. C. Turner et al., *Rediscovering the social group: Self-categorization theory*. (Oxford: MIT Press, 1987), 173.

<sup>89</sup> Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 24.

<sup>90</sup> Martin Lea e Russell Spears, «Computer-mediated communication, de-individuation and group decision-making», *International Journal of Man-Machine Studies*, 1991, 283–301, [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/0020-7373\(91\)90045-9](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/0020-7373(91)90045-9), 286.

analisaram o contexto, particularmente as estruturas organizacionais onde a CMC acontece.<sup>91</sup> O CMC não produz apenas algum tipo de efeito de igualização dentro das organizações, pois também tende a manter, ou mesmo reforçar, a demarcação do estatuto com os padrões de interação existentes.<sup>92</sup> Por este motivo, importa também notar-se a possibilidade da CMC gerar ainda maior desigualdade dentro destas organizações. Torna-se necessário perceber com que tipo de organizações estamos a lidar, por isso, surgiram o Paradigma da Rede e a Teoria da Estruturação Adaptativa, para analisar a relação entre a CMC e a organização.<sup>93</sup>

O principal objetivo do primeiro é perceber os comportamentos dos intervenientes, que podem ser utilizadores, grupos ou organizações no que se refere às relações interpessoais. Esta abordagem tem o mérito de descrever a totalidade das relações entre os envolvidos de forma imediata e simples, apesar de também ter algumas condicionantes, desde o seu determinismo subjacente que transporta uma relação causal unidirecional entre o contexto social e a nova tecnologia, até à demonstração de interesse indevido pelas mudanças económicas provocadas pelo CMC.<sup>94</sup>

Por sua vez, o objetivo do segundo é compreender o impacto da tecnologia nos grupos e como estes se tendem a estruturar. Esta assume que os grupos coexistem em torno de rotinas sociais intimamente ligadas, quer no contexto social onde estão integrados, quer nas tarefas que desempenham.<sup>95</sup> Por isso se salienta que «os usos e o impacto da tecnologia tornam-se aparentes pela primeira vez nas complexas interações sociais entre utilizadores».<sup>96</sup> Nesta abordagem revelaram-se as estreitas ligações entre a tecnologia e a organização, dado que a tecnologia, ao promover novas rotinas sociais, tem impacto nas características organizacionais.

Do mesmo modo, importa referir também uma outra teoria, nesta análise, a Teoria do Posicionamento, que contribuiu com novas ideias relativamente à relação entre os processos mentais e comunicativos na análise do contexto. Como vimos acima, dá-se efetivamente uma

---

<sup>91</sup> Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 24.

<sup>92</sup> Cf. J.D. (1990) In Bikson, T.K., & Eveland, Jolene Galegher, e Robert E. Kraut, «Computer-mediated communication for intellectual teamwork: A field experiment in group writing», *Proceedings of the 1990 ACM Conference on Computer-Supported Cooperative Work, CSCW 1990*, n. October (1990): 65–78, <https://doi.org/10.1145/99332.99343>.

<sup>93</sup> Cf. Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 25.

<sup>94</sup> Cf. Galimberti, 25.

<sup>95</sup> Cf. Galimberti, 26.

<sup>96</sup> Noshir S. Contractor e David R. Seibold, «Theoretical Frameworks for the Study of Structuring Processes in Group Decision Support Systems: Adaptive Structuration Theory and Self-Organizing Systems Theory», *Human Communication Research* 19, n. 4 (sem data): 528–63, <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1993.tb00312.x>.

ligação entre os processos comunicativo e mental, ao que se dá o nome de ‘brainframes’, que leva à construção de estruturas com a relação entre comunicação, contexto social e identidade, principal preocupação desta teoria.<sup>97</sup> Neste sentido, «a linguagem externa e o diálogo interior estão intimamente relacionados, a ligação desempenha um papel crucial na formação da identidade do sujeito e nos processos mentais superiores».<sup>98</sup> É a forma como a interação com os outros intervenientes, que interfere no significado fundamental para a mudança da linguagem externa para o diálogo interior. É precisamente neste sentido de conversação que o sujeito interveniente não só atua como indivíduo auto-objetivo, como também colabora ativamente neste processo de posicionamento.<sup>99</sup>

Em conclusão deste ponto em estudo relativo às três raízes psicossociais, a partir das quais se constrói a subjetividade da comunicação interativa digital, permitiu-nos vislumbrar três vias possíveis nos estudos de comunicação. A primeira remete-nos para a noção que a cognição como atividade coordenada, cujos produtos não se situam apenas na mente, mas essencialmente no espaço entre as mentes. A segunda compreende a comunicação como um processo linear à utilização de modelos interlocutórios, como paradigmas de interação comunicativa. Por último e em terceiro lugar, transporta-nos para a passividade essencial da comunicação.<sup>100</sup> Ora, «cada rasto tem importantes implicações metodológicas e técnicas para o estudo da comunicação interativa via computadores, e resultou em novas formas de descrever o espaço virtual habitado pelos utilizadores da rede (ciberespaço)».<sup>101</sup> Essencialmente, «este espaço virtual é agora visto como um análogo eletrónico do espaço interlocutor no qual os sujeitos interagem, um espaço que paradoxalmente justapõe uma simulação convincente da presença física do outro, com o desaparecimento do rosto do interlocutor por detrás de uma máscara de falsas identidades».<sup>102</sup> Neste sentido, a principal característica do ciberespaço reside no facto de que através da interação se pode construir um novo sentido de autoestima e controlo, o que promove novos sentidos do ‘eu’, um novo sentido de presença que ocupa o espaço com formas fluidas de redes ou comunidade.<sup>103</sup>

---

<sup>97</sup> Cf. Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 29, 30.

<sup>98</sup> Brownyn Davies e Rom Harre, «Positioning: The discursive production of selves», *Journal for the theory of social behaviour*, n. 20 (1990): 43–63, <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1990.tb00174.x>.

<sup>99</sup> Cf. Galimberti, «Computer-mediated communication: Identity and social interaction in an electronic environment», 30.

<sup>100</sup> Cf. Galimberti, 35, 36.

<sup>101</sup> Galimberti, 36.

<sup>102</sup> Galimberti, 36.

<sup>103</sup> Cf. Galimberti, 36.

## 2.2. Como se comunicam os jovens adolescentes de hoje?

Partindo do estudo da biologia que ao longo dos séculos estuda a evolução das espécies, é sugerido que as diferenças linguísticas e cognitivas entre os sexos têm raízes pré-históricas. Nesta época, os homens precisavam de se comunicar entre si para caçar e defender-se, enquanto que as mulheres tinham a missão de criar e educar as crianças em sociedade e, por este motivo, desenvolviam uma forma de comunicar mais sofisticada.<sup>104</sup>

Remetendo-nos para a atualidade, os jovens rapazes adolescentes continuam a ser menos diretos, preferindo abordar assuntos mais neutros, enquanto que as raparigas são mais diretas, comunicando de forma mais íntima, nas quais partilham experiências e emoções. Estas características foram e são transportadas para os novos instrumentos de comunicação da atualidade permitindo aos adolescentes, a uma velocidade alucinante, serem compreendidos pelos colegas e amigos, enquanto que, opostamente, são cada vez menos compreendidos pelos adultos.<sup>105</sup>

Enquanto que nas décadas anteriores se usavam os diários para escrever sobre si mesmos, expor os seus sentimentos e emoções do quotidiano, na atualidade, essa exposição tornou-se cada vez mais pública, dentro da esfera das redes sociais, como o *Instagram*, *Facebook* ou *Twitter*.<sup>106</sup> A título de exemplo, os adolescentes portugueses enviam em média cerca de 40 a 100 mensagens (SMS)<sup>107</sup> por dia, o que demonstra que os adolescentes gostam de estar conectados com o mundo através das tecnologias que dispõem à distância de um clique.<sup>108</sup> Aliás, «as crianças e adolescentes, cada vez mais cedo, vivem ‘pregadas’ ao telemóvel ou ao *tablet*»<sup>109</sup>, por isso, segundo o estudo *Health Behaviour in School-aged Children* (HBSC) de 2018, percebemos que é na internet que os jovens adolescentes falam com maior facilidade sobre sentimentos mais profundos (24%), sobre as suas preocupações (20,3%), através da qual partilham mais facilmente os seus segredos (19,4). Por este motivo, 18,4% dos adolescentes

---

<sup>104</sup> Cf. Maria do Céu Machado, *Adolescentes* (Lisboa: FFMS, 2015), 82.

<sup>105</sup> Cf. Machado, 83.

<sup>106</sup> Cf. Matos, M., G., *Adolescentes - As suas Vidas, o seu Futuro*, vol. 1 (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020), 113.

<sup>107</sup> Short Message Service, na tradução portuguesa, Serviço de Mensagens Curtas.

<sup>108</sup> Cf. Machado, *Adolescentes*, 83.

<sup>109</sup> Machado, 83.

inquiridos mencionaram que falam várias vezes por dia com amigos que apenas conhecem ou conheceram pela internet e que não conheciam anteriormente.<sup>110</sup>

Sem dúvida que esta geração atual é a ‘geração digital’, a qual, pela primeira vez na história da humanidade, possui um conhecimento e aptidão superior aos pais e avós numa determinada área. Com efeito, apresentam-se como uma oportunidade rica e única para uma geração, não só para procurar informação para enriquecimento pessoal ou para trabalhos escolares, através do uso do computador, mas também para a recreação e interação social, nomeadamente com o uso dos telemóveis entre outros aparelhos eletrónicos, que permitem uma comunicação em tempo real, seja através de SMS’s ou através das redes sociais.<sup>111</sup>

Concluindo, é curioso que «a *wi-fi* e os equipamentos integrados apareceram, nas suas versões que agora consideramos ‘ingénuas’, nos anos 80, expandiram-se nos anos 90, e nos anos 2000 invadiram literalmente todo o nosso dia a dia, trabalho e lazer».<sup>112</sup> Esta proliferação deu-se de tal forma que «estas tecnologias parecem mesmo obedecer a um universal de cultura porque afetaram mais velhos e mais novos, homens e mulheres, pobres e ricos, países ocidentalizados e não ocidentalizados».<sup>113</sup>

### 2.3. Desafios e perigos colocados por este tipo de comunicação

Como já vimos, os novos modelos tecnológicos e de comunicação vieram transformar o mundo, desde o quotidiano das pessoas até às suas relações interpessoais. É um facto que o avanço da tecnologia nos fez e faz mudar hábitos, sair da rotina e entrar num novo mundo virtual, no qual, muitos adolescentes (e adultos) podem comunicar e exprimir-se, através das variadas plataformas digitais, com qualquer utilizador em todo mundo. Porém, essas formas de expressão têm consequências, quando o seu uso não é responsável. Essas consequências podem ser variadas, podendo gerar problemas psicológicos, físicos e comportamentais, tais como a dependência e o vício, a que se chama nomofobia (medo de ficar sem telemóvel);<sup>114</sup>

---

<sup>110</sup> Cf. Matos, *Adolescentes - As suas Vidas, o seu Futuro*, 121.

<sup>111</sup> Cf. Machado, *Adolescentes*, 84.

<sup>112</sup> Matos, *Adolescentes - As suas Vidas, o seu Futuro*, 123.

<sup>113</sup> Matos, 123.

<sup>114</sup> Cf. Perez Cabrejos et al., «Consecuencias de la nomofobia en adolescentes: una revisión sistemática.», *Conrado* 17, n. 81 (2021): 203–10.

sedentarismo e a obesidade; o isolamento social (afetado pelo *ciberbullying*) e a ansiedade; limitação dos interesses pessoais e sociais.<sup>115</sup>

É um facto que, «devido ao progresso tecnológico, às redes sociais e à presença da Internet em todos os telemóveis, a sociedade transformou-os numa necessidade para o ser humano, uma vez que simplificam a sua vida»,<sup>116</sup> porém podem levar a uma dependência patológica em inúmeros casos, desenvolvendo os chamados comportamentos desviantes no que concerne à sua utilização.

É precisamente neste sentido que, no que diz respeito à dependência,

«um estudo do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em parceria com a Universidade de Nottingham Trent, encontrou 73% de jovens dos 14 os 25 anos, em 900 inquiridos, com sinais de dependência do mundo digital traduzidos por isolamento, irritabilidade e comportamento violento por insucesso num jogo digital, ou proibição de jogar, dos quais 13% já com níveis graves de dependência. Os próprios (52,1%) reconhecem dependência. São maioritariamente do sexo masculino e frequentam o ensino secundário, mas a dependência pode surgir em qualquer idade».<sup>117</sup>

Acrescenta-se ainda um outro estudo, *Net children go mobile*, no qual é referido que, devido à utilização excessiva destes dispositivos, «6% dos adolescentes admitiram ter ficado sem comer ou sem dormir por causa da Internet».<sup>118</sup> Compreende-se, portanto, o impacto que causa na capacidade de concentração, refletido no desempenho escolar e na quantidade e qualidade de sono noturno.<sup>119</sup>

Concluindo, é notório que o uso frequente dos variados dispositivos eletrónicos, nomeadamente o telemóvel, causam problemas em muitas áreas da vida humana. Esta exposição aos ecrãs eletrónicos não só tem revelado a conseqüente agravante de um menor nível de desenvolvimento cognitivo e linguístico, mas também a adoção de uma atitude passiva em relação ao mundo e para com o mundo.<sup>120</sup>

Acrescenta-se ainda que, após estudadas e analisadas as conseqüências da nomofobia nos adolescentes, verificou-se que estas ultrapassam os simples problemas psicológicos, revelando uma imagem clara do panorama sórdido e catastrófico que os espera. Neste sentido.

---

<sup>115</sup> Cf. Machado, *Adolescentes*, 85.

<sup>116</sup> Cabrejos et al., «Consecuencias de la nomofobia en adolescentes: una revisión sistemática.», 203-10.

<sup>117</sup> Machado, 86.

<sup>118</sup> Machado, 86.

<sup>119</sup> Cf. Cabrejos et al., «Consecuencias de la nomofobia en adolescentes: una revisión sistemática.», 203-10.

<sup>120</sup> Cf. Cabrejos et al.

é necessária e urgente uma intervenção precoce e eficaz, quer nos lares, quer nas escolas, quer na própria sociedade.<sup>121</sup>

#### 2.4. O fenómeno das redes sociais e do indivíduo pessoal

Compreender o fenómeno das redes sociais e do indivíduo pessoal como sujeito social nas redes sociais na Internet, passa pelo estudo dos sites de redes sociais (SRSs). Estes sites, como veremos, não são exatamente um fenómeno novo, mas uma consequência da apropriação das ferramentas da CMC por esses mesmos atores sociais. Por este motivo, consideraremos, neste ponto, como SRS todas as ferramentas que são utilizadas de modo a permitir que se expressem as redes sociais suportadas por ela.

Neste sentido, «os sítios de redes (SRS) tornaram-se veículos para as pessoas expressarem as suas identidades. Vários estudos examinaram a expressão da identidade em diferentes redes sociais».<sup>122</sup> Podemos definir os SRS's como «sites concebidos para permitir e encorajar os utilizadores a criarem redes de contactos e a partilharem mensagens e conteúdos audiovisuais, que frequentemente são direccionados a um público abrangente».<sup>123</sup> Cada um destes sítios possui características únicas que podem ser compreendidos em variadas categorias, consoante a sua riqueza e a forma como cada ator social atua nessas diferentes redes sociais. Por isso, sites com um maior número de funcionalidades, não só facilitam o autorretrato de cada sujeito, mas também melhoram a qualidade de comunicação entre os diversos atores sociais. Assim, uma vez que cada SRS é único no que respeita à sua arquitetura física, os diferentes estudos sugerem que os comportamentos sociais também podem diferir, nomeadamente a forma como cada ator se apresenta e se desenvolve nos diferentes Serviços de Rede Social<sup>124</sup> (SNS).<sup>125</sup>

Por conseguinte, partindo da teoria da riqueza dos media, verificamos que as plataformas dos media são classificadas pela sua riqueza no que respeita à sua capacidade de emular a comunicação na vida real. De acordo com Daft e Lengel, «a posição que uma

---

<sup>121</sup> Cf. Cabrejos et al.

<sup>122</sup> Lee e Borah, «Self-presentation on Instagram and friendship development among young adults: A moderated mediation model of media richness, perceived functionality, and openness.», *Computers in Human Behavior*, n.103 (2020): 57–66.

<sup>123</sup> Pedro Miguel et al., «Redes sociais, novos media e SRS's», *ALCEU* 16, n. 32 (2016): 183–92.

<sup>124</sup> Traduzido do inglês *social networking service*.

<sup>125</sup> Lee e Borah, «Self-presentation on Instagram and friendship development among young adults: A moderated mediation model of media richness, perceived functionality, and openness.».

plataforma ocupa no espectro depende de quatro dimensões, se a plataforma permite: interação imediata; a utilização de várias pistas, por exemplo, textos, imagens, símbolos gráficos, presença física, gestos, etc.; foco em interesses pessoais; e comunicação com linguagens naturais». <sup>126</sup> Com efeito, quanto mais a plataforma de rede social ou comunicação apresentar as características acima referidas, mais rica é considerada. A título de exemplo, encontramos opostos em plataformas tais como Instagram e E-mail, respetivamente. Atualmente existem um universo de *sites* de redes sociais incontável, com propósitos muito diversos, criados para perfis muito segmentados ou com objetivos muito especializados, tais como o LinkedIn, o maior *site* de rede social de perfis de profissionais. <sup>127</sup>

Ora, partindo dos pressupostos acima analisados, compreendemos que os diversos sites de redes sociais compreendem diversas variantes conforme os seus objetivos, porém, importa ainda, debruçarmo-nos sobre um dos elementos mais relevantes do estudo dos sites de redes sociais, denominada de ‘verificação dos valores’ construídos nesses ambientes. Essa verificação de valor é normalmente designada de ‘capital social’, porque compreende o conjunto de conexões construídas, mantidas e amplificadas no ciberespaço. <sup>128</sup> Este pressuposto verifica-se pela forma como os

«sites de redes sociais proporcionam que os atores aumentem significativamente as suas conexões sociais. No entanto, essas conexões sociais não são iguais às conexões *off-line*. São conexões que são mantidas pelo sistema e não pelas interações. Portanto, os sites de redes sociais amplificam a expressão da rede social e a conectividade dos grupos sociais». <sup>129</sup>

Como tal, é precisamente na dinâmica entre atores sociais que a rede social efetivamente se constrói, dado que é com base nos indivíduos que a rede social se vai tornar mais abrangente ou exclusiva, maior ou menor. <sup>130</sup>

Neste sentido, iremos ver um dos diversos valores construídos e relacionados aos sites de rede social e a sua apropriação pelos atores. Dos variados valores construídos nesses sites (visibilidade, reputação, popularidade, autoridade), iremos focar apenas no valor da visibilidade, pelo facto das redes sociais permitirem aos atores sociais estar mais conectados, o que leva, conseqüentemente, a um aumento da visibilidade social desses atores, caracterizados como ‘nós’.

---

<sup>126</sup> Lee e Borah.

<sup>127</sup> Cf. Miguel et al., «Redes sociais, novos media e SRS's».

<sup>128</sup> Cf. Miguel et al.

<sup>129</sup> Miguel et al.

<sup>130</sup> Rodrigo Otávio dos Santos, «A relação público/privada na juventude mediada pelas plataformas de redes sociais digitais», *Cadernos Metrôpole* 24, n. 55 (2022): 871–90, <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2022-5501>.

Precisamente, a visibilidade nessas redes é construída enquanto um valor porque proporciona que os ‘nós’ sejam mais visíveis na rede. Com isso,

«um determinado ‘nó’ pode amplificar os valores que são obtidos através dessas conexões tais como o suporte social e as informações».<sup>131</sup> Por isso, «quanto mais conectado está o ‘nó’, maiores as possibilidades de que ele receba determinados tipos de informação que circulam na rede, e de obter suporte social quando o solicitar. Assim, a visibilidade está conectada ao capital social relacional».<sup>132</sup>

Acrescenta-se o facto da visibilidade também se relacionar com a manutenção da rede social, dado que um site de rede social também pode ter utilidade para auxiliar a manutenção de laços sociais com quem se encontra fisicamente distante. Tal significa que há, igualmente, um efeito significativamente complexo das redes sociais, provocado pelos sites também no plano *off-line*.<sup>133</sup>

Em conclusão, o aumento exponencial da visibilidade não só nos torna mais visíveis na rede, como vimos, como também potencia o modo como cada ator social se apresenta na rede social. Essa funcionalidade, englobada no conjunto das diversas funcionalidades entendidas como ‘capital social’, remetem-nos para a compreensão da autoexpressão dos atores sociais. Destas funcionalidades de autoexpressão fazem igualmente parte a concretização do fenómeno da autoapresentação dos sujeitos sociais nas redes e plataformas sociais.

#### 2.4.1. A autoapresentação da pessoa (jovem) nas plataformas digitais

Tal como compreendemos no ponto acima, a forma como cada ator social se apresenta numa rede social difere mediante fatores intrínsecos e extrínsecos. Os fatores intrínsecos correspondem à personalidade de cada ator social e, por outro lado, os fatores extrínsecos correspondem as funcionalidades que cada plataforma de rede social possui, permitindo inúmeras formas de autoapresentação aos atores sociais.

Por conseguinte, partindo do estudo *Computers in Human Behavior – Self-presentation on Instagram and friendship development among young adults*, compreendemos que os jovens

---

<sup>131</sup> Miguel et al., «Redes sociais, novos media e SRS's», 108.

<sup>132</sup> Miguel et al.

<sup>133</sup> Cf. Miguel et al.

com diferentes graus de abertura podem obter diferentes resultados nas suas amizades, consoante a sua autoapresentação.

Os jovens com um maior grau de abertura são caracterizados como cognitivamente ativos. Tal aspeto reflete-se num perfil de pessoas (jovens) que se expressam e não têm dificuldade em partilhar ideias. Com naturalidade, estes detêm uma maior probabilidade de criarem e manterem um maior número de relações interpessoais, dado que pessoas mais abertas tendem a publicar e expressar-se mais,<sup>134</sup> podendo até procurarem e utilizarem plataformas mais ricas para se autoapresentarem.<sup>135</sup> Assim, «aqueles indivíduos que ... são capazes de ultrapassar as habituais características de bloqueio pela força da personalidade ... e que têm aptidões sociais necessárias para se comunicarem bem e efetivamente, têm pouca necessidade de se exprimirem verdadeiramente ('real me') através da Internet».<sup>136</sup>

Curiosamente, uma das questões mais interessantes consiste no facto deste estudo responder e teorizar sobre «o efeito moderador do traço de personalidade de abertura na associação indireta entre a riqueza dos media e a autoapresentação através da funcionalidade percebida».<sup>137</sup> Isto significa que,

«os resultados indicaram que a funcionalidade percebida era um mediador importante, mas os caminhos mediadores para a autoapresentação dependiam da abertura dos indivíduos, de tal forma que o efeito era mais forte para as pessoas com menor abertura. O resultado sugeriu que, quando as pessoas com baixo grau de abertura percecionam a plataforma como sendo fácil de utilizar, agradável, flexível e eficaz (ou seja, elevada funcionalidade percecionada), participam mais na autoapresentação do que as pessoas com elevado grau de abertura. Esta conclusão está em consonância com estudos que sugerem que as pessoas com baixo nível de abertura não estão totalmente fechadas às experiências. Em vez disso, estariam dispostas a experimentar novas experiências se as considerassem agradáveis e adaptativamente desafiantes. Neste sentido, em comparação com as pessoas com um elevado grau de abertura, o comportamento de autoapresentação das pessoas com um baixo grau de abertura é mais determinado pela forma como compreendem a arquitetura física dos contextos online em que se encontram».<sup>138</sup>

---

<sup>134</sup> Cf. Danielle Ka Lai Lee e Porismita Borah, «Self-presentation on Instagram and friendship development among young adults: A moderated mediation model of media richness, perceived functionality, and openness», *Computers in Human Behavior* 103, n. July 2019 (2020): 57–66, <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.09.017>.

<sup>135</sup> Cf. Lee e Borah.

<sup>136</sup> Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason, «Relationship formation on the Internet: what's the big attraction», *Journal of Social Issues* 58, n. 1 (2002): 9–31.

<sup>137</sup> Lee e Borah, «Self-presentation on Instagram and friendship development among young adults: A moderated mediation model of media richness, perceived functionality, and openness.»

<sup>138</sup> Lee e Borah, «Self-presentation on Instagram and friendship development among young adults: A moderated mediation model of media richness, perceived functionality, and openness.»

Existem várias possíveis explicações para esta perspetiva, nomeadamente pelo facto de na autoapresentação com meros conhecidos no online se assemelhar ao fenómeno comparativo de ‘estranhos num comboio’, com os quais, por vezes, as pessoas possam partilhar informações de carácter íntimo derivado ao facto de estes estranhos não fazerem parte do círculo social de uma determinada pessoa, não violando deste modo a fronteira diádica.<sup>139</sup> Outra das possíveis explicações consiste na ausência dos traços habituais da presença e aparência física, algum estigma aparente, como a timidez ou ansiedade social, podendo colocar barreiras à compreensão da parte do outro sobre o ‘verdadeiro eu’ daquele que se autoapresenta. Com efeito, as qualidades da comunicação na internet referidas acima, tem o efeito geral de facilitar a divulgação e expressão do eu verdadeiro ou do eu interior.<sup>140</sup>

Por fim, não só as funcionalidades de autoexpressão proporcionadas pela rede social em questão reforçam a perceção dos utilizadores para as oportunidades de expressão, como contribuem para os comportamentos de autoexpressão desses mesmos utilizadores.<sup>141</sup> Como tal, verifica-se que a autoapresentação tem efetivamente um profundo impacto num universo de aspetos percetivos e sociais, confirmando que o desenvolvimento de amizades que se podem criar através desta, consiste numa das formas mais significativas de capital social.<sup>142</sup>

#### *2.4.2. A objetividade das plataformas digitais nas relações interpessoais e de amizade como elemento facilitador da amizade ou de algum tipo de amizade*

Se no subtópico anterior verificamos que a autoapresentação está implicitamente ligada ao indivíduo enquanto ator social, neste ponto procuramos entender se as plataformas digitais conseguem imprimir carácter permanente nessas relações de amizade estabelecidas no âmbito das redes sociais. Neste sentido, temos o objetivo de compreender se estas são facilitadoras na criação de laços de amizade e se, dentro do âmbito digital, podem perdurar no tempo e serem transportadas para o âmbito presencial.

---

<sup>139</sup> Cf. Zick Rubin, «Disclosing oneself to a stranger: Reciprocity and its limits», *Journal of Experimental Social Psychology* 11, n. 3 (1975): 233–60, [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0022-1031\(75\)80025-4](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0022-1031(75)80025-4).

<sup>140</sup> Cf. Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason, «Relationship formation on the Internet: what’s the big attraction».

<sup>141</sup> Cf. Lee e Borah, «Self-presentation on Instagram and friendship development among young adults: A moderated mediation model of media richness, perceived functionality, and openness».

<sup>142</sup> Cf. Lee e Borah.

Neste sentido, as relações interpessoais de amizade que se estabeleçam e perduram no tempo começam pela atração entre semelhantes, dado que «tendemos a ser mais atraídos por outros que são semelhantes a nós e que partilham as nossas opiniões»,<sup>143</sup> por isso, quanto mais semelhantes forem os dois atores em conversação, mais compatíveis são. Porém, pode ser uma tarefa complicada encontrar outros sujeitos que partilhem os mesmos ou interesses semelhantes na área local, de trabalho ou estudo e, quando se conhecem de forma presencial, entendida como forma tradicional, leva geralmente mais tempo a compreender os pontos em comum. Caso estes existam, subsiste um terreno comum no qual permite que estes atores sociais avancem rapidamente à descoberta de outros interesses-chave que possam ter e que possam partilhar, na construção de relações de amizade.<sup>144</sup>

Para compreendermos esta possibilidade, teremos como base o estudo *Relationship formation on the Internet: What's the big Attraction*, que realizou um conjunto de três estudos com o objetivo de compreender a possibilidade de criação de verdadeiras amizades no *online*, se estas são trazidas para o *offline* e se perduram no tempo e, por fim, se o papel do anonimato influencia o desenvolvimento de sentimentos de gosto por outros nas interações do *online*, em comparação com o *offline*.<sup>145</sup>

Com base no primeiro estudo, ficou visível que quanto mais as pessoas expressam as facetas do seu eu nas plataformas digitais e que não têm a mesma facilidade nos contextos tradicionais, maior é a probabilidade de criarem fortes ligações com aqueles que encontram na Internet. Além disso, tendem a desenvolver as suas relações de amizade (ou amorosas) com maior rapidez em comparação com as relações fora do contexto da internet. Por este motivo, também se verificou a tendência de trazer os amigos da internet para a vida real, através de encontros presenciais ou de conversações telefónicas.<sup>146</sup>

Em conclusão deste ponto de estudo, constatou-se que «as relações de conhecidos na internet podem desenvolver-se, e evoluem, em relações próximas e mesmo íntimas»,<sup>147</sup> por isso, aqueles que demonstram o verdadeiro eu, têm mais probabilidades de formar relações online.

---

<sup>143</sup> Donn Byrne, «An Overview (and Underview) of Research and Theory within the Attraction Paradigm», *Journal of Social and Personal Relationships* 14, n. 3 (1997): 417–31, <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/0265407597143008>.

<sup>144</sup> Cf. Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason, «Relationship formation on the Internet: what's the big attraction».

<sup>145</sup> Cf. Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason.

<sup>146</sup> Cf. Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason.

<sup>147</sup> Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason.

Por este motivo, este primeiro estudo apoiou a tese de que relações de amizade estreitas e significativas podem ser criadas na internet, nas diversas plataformas digitais de redes sociais.

«Quando as pessoas localizam o seu verdadeiro eu na internet... integram as suas fortes relações na internet na sua identidade e autoestrutura, e assim, querem torna-las uma realidade social, trazendo estas relações para as suas vidas reais. Além disso, as relações tendem a desenvolver a proximidade e a intimidade mais rapidamente do que nas relações na vida real».<sup>148</sup>

Partindo para o segundo estudo deste mesmo artigo, verificou-se que uma grande percentagem das relações permaneceram estáveis e duradouras no decorrer do tempo (período de 2 anos), colocando um panorama muito favorável em comparação com as relações que se formam e perduram exclusivamente no *face to face* do mundo real. Além disso, mais de oitenta por cento, referiu que considerava essas relações tão importantes e tão próximas como as suas relações que surgiram fora do mundo digital. Com este facto, verificamos a existência de características de personalidades estáveis e fiáveis, no decorrer das demonstrações do seu verdadeiro eu, enquanto expressão de si mesmos por parte dos atores sociais no mundo real.<sup>149</sup>

Prosseguindo para o terceiro estudo, no qual comparado o impacto da ausência de características presenciais e tradicionais de relacionamento, como a aparência física ou a linguagem corporal, em contraste com o ambiente digital e se este teria importância no surgimento e desenvolvimento da amizade, verificou-se que aqueles que se conheceram pela primeira vez na internet nutriram uma maior simpatia pelos parceiros do que aqueles que se conheceram pessoalmente, num primeiro encontro. Por sua vez, já num segundo encontro presencial, o gosto pelo parceiro foi maior para os que se conheceram inicialmente através da internet, nos quais os fatores de *face to face* e a aparência física já estavam presentes para todos os participantes.<sup>150</sup>

Em conclusão, este estudo demonstrou que, «quando as pessoas se encontram na internet, na ausência dos elementos de união que estão presentes em situações presenciais, gostam mais umas das outras do que gostariam se se tivessem encontrado inicialmente cara a cara. Além disso, este gosto tende a sobreviver a um encontro cara a cara posterior».<sup>151</sup>

---

<sup>148</sup> Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason.

<sup>149</sup> Cf. Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason.

<sup>150</sup> Cf. Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason.

<sup>151</sup> Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason.

---

**II CAPÍTULO**

**ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI: DESAFIOS ATUAIS PARA A FRATERNIDADE**

---

## II - Encíclica Fratelli Tutti: Desafios atuais para a fraternidade

No capítulo anterior debruçamo-nos sobre os conceitos de adolescência e de amizade, compreendendo-as num contexto social e digital nos jovens adolescentes. Neste capítulo, iremos procurar compreender de que forma a Encíclica *Fratelli Tutti* (FT) se pode relacionar com os jovens (e as pessoas em geral), dando o seu contributo no contexto atual de relações interpessoais, num mundo globalizado e conectado em tempo real.

Sabendo que a comunicação humana é um ponto central no pontificado do Papa Francisco, iremos começar por analisar de que forma a cultura digital e os avanços tecnológicos promovem realmente uma comunicação e fraternidade verdadeiras, ou se estes se apresentam como obstáculos, num contexto de amizades sociais e digitais, dado que o objetivo se centra na concretização da cultura do encontro. Por isso, o nosso objetivo não se centra em elaborar uma listagem esquemática de todas as contribuições do Papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti* e restantes contributos noutros documentos do magistério, mas procurar compreender quais são os pontos chave e as linhas de interpretação.

### 1. Caminhos para o diálogo na amizade digital e na amizade social. Realidade ou utopia?

No capítulo anterior compreendemos que as relações interpessoais, no que se refere à maioria dos processos humanos e sociais na hodiernidade, passam de algum modo pelas conexões digitais, pela rede. Neste sentido, o nosso objetivo neste ponto não é responder à pergunta colocada, mas apresentar as problemáticas às quais a sociedade hodierna está exposta dentro do panorama social e digital, demonstrando os caminhos pelos quais estamos a caminhar.

Partindo do último tópico do capítulo anterior, verificamos que «a revolução digital, não é só tecnológica, é também social, económica, política e cultural, pois colocou a informação no centro de todos os processos humanos. Transformou as culturas locais ao expô-las ao ambiente global, criando uma única cultura digital».<sup>152</sup> Por este motivo, a cultura da hodiernidade tornou-

---

<sup>152</sup> Filipe Domingues, «A cultura digital no magistério do Papa Francisco Digital culture in the magisterium of Pope Francis», *Ephata* 5, n. 1 (2023): 75–108, <https://doi.org/https://doi.org/10.34632/ephata.2023.13001>.

se numa cultura de comunicação, na qual o elemento digital foi incorporado com naturalidade. Como vimos, «as redes sociais, que são apenas uma das faces mais notáveis da cultura digital, permitem que diferentes tipos de relações humanas encontrem expressões digitais».<sup>153</sup> Nas palavras do Papa Francisco, «os ambientes digitais estão entre os principais espaços onde se encontram os jovens»<sup>154</sup> e que estes podem gerar grandes oportunidades, dado que é a onde os jovens se encontram. São «uma nova maneira de comunicar e criar vínculos, sendo uma “praça” onde os jovens passam muito tempo e se encontram facilmente».<sup>155</sup> (CV 87)

No entanto, não podemos descurar que a transformação digital traz consigo consequências que podem ser devastadoras, porque os indivíduos e subculturas que não entraram, ou que não se adaptaram ao universo digital e às suas dinâmicas, possam estar sujeitos a serem marginalizados, estando por isso, menos visíveis ao olhar da sociedade no seu todo.<sup>156</sup> De facto, a tecnologia digital carrega consigo um grande paradoxo, sendo tão presente e tão difusa que já se torna praticamente invisível aos nossos olhos, já não a notamos.<sup>157</sup>

É precisamente no paradoxo das novas tecnologias carregarem consigo toda uma complexidade, que somos remetidos para a carta Encíclica do Papa Francisco *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, na qual refere no parágrafo 47 que,

«A isto vêm juntar-se às dinâmicas dos *mass media* e do mundo digital, que, quando se tornam omnipresentes, não favorecem o desenvolvimento duma capacidade de viver com sabedoria, pensar em profundidade, amar com generosidade. Neste contexto, os grandes sábios do passado correriam o risco de ver sufocada a sua sabedoria no meio do ruído dispersivo da informação. Isto exige de nós um esforço para que esses meios se traduzam num novo desenvolvimento cultural da humanidade, e não numa deterioração da sua riqueza mais profunda. A verdadeira sabedoria, fruto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas, não se adquire com uma mera acumulação de dados, que, numa espécie de poluição mental, acabam por saturar e confundir».<sup>158</sup> (LS 47)

Com efeito, através da evolução tecnológica e dos meios de comunicação podemos partilhar conhecimentos e afetos, contudo, ainda existem muitas complexidades que nos

---

<sup>153</sup> Domingues.

<sup>154</sup> Domingues.

<sup>155</sup> Papa Francisco, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal: Christus Vivit*, 2019, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html).

<sup>156</sup> Cf. Domingues, «A cultura digital no magistério do Papa Francisco Digital culture in the magisterium of Pope Francis».

<sup>157</sup> Marc Prensky, «H. Sapiens Digital : From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom Digital Wisdom», *Innovate: Journal of Online Education* 5, n. 3 (2009), <https://www.learntechlib.org/p/104264/>.

<sup>158</sup> Papa Francisco, *Louvado Sejas - Carta Encíclica Laudato Si'* (Águeda: Paulinas, 2015), [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_encyclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html).

impedem de aproximar uns dos outros, tomar «contacto direto com a angústia, a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua existência pessoal».<sup>159</sup> Com isto vemos que o Papa Francisco coloca questões e lança críticas à média digital, em grande parte, pela falência das relações interpessoais, com a constatação de uma insatisfação crescente, cada vez mais marcadas pela melancolia e insatisfação, pelo vazio e existencial e de sentido, com o aparecimento de um ‘nocivo isolamento’.<sup>160</sup> Como tal, quando o Papa Francisco fala de ecologia integral, quer destacar que a evolução tecnológica não se apresenta como um mero ‘remédio técnico’, no concerne à falta de harmonia entre o ser humano e o mundo que o rodeia. «Não basta simplesmente descobrir e inventar novas tecnologias que restabelecerá as relações entre as pessoas, com a ‘casa comum’ e com Deus, de forma mais harmónica, saudável e sustentável».<sup>161</sup> Isto é verificável a partir do momento em que, ao analisarmos como funcionam as redes sociais, fonte primária digital para um envolvimento maior entre as pessoas, compreendemos as contestantes evoluções a que estão sujeitas e que acontecem em ciclos cada vez mais curtos, estruturadas em algoritmos e em processos complexos.

Para percebermos como estes processos funcionam, importa compreender que estamos perante duas perspetivas; a da estabilização (manter o mesmo posicionamento sem qualquer evolução) e a da progressão (que traz consigo maior atenção por quebrar com paradigmas instalados). A progressão é, precisamente, o aspeto que permite evitar a descontinuidade entre o digital e o material, encarada como um fenómeno humano, dado que se associa a transformação social à progressão do ser humano.<sup>162</sup> «Este fenómeno, ligado à aceleração da evolução digital, é definido como o ‘ocaso do social’, sinal de uma transição necessária que se baseia na transição intergeracional. Neste sentido, as evoluções materiais e digitais da sociedade caminham juntas com escalas de tempo que se determinam mutuamente».<sup>163</sup>

Neste aspeto, os algoritmos apresentam precisamente um papel peculiar, pela sua complexa atuação no mundo digital, dado que podem focalizar as ações para caminhos não desejáveis. Podemos definir o algoritmo como aquilo que «regula cada vez mais a seleção dos conteúdos digitais, indica as faixas preferenciais a que os membros podem pertencer. A pertença manifesta-se através de uma comunicação estreita, já não em espaços públicos de

---

<sup>159</sup> Domingues, «A cultura digital no magistério do Papa Francisco Digital culture in the magisterium of Pope Francis».

<sup>160</sup> Cf. Domingues.

<sup>161</sup> Domingues.

<sup>162</sup> Rocco Predoti, «L’universo dell’umano digitale. Annuncio apofatico ed epifania del kerygma The universe of the digital human. Apophatic announcement and epiphany of the kerygma», *Ephata* 5, n. 1 (2023): 51–74, <https://doi.org/https://doi.org/10.34632/ephata.2023.13000>.

<sup>163</sup> Predoti.

partilha, mas em chats privados onde se estabelecem».<sup>164</sup> Portanto, a informação que nos é encaminhada e tudo o que se define como conteúdo digital que nos é sugerido, são resultado de um processamento algoritmo. O espaço reservado à comunicação e à interação em função dos nossos gostos e comentários é cada vez mais residual, elegendo a partilha de conteúdos como preferência, que podem ser dirigidos por terceiros. É precisamente neste aspeto que é compreensível o quanto os média sociais se estão a afastar dos paradigmas de comunicação e a enveredar por uma configuração mais existencial, focada na pessoa humana, enquanto ser individual. Por este motivo, estamos perante um novo modo de ser do ser humano, um novo paradigma na hodiernidade, que o envolve na sua essência e totalidade.<sup>165</sup> «Falar da totalidade do ser humano significa exprimir a totalidade das suas dimensões, em ordem diacrónica e sincrónica, abertas a uma perspetiva futura que o digital continua a determinar».<sup>166</sup>

Perante este aspeto, coloca-se uma questão pertinente. «Será que isto implica uma mudança social, uma perceção diferente de si próprio, uma forma alternativa de se comportar perante o mundo? Estamos no domínio das opiniões, diferentes e variáveis, mas que marcam o ritmo de uma fluidez em que a humanidade continua a mergulhar».<sup>167</sup>

Ora, não nos é fácil dar uma resposta a esta pergunta nem é o nosso objetivo, mas podemos encontrar linhas orientadoras nas diversas mensagens do Papa Francisco para o dia mundial das comunicações digitais. Na mensagem de 2014, diz-nos que «não basta circular pelas ‘estradas’ digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação».<sup>168</sup> De facto, não existem algoritmos que disponham da capacidade e possibilidade do amor ou de um gesto gratuito de caridade. «As relações digitais podem ser vividas no horizonte do nós comunitário em que se projeta a vida de cada pessoa. Nas relações digitais, a existência inteira e real da pessoa está envolvida, pelo que a experiência de caridade permite que toda a existência seja conduzida para uma realidade superior à imanência digital».<sup>169</sup> Efetivamente, esta realidade

---

<sup>164</sup> Cf. Predoti.

<sup>165</sup> Cf. Predoti.

<sup>166</sup> Martina Vazzoler, *Homodigitalis: Verso un nuovo paradigma umano nell'era digitale*. (Milão: HOEPLI, 2020).

<sup>167</sup> Vazzoler.

<sup>168</sup> Papa Francisco, *Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII dia mundial das comunicações sociais*, 2014, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.pdf).

<sup>169</sup> Predoti, «L'universo dell'umano digitale. Annuncio apofático ed epifania del kerygma The universe of the digital human. Apophatic announcement and epiphany of the kerygma».

superior dá-se quando a comunicação transborda do ambiente digital para o encontro presencial e pessoal entre pessoas, na concretização do olhar e do toque<sup>170</sup>. É importante ter consciência dos valores do diálogo e do bem comum, que se materializam na vida real.<sup>171</sup> É com este intuito que o santo padre Papa Francisco, na mensagem para o dia mundial das comunicações sociais de 2016, insiste em afirmar que,

«a comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo assim a sociedade. Como é bom ver pessoas esforçando-se por escolher cuidadosamente palavras e gestos para superar as incompreensões, curar a memória ferida e construir paz e harmonia. As palavras podem construir pontes entre as pessoas, as famílias, os grupos sociais, os povos. E isto acontece tanto no ambiente físico como no digital. Assim, palavras e ações não-de ser tais que nos ajudem a sair dos círculos viciosos de condenações e vinganças que mantém prisioneiros os indivíduos e as nações, expressando-se através de mensagens de ódio. Ao contrário, a palavra do cristão visa fazer crescer a comunhão e, mesmo quando deve com firmeza condenar o mal, procura não romper jamais o relacionamento e a comunicação».<sup>172</sup>

Não deixa de ser curioso que para poder haver uma comunicação eficaz e real é necessário colocarmo-nos no lugar daquele que fala, estando atentos, à verdadeira escuta daquele que procura favorecer este encontro. Por isso, é igualmente importante educar para a escuta, para se habituar ao diálogo, abrindo-se ao confronto construtivo da diversidade.<sup>173</sup>

Consequentemente, aquele que procurar efetivamente, sabe que comunicar «significa partilhar, e a partilha exige a escuta, o acolhimento. Escutar é muito mais do que ouvir. Ouvir diz respeito ao âmbito da informação; escutar, ao invés, refere-se ao âmbito da comunicação e requer a proximidade».<sup>174</sup> Precisamente, «a escuta permite-nos assumir a atitude justa, saindo da tranquila condição de espectadores, usuários, consumidores. Escutar significa também ser capaz de partilhar questões e dúvidas caminhar lado a lado, libertar-se de qualquer presunção de onipotência e colocar, humildemente, as próprias capacidades e dons ao serviço do bem comum».<sup>175</sup> Aquele que escuta com atenção e que se coloca no lugar do outro, abre-se ao diálogo no seu verdadeiro sentido, compreendendo que o outro me pode acrescentar algo.

---

<sup>170</sup> Cf. Domingues, «A cultura digital no magistério do Papa Francisco Digital culture in the magisterium of Pope Francis».

<sup>171</sup> Cf. Papa Francisco, «Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social», 2015, 97, [http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19310515\\_quadragesimo-anno.pdf](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.pdf). (FT 200-02)

<sup>172</sup> Papa Francisco, *Mensagem de sua Santidade Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2016, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20160124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

<sup>173</sup> Cf. Predoti, «L'universo dell'umano digitale. Annuncio apofático ed epifania del kerygma The universe of the digital human. Apophatic announcement and epiphany of the kerygma».

<sup>174</sup> Francisco, *Mensagem de sua Santidade Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

<sup>175</sup> Francisco.

«Com efeito, num verdadeiro espírito de diálogo, nutre-se a capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria».<sup>176</sup> (FT 203)

Nas mensagens dos anos seguintes para o dia mundial das comunicações sociais, o santo Padre Papa Francisco continua o seu aprofundamento nesta temática da comunicação construtiva, que escuta e sai para a praça pública, promovendo a cultura do encontro. Como vimos, no contexto digital é possível estabelecer esta possibilidade de encontro, porque as diversas formas de comunicação em rede podem ser formas de comunicação plenamente humanas.<sup>177</sup> «Não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas o coração do homem e a sua capacidade de fazer bom uso dos meios ao seu dispor. As redes sociais são capazes de favorecer as relações e promover o bem da sociedade, mas podem também levar a uma maior polarização e divisão entre as pessoas e os grupos».<sup>178</sup> Por isso, partindo do digital para o social, devemos partir para o campo de ação da vida real.

Com efeito, é nesta perspetiva que nas mensagens de 2021 e de 2022, escritas já dentro de um contexto influenciado pela pandemia da Covid-19 que colocou a sociedade hodierna em sobressalto e que veio transformar a forma como até então nos relacionávamos, revolucionando simultaneamente as nossas relações com a tecnologia, o Santo Padre frisa a ideia de que para conhecer a realidade, é preciso sair de casa, dos escritórios, das redes sociais e ‘gastar as solas dos sapatos’.<sup>179</sup> Quem não realiza este processo de sair para a realidade, corre o risco de ficar preso dentro de uma ilusão, expressamente referida pelo sumo pontífice no que toca ao mundo digital, ao afirmar que «os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas».<sup>180</sup> (FT 43) Por este motivo, são imprescindíveis os gestos físicos, o olhar do tu a tu, rosto no rosto, envoltos numa linguagem corpórea, que são partes integrantes e necessárias da comunicação humana.<sup>181</sup>

Em conclusão, é certo que a realidade digital tem colocado e coloca continuamente questões acerca da vivência das relações entre pessoas e sobre a questão da humanidade em

---

<sup>176</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>177</sup> Cf. Francisco, *Mensagem de sua Santidade Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

<sup>178</sup> Francisco.

<sup>179</sup> Cf. Domingues, «A cultura digital no magistério do Papa Francisco Digital culture in the magisterium of Pope Francis».

<sup>180</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>181</sup> Cf. Francisco (FT 43).

geral,<sup>182</sup> portanto, «não pode ser apenas como uma realidade do humano ou como uma fronteira que desafia o humano: ela é, por si só, uma questão de humanidade. Como tal, deve ser tratada e examinada como capaz de abrir novas fronteiras do humano contemporâneo».<sup>183</sup> Estas novas fronteiras implicam evitar que aconteça, no contexto social da vida real para a qual o Santo Padre alerta, a chamada ‘cultura de descarte’ de pessoas. Precisamente, «pessoas que são tratadas como objetos a serem desprezados, seja por falta de utilidade ou por pura indiferença. Parte da população é excluída de todos os processos importantes e, dessa forma, não está somente à margem, mas, ainda pior, é considerada ‘descarte’».<sup>184</sup>

## 2. Que fraternidade construir numa sociedade hodierna?

Se na parte final do último ponto referíamos a cultura de ‘descarte’, iniciaremos este pondo com a pergunta de como realizar precisamente o oposto, isto é, promover a cultura do acolhimento, aceitação e inclusão.

É precisamente desta forma que o Santo Padre inicia a encíclica *Fratelli Tutti* (FT) ainda antes de começar o primeiro capítulo (As sombras de um mundo fechado), quando no parágrafo oito refere que tem o objetivo de que «possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. ... Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente, precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente».<sup>185</sup> (FT 8) É neste contexto que ao longo dos seus oito capítulos o Santo Padre lança alertas sobre a realidade atual de uma sociedade ferida e um mundo globalizado, que apesar de tudo insiste em cair em problemas do passado cultivando divisões e individualismos, desvalorizando a dignidade da vida humana.

Faz-nos perceber que estamos imbuídos num paradigma da totalidade fechada,<sup>186</sup> que surge «inerente aos populismos excludentes, origina um mecanismo complexo na relação inter-

---

<sup>182</sup> Cf. Predoti, «L’universo dell’umano digitale. Annuncio apofatico ed epifania del kerygma The universe of the digital human. Apophatic announcement and epiphany of the kerygma».

<sup>183</sup> Predoti.

<sup>184</sup> Domingues, «A cultura digital no magistério do Papa Francisco Digital culture in the magisterium of Pope Francis».

<sup>185</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>186</sup> Cf. João Manuel Duque, *O próximo e a comunidade: Breve leitura da Fratelli Tutti* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2021), 15.

humana, que acaba por dividir o mundo entre amigos e inimigos». <sup>187</sup> Quando olhamos para o próximo com a barreira do medo, ficamos privados do desejo e da capacidade de encontrar o outro (FT 41). <sup>188</sup> Por isso, para conseguirmos construir uma aproximação ao outro que se apresenta diante de mim, importa compreender que a nossa exposição ao desconhecido e ao que é diferente, não anula propriamente a identidade, mas é precisamente a sua origem. <sup>189</sup>

Por outro lado, defende e lança o desafio da pretensão alcançar, propondo como caminho a realizar, uma modalidade diferente, que não só permite a abertura e acolhimento do outro na sua totalidade e compreensão, como também permite uma compreensão e conhecimento de nós mesmos. É neste sentido que afirma que «temos de reconhecer que quanto menor for a amplitude da mente e do coração duma pessoa, tanto menos poderá interpretar a realidade circundante em que está imersa». <sup>190</sup> (FT 147)

Na verdade,

«sem o relacionamento e o confronto com quem é diferente, torna-se difícil ter um conhecimento claro e completo de si mesmo e da sua terra, uma vez que as outras culturas não constituem inimigos de quem seja preciso defender-se, mas reflexos distintos da riqueza inexaurível da vida humana. Ao olhar para si mesmo do ponto de vista do outro, de quem é diferente, cada um pode reconhecer melhor as peculiaridades da sua própria pessoa e cultura: as suas riquezas, possibilidades e limites. A experiência que se realiza num lugar deve desenvolver-se ora «em contraste» ora «em sintonia» com as experiências doutras pessoas que vivem em contextos culturais diversos». <sup>191</sup> (FT 147)

Por isso, é necessária esta amplitude da mente e do coração para desenvolvermos a capacidade de interpretar a realidade e o próximo.

É no segundo capítulo desta encíclica intitulado de ‘Um estranho no caminho’ que encontramos o exemplo e a referência perfeita do verdadeiro encontro, de se colocar no lugar do outro, de abertura plena à totalidade do outro com a parábola do Bom Samaritano, do Evangelho de Lucas (Lc 10, 25-37). Aqui encontramos o verdadeiro exemplo da fraternidade como aspiração fundamental da humanidade para crentes e não crentes, dado que a realização da fraternidade não é só um elemento essencial da esperança cristã, é também um elemento

---

<sup>187</sup> Duque, 15.

<sup>188</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>189</sup> Cf. Duque, *O próximo e a comunidade: Breve leitura da Fratelli Tutti*, 21.

<sup>190</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>191</sup> Francisco.

constitutivo de uma visão simplesmente humanista<sup>192</sup>. Com base neste pressuposto cristão, mas também humanista, compreendemos que nesta parábola somos alertados para a falta de humanidade do mundo presente, quando vemos que «hoje, há cada vez mais feridos. A inclusão ou exclusão da pessoa que sofre na margem da estrada define todos os projetos económicos, políticos, sociais e religiosos».<sup>193</sup> (FT 69) Se esta parábola nos remete para a passagem bíblica do Antigo Testamento (AT) do Livro do Génesis, na qual Deus pergunta a Caim, ‘Onde está Abel, teu irmão?’ (Gn 4,9), depois deste o matar, pergunta à qual Caim respondeu ‘Sou, porventura, guarda do meu irmão?’ (Gn 4,9), verificamos que no mundo atual das nossas relações temos esta mesma atitude, de desresponsabilização, de desculpabilização ou indiferença. Esquecemo-nos que todos nós, nas palavras do sumo pontífice, temos a opção de sermos bons samaritanos ou viandantes indiferentes que ignoram aquele que se apresenta diante de nós e precisa de ajuda, de ser notado (FT 69).<sup>194</sup> Aliás, estendendo o olhar de forma mais atenta, «reconheceremos que todos somos, ou fomos, como estas personagens: todos temos algo do ferido, do saltador, daqueles que passam ao largo e do bom samaritano».<sup>195</sup> (FT 69)

Por este motivo, se todos nos podemos identificar e catalogar como partes de qualquer uma das personagens desta parábola, na mesma medida devemos ser impelidos a agir com responsabilidade perante o próximo, não só como atitude eticamente correta em sociedade civil, mas sobretudo como ato humano de quem se faz presente. Neste aspeto, encontramos em Paul Ricoeur a afirmação interessante quando refere que «o próximo é a própria conduta de se tornar presente».<sup>196</sup> Deste modo, devemos ser responsáveis porque todos somos responsáveis uns pelos outros.

Tal como o Samaritano, que interrompeu a sua viagem para prestar auxílio àquele desconhecido que estava necessitado, curando as suas feridas, também nós devemos parar os nossos afazeres da vida para nos fazermos próximos. Por vezes, não o fazemos porque «estamos todos muito concentrados nas nossas necessidades. Ver alguém que está mal incomoda-nos, perturba-nos, porque não queremos perder tempo por causa de problemas alheios. São sintomas de uma sociedade enferma, pois procura construir-se de costas para o sofrimento».<sup>197</sup> (FT 65) É neste samaritano que encontramos o modelo de como poderemos ser construtores de uma fraternidade plena na sociedade atual.

---

<sup>192</sup> Cf. José Eduardo Borges de Pinho, «Elementos para uma teologia da fraternidade humana», em *Humanística e Teologia*, 1989, 315–44.

<sup>193</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>194</sup> Cf. Francisco.

<sup>195</sup> Francisco.

<sup>196</sup> Paul Ricoeur, «Le socius et le prochain», em *Histoire et vérité* (Paris: du Seuil, 1967), 113–27.

<sup>197</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

«Neste sentido, «este texto convida-nos ‘a fazer ressurgir a nossa vocação de cidadãos do próprio país e do mundo inteiro, construtores dum novo vínculo social. Embora esteja inscrito como lei fundamental do nosso ser, é um apelo sempre novo: que a sociedade se oriente para a prossecução do bem comum e, a partir deste objetivo, reconstrua incessantemente a sua ordem política e social, o tecido das suas relações, o seu projeto humano. Com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que ‘a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro’». <sup>198</sup> (FT 66)

Como podemos ver, para uma abertura ao próximo precisamos de uma verdadeira cultura do encontro que só é possível num processo sincero de formação humana que, quando realizada com sinceridade, resulta numa integração pessoal e comunitária. <sup>199</sup> O meu próximo vai mais para além de qualquer laço de sangue, afinidade ou amizade. Devemo-nos fazer presentes de quem precisa de ajuda, independentemente de fazer parte ou não do próprio círculo de pertença, <sup>200</sup> (FT 81) o que implica que se ultrapassem as barreiras políticas, culturais ou religiosas.

Se olharmos para o mundo que nos rodeia, vemos com evidência a existência de seres humanos que são tratados de forma desumana todos os dias, vítimas de roubos, maltratos, exploração sexual, tráfico humano, droga e tantos outros flagelos. São pessoas necessitadas de um próximo que as ajude efetivamente dado que estão destruídas na sua dignidade e no seu íntimo. É nos lançada a proposta de nos tornarmos próximos e solidários com o meu próximo, envolvidos pelo verdadeiro sentido do amor e solidariedade, num verdadeiro dinamismo de caridade infundido por Deus. <sup>201</sup> (FT 91) É desta forma que também é medida a estatura espiritual do ser humano, através do amor que brota do seu coração, representado nas suas ações. <sup>202</sup> (FT 92) Aliás,

«amor implica algo mais do que uma série de ações benéficas. As ações derivam duma união que propende cada vez mais para o outro, considerando-o precioso, digno, aprazível e bom, independentemente das aparências físicas ou morais. ... Só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos». <sup>203</sup> (FT 94)

---

<sup>198</sup> Francisco.

<sup>199</sup> Cf. Tiago De e Fraga Gomes, «Educar para a cultura do encontro: uma perspectiva teológico-pastoral», *Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas* 32, n. 2 (2022): 388–98, <https://doi.org/10.18224/frag.v32i3.13140>.

<sup>200</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>201</sup> Cf. Francisco.

<sup>202</sup> Cf. Francisco.

<sup>203</sup> Francisco.

Em suma, nas palavras de José Mattos e Marco Separavich, baseadas na visão ético-moral de S. Agostinho, encontramos novamente a visão de amor como *charitas*, referida no capítulo anterior, na qual compreendemos a lógica do amor, como proposta para uma transformação radical da sociedade. O amor como caridade, promove a valorização da dignidade da vida nas suas diversas dimensões, individual, coletiva, imanente e transcendente do ser humano, conferindo-lhe dignidade.<sup>204</sup> Só através deste reconhecimento basilar e essencial, do dar-se conta do valor do ser humano em qualquer circunstância é que caminhamos rumo à amizade social e à fraternidade universal.<sup>205</sup> (FT 106)

### *2.1. O amor social num mundo globalizado e desenvolvido. Aumento de disparidades ou diminuição das assimetrias?*

É um facto que vivemos num mundo dominado pelo desenvolvimento tecnológico e evolução científica que, conseqüentemente, promove um desenvolvimento social e cultural durante esse processo. Compreender a atualidade global, verificar onde nos situamos no contexto da diminuição de assimetrias e desigualdades é crucial.

Neste sentido, constatamos que as dinâmicas sociais da atualidade estão novamente sob o foco intenso da atenção pública e analítica. Cada vez mais se encontram produções de indicadores a este respeito, nomeadamente através de pesquisas e estudos relativos aos diversos aspetos das desigualdades sociais do mundo hodierno, realizados por economistas, sociólogos e outros cientistas sociais, partindo dos seus diversos centros de investigação, organizações internacionais ou institutos de estatísticas. Baseado nestes estudos e análises recentes, torna-se evidente uma forte presença e de carácter transversal das desigualdades sociais contemporâneas, nos diversos domínios em que estas se manifestam, bem como a complexa pluralidade das suas causas cada vez mais impactantes, tendo em inúmeros casos uma relevância social elevada.<sup>206</sup>

---

<sup>204</sup> Cf. José Roberto Abreu de Mattos e Marco Antonio Separavich, «Sobre a amizade social e o amor político na encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco», *Reflexão* 47, n. 1 (2020): 1–117, <https://doi.org/https://doi.org/10.24220/2447-6803v47e2022a5735>.

<sup>205</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>206</sup> Cf. António Firmino da Costa, «Desigualdades globais», *Open Edition Journals* 68 (2012): 9–32, <https://doi.org/10.7458/SPP201268691>.

Com efeito, é inegável que «a globalização é uma força poderosa no novo sistema mundial, e continuará a ser determinante no custo da história futura da humanidade».<sup>207</sup> Por isso, compreendemos os desafios e oportunidades que esta nos coloca, nas suas diversas reações, principalmente de cariz emocional. Este novo sistema mundial caracteriza-se pelo aumento significativo do intercâmbio comercial e financeiro, concretizado numa economia internacional aberta e sem fronteiras em constante crescimento, promovida pelo fundamentalismo económico de Thatcher e Reagan, com o desmembramento das economias centralizadas, o que levou à expansão do mercado global.<sup>208</sup>

Porém, como nenhum sistema é perfeito, este novo sistema económico dominante também trouxe e traz consigo questões delicadas e menos positivas, comumente chamadas de ‘assimetrias’, que nada mais são do que inconsistências que causam impactos neste sistema de desenvolvimento globalizado. Estas assimetrias são catalogadas num conjunto de três principais dimensões de desigualdade no mundo atual, designadas por ‘desigualdades vitais’, ‘desigualdades existenciais’ e ‘desigualdade de recursos’.<sup>209</sup>

No que diz respeito à primeira, as ‘desigualdades vitais’, abrangem «as desigualdades perante a vida, a morte e a saúde. Indicadores como a esperança de vida à nascença ou a taxa de mortalidade infantil são alguns dos mais utilizados neste domínio, nomeadamente para analisar comparativamente desigualdades entre as populações dos diversos países ou para analisar evoluções no tempo dessas desigualdades vitais».<sup>210</sup> Partindo dos Relatórios do Desenvolvimento Humano, das Nações Unidas, verificamos um considerável aumento da esperança média de vida no decorrer do último século, os quais aumentaram cerca de trinta a quarenta anos. Porém, este aumento não foi globalizado, pois tal não aconteceu em países da África Subsariana ou até em alguns países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).<sup>211</sup>

Por sua vez, as desigualdades existenciais caracterizam-se pelo «desigual reconhecimento dos indivíduos humanos enquanto pessoas, focando nomeadamente desigualdades de liberdade, direitos, reconhecimento e respeito de que os indivíduos e grupos podem usufruir em sociedade por oposição às opressões e restrições de liberdade, às

---

<sup>207</sup> George Martine, «A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21», *São Paulo em Perspectiva* 19, n. 3 (2005): 3–22, <https://doi.org/10.1590/s0102-88392005000300001>.

<sup>208</sup> Cf. Martine.

<sup>209</sup> Cf. Costa, «Desigualdades globais».

<sup>210</sup> Costa.

<sup>211</sup> Cf. Costa.

discriminações, estigmatizações e humilhações».<sup>212</sup> Encontramos exemplos destes expressos nos fenómenos como a escravatura ou o racismo, que ocorreram durante certos períodos da nossa história.<sup>213</sup> Na atualidade mais recente, encontramos uma categorização de interações inigualitárias de entre indivíduos provenientes de diferentes partes do globo, designadas de fenómenos migratórios. Segundo a Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e citado por Karen Sturzenegger, «no ano de 2021, devido aos ‘conflitos, violência, violação dos direitos humanos, perseguições e desastres naturais, o número de deslocamentos forçados em todo mundo ultrapassou 89,3 milhões de pessoas. Entre eles, estão quase 27,1 milhões, cerca de metade, dos quais têm menos de 18 anos’».<sup>214</sup> Acrescentando a este facto, temos o exemplo do conflito armado entre a Ucrânia e a Rússia, nas qual cerca de 8 milhões tiveram de se deslocar e foram registadas na fronteira.<sup>215</sup>

Por fim, as desigualdades de recursos, caracterizam-se pela inclusão das dimensões de «desigualdades de rendimentos e de riqueza, de escolaridade e de qualificação profissional, de competências cognitivas e culturais, de posição hierárquica nas organizações e de acesso a redes sociais».<sup>216</sup> Nomeadamente, categorizam-se por: distanciamento gerado pelas desigualdades nos processos de concorrência ou competição nos sistemas de interdependência dos mercados; de exclusão, quando determinados grupos não têm acesso aos mesmos recursos ou oportunidades; de hierarquização, quando ocorrem desigualdades em posições de inferioridade ou superioridade a níveis institucionais dentro das organizações; de exploração, quando ocorrem apropriações assimétricas de bem ou produtos por determinados indivíduos ou grupos de indivíduos.<sup>217</sup> É com este pensamento que ao olharmos para o mundo e sociedade atuais que verificamos a necessidade de trabalhar ainda mais em prol da extinção dessas diversas desigualdades. É neste sentido que encontramos diversos alertas na encíclica *Fratelli Tutti*.

Para se caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal temos de reconhecer o valor da pessoa humana em qualquer situação ou circunstância. O fator geográfico tem de ser cada vez menos um fator influente no acesso aos recursos ou ao desenvolvimento pessoal, porque é inconcebível que existam seres humanos que vivam com menos dignidade.<sup>218</sup> (FT

---

<sup>212</sup> Costa.

<sup>213</sup> Costa.

<sup>214</sup> Karen Sturzenegger, «A Igreja Católica e a crise de refugiados/migração mundial», *Revista Relegens Thréskeia* 11, n. 2 (2022): 17–32, <https://doi.org/10.5380/rt.v11i2.87946>.

<sup>215</sup> Cf. Sturzenegger.

<sup>216</sup> Costa, «Desigualdades globais».

<sup>217</sup> Cf. Costa.

<sup>218</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

106) Com efeito, «o princípio do uso comum dos bens criados para todos é o primeiro princípio de toda a ordem ético-social».<sup>219</sup> (FT 120) É deste modo que verificamos que esta problemática ainda existe, porque atualmente vivemos novas crises de migrações, guerras que causam destruição e morte, conflitos e preconceitos que são nocivos e destruidores da humanidade. É um lembrete que a história atual volta a trazer. Ainda hoje vemos as feridas de refugiados e perseguidos, ainda hoje existem padecimentos terríveis para essas pessoas e comunidades.<sup>220</sup> As sociedades não devem executar políticas onde se coloquem barreiras ao acolhimento dos mais necessitados,<sup>221</sup> (FT 109) muitas vezes influenciados pela perda dos valores morais e humanos. O alerta feito na encíclica *Laudato Si'* é ainda mais atual, quando diz que «vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses».<sup>222</sup> (LS 229)

É precisamente no que concerne ao urgente esforço em não perder os valores éticos e morais que devemos encetar esforços em acolher todos aqueles que precisam de ajuda, nas coisas mais vitais. Neste sentido, o sumo pontífice refere quatro verbos que devemos adotar: acolher, proteger, promover, integrar.<sup>223</sup> (FT 129) Saber acolher e integrar pode ser benéfico para cada pessoa e para a própria cultura, sem ameaçar a perda de identidade, aliás, «uma sã abertura nunca ameaça a identidade, porque, ao enriquecer-se com elementos de outros lugares, uma cultura viva não faz uma cópia nem mera repetição, mas integra as novidades segundo modalidades próprias».<sup>224</sup> (FT 148)

Em conclusão, só através do amor e do dom do acolhimento é que nos permite construir um mundo melhor, sem fronteira nem barreiras. É com este sentido que o Papa Francisco nesta Encíclica, em especial nos capítulos terceiro e quarto, pretende impulsionar uma busca incessante de um consenso global renovado em prol da humanização da própria humanidade.<sup>225</sup> Por isso, «a transformação da sociedade por meio de uma aldeia educativa global, exige

---

<sup>219</sup> Francisco.

<sup>220</sup> Cf. Sturzenegger, «A Igreja Católica e a crise de refugiados/migração mundial».

<sup>221</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>222</sup> Francisco, *Louvado Sejas - Carta Encíclica Laudato Si*.

<sup>223</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>224</sup> Francisco.

<sup>225</sup> Cf. Marcelo Bonhemberger, Jorge Luis, e Nicolas Audy, «Educação a serviço da integridade humana: (im) pactos propostos pelo papa francisco aos contextos contemporâneos», *Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas* 32, n. 3 (2022): 376–87, <https://doi.org/10.18224/frag.v32i3.13142>.

arquiteturas corresponsabilizadas por políticas institucionais e públicas. Pelo bem da humanidade e do futuro de todos».<sup>226</sup>

## *2.2. Coloca-se a problemática do individualismo e da superficialidade da comunicação num mundo onde a comunicação está à distância de um clique?*

Partindo de toda a nossa investigação realizada e apresentada ao longo do primeiro capítulo no que se refere à amizade e comunicação digital, acrescentando também o contributo no primeiro ponto deste capítulo, chegamos à problemática do individualismo e da superficialidade da comunicação na hodiernidade, pergunta colocada neste tópico. Vivemos num mundo que lida com o paradoxo de ser cada vez mais aberto e em ligação mas, que por outro lado, está cada vez mais suscetível a individualismos e fechamentos.

Para compreendermos estas problemáticas, temos de voltar novamente ao fundamental que é a questão da comunicação entre indivíduos. Esta é um «dos valores ocidentais por excelência, desde os séculos XVI-XVII, estando associada ao progresso tecnológico, ao conhecimento, à informação, à compreensão e à diminuição das barreiras entre homens e as culturas».<sup>227</sup> Por isso, a comunicação está omnipresente na atualidade das nossas sociedades, integrada num domínio científico marcada pela pluralidade e pela pluri-interdimensionalidade, sendo constituinte de toda a sociedade humana, na medida em que integra todas as dimensões, a nível profissional, familiar, educativo e social.<sup>228</sup> Mais do que nunca, esta é confrontada na atualidade «com profundas modificações relacionadas com a globalização, com as transformações sociais, culturais e políticas, com o aparecimento constante de novos suportes e instrumentos, com o desenvolvimento de novas tecnologias».<sup>229</sup>

Com efeito, sendo já objeto de análise durante o primeiro capítulo deste estudo, compreendemos que a «comunicação é um conceito integrador, o qual permite redimensionar e repensar os contactos, as relações entre o individuo e a sociedade, entre a sociedade e a cultura»,<sup>230</sup> constituindo-se como interativa, dinâmica, irreversível e que produz num determinado contexto sociocultural e físico, estando por isso inserida no sistema em que esta

---

<sup>226</sup> Bonhemberger, Luís, e Audy.

<sup>227</sup> Natália Ramos, «Comunicação cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural», *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 2001, 157.

<sup>228</sup> Cf. Ramos, 157.

<sup>229</sup> Ramos, 157.

<sup>230</sup> Ramos, 157.

se torna possível. Compreendendo este pressuposto pelo sumo pontífice, o mesmo é referido no paragrafo 216 da Encíclica *Fratelli Tutti*, quando diz que a «palavra ‘cultura’ indica algo que penetrou no povo, nas suas convicções mais profundas e no seu estilo de vida. Quando falamos duma ‘cultura’ no povo, trata-se de algo mais que uma ideia ou uma abstração; inclui as aspirações, o entusiasmo e, em última análise, um modo de viver que caracteriza aquele grupo humano».<sup>231</sup> (FT 216)

Ora, sendo algo que implica naturalmente um conjunto de indivíduos inseridos numa determinada cultura, num determinado contexto, é compreensível que seja em si mesma um fenómeno social complexo. Esta complexidade deve-se ao facto de que as transmissões de mensagens estão inseridas numa matriz cultural, constituindo por si só uma comunicação social, com um conjunto de regras e códigos que obedecem a determinados padrões e que, dentro de uma orgânica própria, tornam possíveis o estabelecimento de relações e de interações entre pessoas da mesma cultura ou subcultura.<sup>232</sup> Por este motivo, «os comportamentos, os objetos, os acontecimentos, não podem ser apreendidos nem compreendidos desinseridos de um contexto social e cultural, ou seja, desinseridos das formas de comunicação e de aprendizagem, das representações e das manifestações através das quais são valorizados esses comportamentos, objetos e acontecimentos».<sup>233</sup>

Por conseguinte, atualmente vivemos num novo período marcado por acontecimentos concretos que vieram colocar a humanidade e as relações entre pessoas ‘à prova’, seja pela pandemia provocada pela Covid-19, seja pelas atuais guerras, nomeadamente da Rússia contra a Ucrânia, que provocam o flagelo das populações, seja pela nova onda de migrações originadas por esta última ou pelos contextos económicos, sociais e culturais vividos em determinadas partes do globo. Fenómenos como estes, impulsionam com ainda maior dinamismo a ‘mestiçagem’ de povos e culturas. Fruto deste processo, a nossa cultura torna-se cada vez mais ‘mestiça’, na qual «a heterogeneidade, o outro, o estrangeiro, a diferença, fazem parte do quotidiano».<sup>234</sup>

Consequentemente, como o ser humano é um ser de cultura, e como a cultura constitui tudo aquilo que se aprende de forma consciente e inconsciente e passível de ser transmitida e comunicada, pode tender a gerar perceções diferentes no mundo exterior.<sup>235</sup> Neste sentido, «os

---

<sup>231</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>232</sup> Cf. Ramos, «Comunicação cultural e interculturalidade: para uma comunicação intercultural», 159.

<sup>233</sup> Ramos, 159.

<sup>234</sup> Ramos, 161.

<sup>235</sup> Cf. Ramos, 163-67.

nossos sistemas de valores, as nossas crenças, atitudes, a nossa visão do mundo e dos outros, a nossa organização social, exercem influencia sobre as nossas percepções».<sup>236</sup> Com efeito, «o etnocentrismo, ou seja, a tendência a interpretar a realidade a partir dos nossos próprios critérios e modelos culturais, pode constituir um obstáculo importante à comunicação intercultural».<sup>237</sup> Estes obstáculos culminam na formação de estereótipos e preconceitos, fruto de uma tendência espontânea do ser humano para a esquematização, que se traduz numa simplificação como tentativa de controlo do ambiente, que podem ser para pessoas ou objetos. A problemática reside no facto de formarem generalizações e fundamentalismos, que levam à rejeição, à intolerância, à violência, ao racismo, ao fundamentalismo.<sup>238</sup>

É precisamente este tipo de problemáticas que o Papa Francisco pretende combater e ultrapassar, frisando que é necessário criar o hábito de reconhecer o outro, dando ao outro o direito de ser ele próprio e de ser diferente.<sup>239</sup> (FT 2018) Refere que,

«a partir deste reconhecimento feito cultura, torna-se possível a criação dum pacto social. Sem este reconhecimento, surgem maneiras subtis de fazer com que o outro perca todo o seu significado, se torne irrelevante, fazer com que na sociedade não lhe seja reconhecido qualquer valor. Por trás da repulsa de certas formas visíveis de violência, muitas vezes esconde-se outra violência mais dissimulada: a daqueles que desprezam o diferente, sobretudo quando as suas reivindicações prejudicam dalguma maneira os próprios interesses».<sup>240</sup> (FT 218)

Fruto destes acontecimentos, corremos o risco de criar um mundo mais fechado, mais individual e mais privado, sem a capacidade de acolher o outro, o que dificulta a interação humana no mundo real.

Por outro lado, como a comunicação acontece no plano real e digital, dado que vivemos num mundo interligado e em conexão, estas problemáticas transbordam para o plano digital. Por este motivo é que vemos cada vez mais, nos dias de hoje, estes estereótipos e preconceitos darem lugar a discursos de ódio. «As tecnologias digitais, especialmente as redes sociais, constituem uma plataforma perfeita para uma série de comportamentos que são ofensivos para a dignidade humana».<sup>241</sup> Infelizmente, as comunicações nestas plataformas podem dar azo a interpretações erradas e uma superficialidade, fazendo com que estes não se sintam

---

<sup>236</sup> Ramos, 167.

<sup>237</sup> Ramos, 168.

<sup>238</sup> Cf. Ramos, 167-70.

<sup>239</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>240</sup> Francisco.

<sup>241</sup> Conferência dos bispos católicos da Austrália (Departamento para a Justiça Social), em *Making it real: genuine human encounter in our digital world*, 2019, 5.

verdadeiramente aceites ou ouvidos. Por isso, não podemos ficar de braços cruzados quando acontecem situações de *cyberbullying*, *trolling* e a objetificação de pessoas, que não são situações invulgares. Não podemos ignorar quando alguém é ameaçado ou denegrido.<sup>242</sup>

Em conclusão, para evitar estes individualismos e comunicações fragmentadoras, nas quais os outros são vistos como meros obstáculos à própria tranquilidade, sendo por isso tratados como incómodos, torna-se necessário cultivar a amabilidade.<sup>243</sup> (FT 122) Precisamente, «as relações que são verdadeiramente humanas, reconhecem a dignidade do outro, feito à imagem e semelhança de Deus. Promovem um desenvolvimento integral para além dos desejos e necessidades imediatos, para construir a pessoa social, cultural e espiritual. O verdadeiro encontro torna real o amor de Deus na vida do nosso próximo».<sup>244</sup>

### 3. Visões alternativas de comunicação e afetividade num tempo e sociedade digitalizadas. Perguntas e respostas da atualidade?

Tendo em conta que vivemos num paradigma em que por vezes a comunicação e afetividade estão diluídas no individualismo da comunicação e nas relações entre pessoas, do qual é visível o atual ambiente de profundo stress e ansiedade pelo quotidiano derivado à incerteza dos próximos tempos, sentido principalmente nos grandes centros urbanos, compreendemos a factualidade de que nos encontramos todos ligados e dependentes uns dos outros, seja pelo virtual ou pelo real.<sup>245</sup>

Partindo da pintura *Le Radeau de la Méduse*, pintada entre 1818 e 1819 e da autoria de Théodore Géricault (1791-1824), sobre o famoso naufrágio ocorrido em 1816, perto do Senegal, iremos procurar compreender o atual ambiente da sociedade, num sentido metafórico, poderemos repetir o mesmo acontecimento.<sup>246</sup> O nosso objetivo é compreender como poderá o

---

<sup>242</sup> Cf. Conferência dos bispos católicos da Austrália (Departamento para a Justiça Social), 13.

<sup>243</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>244</sup> Conferência dos bispos católicos da Austrália (Departamento para a Justiça Social), 16.

<sup>245</sup> Raquel Paiva e Marcello Gabbay, «Sobre a comunidade do afeto: comunicação alternativa e comunidade no contexto atual», *Parágrafo* 5, n. 1 (2017): 159–69, <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/520>.

<sup>246</sup> As causas deste acidente foram derivadas à inexperiência e falta de perícia de um capitão com origem nomárquica. Por causa disso, optou-se pelas aplicações de regras básicas de sobrevivência que levaram à perda de postulados éticos e morais, como o assassinato dos mais frágeis e a prática de canibalismo. Cf. Raquel Paiva, «Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto», *Matrizes* 6, n. 1–2 (2012): 63–76, <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/48050>.

capitalismo financeiro juntamente com desenvolvimento desenfreado das novas tecnologias, nomeadamente, com os novos domínios da tecnologia artificial, estar a levar ao instante imediatamente anterior ao naufrágio e que culminou com a perda dos valores éticos e morais.<sup>247</sup> Talvez por este motivo e consciente desta realidade, o Papa Francisco faz uma chamada de atenção quando diz que «não se deve ocultar o risco de um progresso científico ser considerado a única abordagem possível para se entender um aspeto da vida, da sociedade e do mundo».<sup>248</sup> (FT 204) Como tal, voltando à analogia do naufrágio, poderemos perceber a problemática de estarmos perante a falência dos modelos vigentes e envoltos em ceticismo para com os modelos futuros. A falta de compreensão e experiência em ver o perigo desta crise, poderá levar à possibilidade de caminharmos para uma desorientação da sociedade e nos confrontarmos com situações semelhantes em que as opções de escolha serão diminutas e se tomem decisões erradas.<sup>249</sup>

Lipovetsky e Serroy, analisaram esta desorientação da sociedade hodierna e afirmam que,

«um pouco em toda parte vê-se ao mesmo tempo um sentimento de desorientação e de impotência coletiva em controlar o curso do futuro. (...) Sem dúvida alguma a tarefa de mudar o existente não é das mais simples, ainda mais que as grandes ‘soluções’ da era moderna perderam credibilidade. A economia administrada faliu, a social-democracia começa a não dar certo; quanto ao neoliberalismo, não cessa de mostrar cruelmente seus limites e suas injustiças em todo o planeta. É por isso que, mais do que nunca, deve-se dar lugar à imaginação, à multiplicidade de projetos e ideias».<sup>250</sup>

Com efeito, vivemos num mundo no qual os padrões de consumo se espalham de forma desenfreada, envolto em troca de informações e negócios, perda de valores éticos e morais, que produzem novos problemas ou que desenvolvem outras dimensões aos já existentes, tais como a ecologia, crise económica, miséria do terceiro mundo, imigração, terrorismo, entre outros como a crise de identidade, dificuldades existenciais, crises de sentido e distúrbios de personalidade, crenças...Todas estas problemáticas surgem pela constante evolução tecnológica e mudanças na cultura que afetam a relação do ser humano consigo mesmo e com o mundo que o rodeia.<sup>251</sup>

---

<sup>247</sup> Cf. Paiva, 64.

<sup>248</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>249</sup> Cf. Paiva, «Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto», 64.

<sup>250</sup> Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada* (São Paulo: Companhia, 2008), 148.

<sup>251</sup> José Mauricio de Carvalho, «A cultura-mundo a uma sociedade desorientada», *Revista Estudos Filosóficos*, n. 8 (2012): 108–12, <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>.

Por conseguinte, dado que a humanidade passou por várias etapas, a etapa atual na qual nos encontramos, é uma etapa da radicalização do momento anterior, a qual está conectada pela conformidade do individualismo e do consumismo.<sup>252</sup> A melhor forma de compreendermos esta etapa na qual nos encontramos pauta-se pela observação da «hipertrofia da oferta mercantil, a superabundância de informações e imagens, a oferta excessiva de marcas, a imensa variedade de produtos alimentares, restaurantes, festivais, músicas, que agora podem ser encontrados em toda parte do mundo».<sup>253</sup> Estas mudanças penetram na vida íntima das sociedades, alterando «a família, a identidade sexual, as relações entre os gêneros, a educação dos filhos, a moda, a alimentação, as novas tecnologias».<sup>254</sup> As consequências não são animadoras no sentido de que estas não são benignas porque levam ao relativismo, que não é benéfico nem se apresenta como solução, moldando os valores morais às conveniências pessoais.<sup>255</sup> (FT 206)

Com efeito, esta perda dos valores superiores origina a crise contemporânea atual, sustentada no «mercado, tecnociência, indivíduo: entregues apenas a si mesmos, esses princípios organizadores dominantes fizeram nascer uma cultura-mundo sem precedentes na história, geradora de um novo mal-estar na civilização».<sup>256</sup> Este novo mal-estar é visível com o surgimento de novos blocos económicos de comércio livre entre grandes potências económicas que outrora eram ignorados, nomeadamente, o Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS) que na hodiernidade pretendem seguir linhas diferentes e que fazem crescer instabilidades macrofinanceiras. Aliado a esta problemática, cresce também a insegurança pessoal, moral e mental das pessoas que perdem os apoios de proteção social anteriormente instituídos.<sup>257</sup> Se referimos inicialmente a pintura *Le Radeau de la Méduse* alusiva ao famoso naufrágio, um do exemplo demonstrativo deste aspeto na atualidade, em pleno século XXI, são os fenómenos migratórios pelas rotas do mediterrâneo. Voltamos a assistir ao mesmo flagelo, no qual só neste ano de 2023, as travessias do mar Mediterrâneo aumentaram 305% no primeiro trimestre deste ano, em comparação com o primeiro trimestre de 2022, contabilizando-se mais de 27 mil travessias ilegais, das quais resultaram 441 mortes, apenas no primeiro trimestre.<sup>258</sup>

---

<sup>252</sup> Cf. Carvalho.

<sup>253</sup> Lipovetsky e Serroy, *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, 15.

<sup>254</sup> Lipovetsky e Serroy, 21.

<sup>255</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>256</sup> Lipovetsky e Serroy, 32.

<sup>257</sup> Cf. Carvalho, «A cultura-mundo a uma sociedade desorientada».

<sup>258</sup> Cf. «Refugiados: travessias do Mediterrâneo aumentaram 305% no 1.º trimestre de 2023», *Observador*, 12 de Abril de 2023, Disponível em: <https://observador.pt/2023/04/12/refugiados-travessias-do-mediterraneo-aumentaram-305-no-1-o-trimestre-de-2023/>. Consultado a 15/09/2023.

São casos como este que demonstram esta instabilidade geral nas sociedades, no mundo e nos sistemas instalados.

Não se apresenta, portanto, nestes novos movimentos críticos com cariz em várias tendências, «nenhuma solução coerente, nenhum programa possível de substituir de maneira construtiva o sistema estabelecido».<sup>259</sup> Pelo contrário, neste ambiente económico, levam o ser humano contemporâneo a soluções nos «prazeres fáceis e variados de consumo, os temperos da vida que não encontram noutros lugares».<sup>260</sup> Cair nestas soluções fúteis arrasta-nos para uma lógica perversa e vazia, na qual não existe bem ou mal, mas apenas um cálculo de vantagens e desvantagens.<sup>261</sup> (FT 210)

Por conseguinte, este movimento económico, impulsionado pela ciência e tecnologia, considera-se inseparável do otimismo moderno e pouco crítico, denominado de humanismo prometeico. É certo que a influência da tecnologia no sistema económico levou ao aumento da riqueza global, porém, também fez aumentar os problemas ecológicos, o desperdício e a desorganização política e pública dos países. A desorganização na vida pública tem influência direta na desorientação da família, porque esta está inserida na esfera pública.<sup>262</sup> Por este motivo, assistimos

«a uma diminuição do número de casamentos, mais divórcios, baixa da fecundidade, união de pessoas do mesmo sexo. As mudanças familiares provam que cada pessoa espera construir seu próprio modelo de felicidade, sem referências generalizadas. Se a mudança familiar não é tão danosa psicologicamente, o estado de solidão e de miséria subjetiva são dolorosos e explicam a escalada consumista que permite à pessoa oferecer a si mesma pequenas compensações pela falta de amor, de laços ou de reconhecimento».<sup>263</sup>

Por este caminho, entraram também a comunicação e tudo o que implica imagem neste novo paradigma digital, dado que encontramos uma produção cultural elitista e hermética, na qual nenhuma destas tendências se compromete efetivamente com o antigo ideal humanista de aperfeiçoamento do espírito e do ser humano. Verificamos que a televisão adquiriu um papel imprescindível através do qual se tem acesso em tempo real aos acontecimentos planetários, à qual também a ela associada, tudo o que se refere a computadores e *smartphones*, sobretudo entre as gerações mais novas, que passam cada vez mais tempo em frente a um ecrã, tornando-

---

<sup>259</sup> Lipovetsky e Serroy, *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, 40.

<sup>260</sup> Lipovetsky e Serroy, 41.

<sup>261</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>262</sup> Cf. Carvalho, «A cultura-mundo a uma sociedade desorientada».

<sup>263</sup> Carvalho.

se igualmente cada vez mais dependente deste. Para os jovens da atualidade, a indústria da cultura oferece estrelas globais, que surgem continuamente e conforme as tendências, que se tornam modelos universais para os mais novos.<sup>264</sup> Urge começar a prestar atenção às informações que nos são comunicadas e a tudo o que consumimos. Temos o dever «de nos exercitar em desmascarar as várias modalidades de manipulação, deformação e ocultamento da verdade nas esferas pública e privada. O que chamamos ‘verdade’ não é só a comunicação de factos operada pelo jornalismo».<sup>265</sup> (FT 208)

Em paralelo a estes factos, assiste-se a uma constante aceleração do consumo, muito por causa do aumento da oferta propositada que pretende ter sempre algo na moda. Exemplo disso são os grandes grupos económicos como a Zara, na indústria do vestuário, que renova os seus modelos a cada duas semanas, produzindo cerca de 12 mil *designs* durante um ano.<sup>266</sup> Com efeito, a constante ampliação da oferta acelera de igual modo a diferenciação de indivíduos que procuram um perfil próprio no interior das sociedades, assistindo-se a uma aceitação própria dos hábitos planetários onde os aspetos particulares dialogam com os da ‘cultura mundo’ instalada. Em contraposição da desorientação, da perda de referências éticas e do hedonismo, assiste-se ao aparecimento de reações e de novos movimentos reativam os valores nucleares e tradicionais da cultura.<sup>267</sup> No mesmo sentido encontramos nas palavras do Papa Francisco a mesma pergunta, «se algo permanece sempre conveniente para o bom funcionamento da sociedade, não será porque atrás disso há uma verdade perene que a inteligência pode captar? Na sua própria realidade do ser humano e da sociedade, na sua natureza íntima, há uma série de estruturas basilares que sustentam o seu desenvolvimento e sobrevivência».<sup>268</sup> (FT 212)

Por este motivo, torna-se necessário organizar uma nova ordem mundial mais humana e humanizadora. Da mesma forma,

«se devemos em qualquer situação respeitar a dignidade dos outros, isto significa que esta não é uma invenção nem uma suposição nossa, mas que existe realmente neles um valor superior às coisas materiais e independente das circunstâncias e exige um tratamento distinto. Que todo o ser humano possui uma dignidade inalienável é uma verdade que corresponde à natureza humana, independentemente de qualquer transformação cultural. Por isso o ser humano possui a mesma dignidade inviolável em todo e qualquer período da história, e ninguém pode sentir-se autorizado, pelas circunstâncias, a negar esta convicção nem a agir em sentido contrário. Assim, a inteligência pode perscrutar a realidade das coisas, através da reflexão, da experiência e do

---

<sup>264</sup> Cf. Carvalho.

<sup>265</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>266</sup> Cf. Lipovetsky e Serroy, *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, 119.

<sup>267</sup> Cf. Carvalho, «A cultura-mundo a uma sociedade desorientada».

<sup>268</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

diálogo, para reconhecer nessa realidade que a transcende a base de certas exigências morais universais». <sup>269</sup> (FT 213)

É neste sentido que Lipovetsky e Serroy procuram demonstrar os caminhos necessários para a recuperação da ‘cultura mundo’, tornando-a mais humanizadora. Para estes, torna-se imprescindível recuperar os valores da disciplina e do mérito nas escolas, combinando os aspetos do atual modelo de ensino com os elementos do sistema pedagógico antigo, <sup>270</sup> destacando a construção de «uma cultura geral, transformando o que não é mais do que um amontoado desordenado de informações num conjunto de conhecimentos e de valores partilhado». <sup>271</sup> Para isso, é igualmente necessário repensar as iniciativas das universidades, revigorando-as no que estas possuem de mais significativo para a formação da ciência crítica e restituindo-lhe a sua «missão primeira e insubstituível: formar o homem». <sup>272</sup> Acrescentado a este aspeto, torna-se também fulcral executar uma revisão da política cultural que esgota enormes quantidades de recursos do estado para servir apenas a uma elite reduzida. <sup>273</sup> Novamente nas palavras do Sumo Pontífice no paragrafo 216, já referido anteriormente neste estudo, verificamos que «o sujeito desta cultura é o povo, não um setor da sociedade que tenta manter tranquilo o resto com recursos profissionais e mediáticos». <sup>274</sup> (FT 216)

Por isso, torna-se necessário apostar em mudanças nos elementos culturais que sejam capazes de educar as pessoas em valores verdadeiramente éticos e que promovam o bem comum da sociedade. Para tal, requer ter em conta os valores solidamente reconhecidos pela tradição ocidental, usando-os como referência para a desorientação contemporânea, algo mais ou menos comum às filosofias da cultura. Atualmente, estes são frequentemente postos em causa derivado às constantes mudanças económicas, transformando conseqüentemente a cultura atual. <sup>275</sup> Portanto, «se os valores são fundamentais à vida, ela não deixa de ser contínuo risco nascido da necessidade de criação de sentido». <sup>276</sup>

No mesmo sentido de dar um contributo aos possíveis caminhos a percorrer, encontramos no teórico português Boaventura Souza Santos, duas novas sociologias, chamadas de *Sociologia das Ausências e Sociologia das Emergências*, nas quais, numa reflexão acerca

---

<sup>269</sup> Francisco.

<sup>270</sup> Cf. Lipovetsky e Serroy, *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, 150-60.

<sup>271</sup> Lipovetsky e Serroy, *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, 161.

<sup>272</sup> Lipovetsky e Serroy, 165.

<sup>273</sup> Cf. Carvalho, «A cultura-mundo a uma sociedade desorientada».

<sup>274</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

<sup>275</sup> Cf. Carvalho, «A cultura-mundo a uma sociedade desorientada».

No pensamento dos autores, as constantes mudanças económicas influenciam direta e conseqüentemente as mudanças culturais.

<sup>276</sup> Carvalho.

dos problemas atuais que envolvem a nossa sociedade atual e na busca de estabelecer metas e soluções, apresenta a ideia central de «produzir um procedimento transgressivo, uma sociologia insurgente para tentar mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não existente, uma alternativa não crível, invisível à realidade hegemónica do mundo».<sup>277</sup> Deste modo, na conjugação destas duas sociologias podemos compreender e redefinir o futuro. Por isso, a proposta apresentada segue no seguimento de esquecer e abandonar a ideia de um futuro infinito e distante, concentrando-se no futuro concreto e contraído com o qual nos deparamos. Deste modo, no que concerne às inúmeras experiências do presente, concentrarmos no futuro do imediato tornado como presente, fará com que se tome as opções que se apresentam como emergentes e que até ao momento eram invisíveis.<sup>278</sup>

No que toca ao caminho a percorrer pela comunicação, a ideia do filósofo italiano Gianni Vattimo, parece-nos apresentar um seguimento credível, na medida em que refere que a comunicação supõe a existência de uma comunidade afetiva, mantida por um conjunto de ligações abertas, insistindo que,

«a afetividade não é um acidente que se coloque ao lado da pura visão teórica das coisas, por ser um aspeto constitutivo da abertura humana para o mundo ... Se a situação afetiva é algo que encontramos sem dela podermos dar razão, a conclusão será que ela nos põe perante o fato do nosso modo originário de captar e compreender o mundo ser algo cujos fundamentos nos escapam, sem ser, por outro lado, uma característica transcendental de uma razão ‘pura’, já que a afetividade é precisamente o que cada um de nós tem de mais profundo, de mais individual e de mais mutável».<sup>279</sup>

Em conclusão, a melhor forma de compreendermos o mundo partindo da afetividade e de uma comunicação em conformidade é através do sentimento mais profundo e poderoso que o ser humano dispõe, o amor. Sendo que a amabilidade brota do amor que cada um possui em si mesmo, praticá-la através de formas concretas surge como a atitude sensata e benéfica a adotar. A «amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes».<sup>280</sup> (FT 224) Por isso, adotar atitudes que comecem com pequenos gestos como ‘desculpe’, ‘com licença’ ou ‘obrigado’ são o início do

---

<sup>277</sup> Boaventura de Sousa Santos, *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), 28.

<sup>278</sup> Cf. Boaventura de Sousa Santos, «Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63 (2002): 237–80, <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>, 273, 274.

<sup>279</sup> Gianni Vattimo, *Introdução a Heidegger* (Lisboa: Edições 70, 1971), 39.

<sup>280</sup> Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*.

milagre de uma pessoa amável que dá o seu contributo na transformação do mundo.<sup>281</sup> (FT 224)

Assim,

«este esforço, vivido dia a dia, é capaz de criar aquela convivência sadia que vence as incompreensões e evita os conflitos. O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes».<sup>282</sup> (FT 224)

Com efeito, parece-nos que as palavras do Sumo Pontífice acerca dos percursos a percorrer na busca de um novo mundo, de ‘um novo encontro’ trazem consigo um horizonte com verdadeiro sentido, na medida em que não necessitamos voltar ao período anterior de conflitos, mas dentro de um prisma de verdade, ousar de misericórdia e justiça.<sup>283</sup> (FT 226, 227) Superar os conflitos na compreensão do outro, incluindo os mais fragilizados, é realizar de forma plena a amizade social, num clima de paz e felicidade. Não nos podemos esquecer que «nunca está terminada a construção da paz social ... mas é uma tarefa que não dá tréguas e exige o compromisso de todos».<sup>284</sup> (FT 232)

---

<sup>281</sup> Cf. Francisco.

<sup>282</sup> Francisco.

<sup>283</sup> Cf. Francisco.

<sup>284</sup> Francisco.

---

**III CAPÍTULO**

**PRÁTICA LETIVA DA UNIDADE LETIVA 3 “RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS”**

---

### III – Prática letiva da Unidade Letiva 3 “Riqueza e Sentidos dos Afetos”

No capítulo anterior debruçamo-nos sobre a questão do impacto que o desenvolvimento tecnológico e evolução científica provoca nas dinâmicas da amizade social e digital, através da transformação cultural que se molda em paralelo e em função do ambiente económico e social global vigente, transformando consigo a forma como nos comunicamos, vemos o nosso próximo e vivemos em sociedade. É inegável que a comunicação supõe a existência de uma comunidade afetiva que, numa vivência como tal, exige a construção de novos caminhos na hodiernidade, visível em todo sentido da encíclica *Fratelli Tutti*.

Como compreendemos anteriormente, a encíclica apresenta uma matriz educativa, assente num carácter pedagógico da lógica do amor e abertura ao próximo, que se concretiza numa comunicação afetiva e verdadeiramente sentida na sua génese. Este conjunto de relações sociais e digitais só se tornam possíveis dentro de um quadro de valores apresentados pelo Sumo Pontífice. Valores como diálogo, a amabilidade, a amizade social e o perdão tornam-se fulcrais para uma sociedade mais humana e humanizadora. Por este motivo, compreendemos sua inclusão numa proposta letiva específica, na Unidade Letiva 3 do 7º Ano “Riqueza e Sentido dos Afetos”.

Neste sentido, apresentaremos neste capítulo a experiência letiva no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) em contexto de sala de aula, conjuntamente com a experiência vivida enquanto docente em contexto escolar, com a lecionação da Unidade Letiva 3 ‘Riqueza e sentidos dos afetos’, relativa ao 7º ano de escolaridade do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). Esta Unidade Letiva (UL) concretiza o sentido de descoberta da adolescência nos jovens adolescentes, numa descoberta pessoal de construção de identidade, nas amizades que estabelecem entre si e na forma como se comunicam com mundo que os rodeia. Como tal, a totalidade da prática letiva teve em consideração o programa da disciplina e os conteúdos específicos inseridos no currículo de EMRC, as *Aprendizagens Essenciais* (AE) a adquirir pelos alunos e as competências definidas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (PASEO).

No que diz respeito à PES, realizou-se no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches (AEFS), durante o ano letivo de 2020/2021, acompanhada e orientada pela Dr.ª Maria José Dias, docente de EMRC nesta escola. A turma na qual esta se concretizou foi a turma 3 do 7º Ano.

Por fim, neste capítulo iremos apresentar a caracterização da escola e da comunidade educativa, bem como a turma na qual ocorreu a PES, seguida da apresentação da unidade letiva e da planificação das aulas. Concluiremos com a avaliação da PES relativa à lecionação realizada.

## 1. Caracterização da Escola e da Comunidade Educativa

Para a elaboração da caracterização da escola urge recorrer ao Projeto Educativo 2018-2022 do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches e aos elementos nele presentes. Segundo este documento, este agrupamento é atualmente formado por sete estabelecimentos de educação e ensino, situados na zona urbana de Braga, nomeadamente, a Escola Básica Dr. Francisco Sanches, EB 1 da Misericórdia, EB1/JI Quinta da Veiga, JI Quinta das Fontes, EB1/JI das Enguardas, EB1 de S. Vítor e EB1/JI Bairro da Alegria.

Inicialmente, o agrupamento foi constituído em 2001/2002, com apenas 3 escolas, das quais já fazia parte a Escola Básica Dr. Francisco Sanches. A estas escolas vieram juntar-se as restantes, em 2007/2008, consequência da fusão do Agrupamento das Fontes.

No que diz respeito ao número de alunos e docentes deste agrupamento, encontram-se inscritos cerca de 1700 alunos, dos quais metade frequenta a escola básica dos 2º e 3º ciclos e o corpo docente contempla cento e setenta e cinco docentes, com cinco técnicas especializadas, sendo duas psicólogas, duas técnicas de Serviço Social e uma técnica de intervenção local e cinquenta e cinco assistentes técnicos e operacionais.

Relativamente às condições de infraestrutura, a Escola Básica Dr. Francisco Sanches realizou uma requalificação em 2015, sendo posteriormente melhoradas após a participação do agrupamento no Orçamento Participativo Escolar do Município de Braga. Todo o equipamento tem em vista a plena inclusão de todos os alunos, com apetrechos propiciadores de ambientes de aprendizagem inovadores, novas estratégias de ensino e de aprendizagem, tendo em vista a promoção de competências tecnológicas fundamentais para a atualidade.

Dado que se encontra num território social e economicamente vulnerável, a comunidade escolar do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches (AEFS) é definida desde 2009 como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Acrescenta-se a este facto a celebração de um contrato de Autonomia com o Ministério da Educação, o qual se mantém em

desenvolvimento. Na sua junção, estes factos constituem os pilares fundamentais na conceção deste Projeto Educativo.

Com efeito, estes pilares foram, no ano letivo 2017/2018, pela integração do agrupamento, na Rede de Escolas de Educação Intercultural (REEI), apostando numa abordagem intercultural do conhecimento e da aprendizagem, tornando todo o Projeto Educativo enriquecedor derivado ao acolhimento, integração e sucesso de todos os seus alunos na sua pluralidade de nacionalidades e culturas. Por este motivo, o agrupamento assume o compromisso de adotar formas de trabalho e metodologias organizacionais correspondendo a esta interculturalidade.

Deste modo, aos três pilares acima mencionados, acrescenta-se o facto de estes terem sido reforçados com a de decisão de pertencer ao conjunto de Escolas-piloto que iniciou o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular. Este projeto veio promover a execução das estratégias educativas centradas nos alunos, criando a igualdade de oportunidades e o seu sucesso educativo.

Por fim, o Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches está localizado numa zona urbana no centro da cidade de Braga, composto por freguesias de grandes dimensões e apresentando uma diversidade urbanística e populacional. Esta diversidade é fruto do contraste entre zonas de construções recentes e bairros socais ou habitações antigas. Por este motivo, a população reflete a diferença entre estatutos sociais, culturais e económicos. Como tal, o agrupamento reflete esta multiplicidade de características, tendo no seu universo uma percentagem aproximada de cerca de 15% de alunos de nacionalidade não portuguesa.<sup>285</sup>

## 2. Caracterização da Turma

A turma onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi o 7º3 da Escola Básica Dr. Francisco Sanches, do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. Derivado à escolha da unidade letiva 1: “A Riqueza e sentido dos afetos”, lecionada no 7º Ano, procedeu-se à escolha da turma 3 do 7º Ano para esse efeito.

---

<sup>285</sup> Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, *Projeto Educativo 2018-2022* (Braga, 2018), [https://www.aefranciscosanches.pt/97\\_PEA - AEFS-Aprovado\\_CG\\_23-01-2019.pdf](https://www.aefranciscosanches.pt/97_PEA - AEFS-Aprovado_CG_23-01-2019.pdf), 26.

Trata-se de uma turma que era constituída por 26 alunos, dos quais 25 estavam inscritos na disciplina de EMRC, correspondendo a cerca de 96% dos alunos da turma. Dos 25 alunos inscritos na disciplina, 15 eram do género feminino e 10 do género masculino, todos com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. No que diz respeito a nacionalidades e etnias, cinco dos alunos pertencentes à turma são de nacionalidade brasileira e um é de etnia cigana.

De acordo com a ata do 6º Ano, existem 8 alunos com Medidas de Suporte à Aprendizagem e à Inclusão (MESAI), sendo que um dos alunos é abrangido no núcleo de alunos com Necessidade Especiais de Educação, com Relatório Técnico-Pedagógico (RTP) e Programa Educativo Individual (PEI), onde são apresentadas medidas seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão, com adaptações no processo de avaliação, apoio especializado e individualizado nas disciplinas e aprendizagens substantivas por parte dos professores de Ed. Visual e orientação de assistente operacional nos intervalos. Um dos alunos apresenta dificuldade ao nível da concentração nas tarefas escolares, nas várias disciplinas, com “ausências frequentes”, tendo sido sinalizado pelo Conselho de Turma para o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAP) para uma avaliação psicológica no próximo ano letivo”.

Outro desses alunos, estava na Oficina de S. José. Veio para a escola básica Dr. Francisco Sanches em janeiro e foi acompanhado por uma psicóloga. Tem défice cognitivo e muitas lacunas nas competências sociais. Frequentou as disciplinas de EV, EMRC, PrArt, CD-TIC, EF com a turma. Depois tem apoio em Português, Matemática e Autonomia Pessoal e social. Frequentava também o Clube de Hortofloricultura.

De modo a conhecer melhor os alunos e efetuar a caracterização da turma, foi realizado um questionário para cada aluno responder (**cf. Anexo 1**). Da respetiva interpretação, destacamos os seguintes dados por forma a poder apresentar a realidade afetiva, emocional e motivacional da turma, à data de abril de 2021, aquando iniciada a respetiva lecionação.

Quando questionados sobre os seus gostos, na generalidade destacaram o gosto pela família, do afeto, da diversão e do carinho que recebem desta, e da importância do tempo passado com a mesma. Destacaram também o gosto pela leitura, pelo desporto, pelo tempo passado com os amigos, onde, neste último, salientaram a importância do valor da amizade. Por outro lado, relativamente ao que não gostam, referiram com elevada unanimidade que não gostam de falsidade, de pessoas insensíveis, da mentira e da arrogância.

Outra das questões era alusiva à forma como viam os adultos e o que esperavam destes, dado que são os principais mentores na ajuda prestada durante o seu processo de crescimento.

Nesta questão mencionaram que esperavam sobretudo valores, tais como o respeito, o apoio, a compreensão, a humildade, o afeto e o exemplo.

Da pergunta alusiva aos aspetos da própria personalidade, na sua grande maioria, definiram-se como pessoas extrovertidas, bem-dispostas e com gosto pela vida e pela escola.

Sobre objetivos de vida e o que pretendem alcançar, outra das questões, a maioria referiu a pretensão de realizar os seus sonhos, enumerando diversas áreas profissionais, com particular relevância, a área da literatura, área artística e área científica.

Por conseguinte, quando interrogados sobre o que mais gostam nas aulas de EMRC, os alunos destacaram a abordagem de temas novos e variados e a sua dinamização, a discussão dos assuntos da disciplina com debate de ideias e perspetivas nas aulas, permitindo a participação dos alunos com uma linguagem mais própria e próxima de estudantes, a realização de fichas/questionários e quizzes, permitindo o uso das tecnologias, a visualização de vídeos/filmes, a abertura dos professores em dialogar e escutar os alunos.

Consequentemente, da análise deste questionário, é possível ainda verificar um nível de maturidade bastante elevado.

Tratando-se de uma turma de 7º Ano de escolaridade, o plano de estudos inclui 4 Unidades Letivas distribuídas pelos três períodos: UL 1 – As Origens, UL 2 – As religiões, UL 3 – Riqueza e sentido dos Afetos e UL 4 – A Paz Universal. Assim, a planificação anual é a que se apresenta seguidamente:

### **Plano de estudos - anual**

#### **EMRC 7º ano 2020/2021**

<b>Domínios / subdomínios / Unidades Letivas</b>	<b>Aprendizagens essenciais</b>	<b>Áreas de Competência do Perfil dos Alunos</b>	<b>Período</b>
<b>Acolhimento</b>			
Apresentação Preparação do ano letivo	Acolhimento aos alunos/ dinâmicas de apresentação.  Os desafios para o ano letivo.	<b>A</b> - Linguagens e textos; <b>B</b> - Informação e comunicação; <b>F</b> - Desenvolvimento pessoal e autonomia; <b>G</b> - Bem-estar, saúde e ambiente.	1.º
<b>UL 1 - As origens</b>			
As origens na perspetiva científica	Identificar as teorias do Big-Bang e evolução das espécies sobre a origem	<b>A</b> - Linguagens e textos; <b>B</b> - Informação e comunicação;	1.º

<p>Leitura simbólica das origens</p> <p>As origens na perspectiva bíblica</p> <p>A criação noutras tradições religiosas</p> <p>Fé ou Ciência?</p> <p>Criação: um acontecimento inacabado</p> <p>Um olhar de esperança</p>	<p>do Universo e do ser humano; (CFQ, CN, TIC, Hist)</p> <p>Discutir os dados da ciência, sobre a origem do universo, do ser humano e do sentido da vida e da humanidade, com as diferentes experiências religiosas; (P, CD, Hist, CFQ)</p> <p>Conhecer a mensagem bíblica e de outras tradições religiosas sobre a Criação; (Hist, EV, P, TIC)</p> <p>Reconhecer, na mensagem bíblica a excecionalidade da pessoa humana perante toda a Criação; (Hist)</p> <p>Assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem. (CFQ, CN, Geog, EF, TIC, CD)</p>	<p>C - Raciocínio e resolução de problemas;</p> <p>D - Pensamento crítico e pensamento criativo;</p> <p>F - Desenvolvimento pessoal e autonomia;</p> <p>G - Bem-estar, saúde e ambiente;</p> <p>I - Saber científico, técnico e tecnológico.</p>	
<b>UL 2 - As religiões</b>			
<p>A universalidade do fenómeno religioso</p> <p>Tradições religiosas orientais</p> <p>Religiões abraâmicas</p> <p>O Deus de Jesus Cristo</p> <p>O diálogo inter-religioso e a tomada de posição pessoal</p>	<p>Identificar manifestações do fenómeno religioso e da experiência religiosa; (Hist)</p> <p>Perceber a função da religião na vida pessoal e coletiva; (Hist)</p> <p>Distinguir Monoteísmo de Politeísmo; (Hist, TIC)</p> <p>Identificar exemplos relevantes do património artístico criados com base nas religiões; (Geo, Hist, TIC, CD)</p> <p>Identificar as tradições religiosas orientais;</p> <p>Compreender o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas; (Hist, EV, P, TIC, CD)</p> <p>Verificar que os princípios éticos comuns das várias religiões promovem a paz e o bem comum. (Hist)</p>	<p>A - Linguagens e textos;</p> <p>D - Pensamento crítico e pensamento criativo;</p> <p>E - Relacionamento interpessoal;</p> <p>F - Desenvolvimento pessoal e autonomia;</p> <p>G - Bem-estar, saúde e ambiente;</p> <p>H - Sensibilidade estética e artística.</p>	1.º e 2.º
<b>UL 3 - Riqueza e sentido dos afetos</b>			
<p>A adolescência e o desenvolvimento da pessoa</p>	<p>Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência; (ESP, Hist)</p>	<p>A - Linguagens e textos;</p> <p>B - Informação e comunicação;</p>	2.º

<p>Construção da personalidade</p> <p>Preocupações e desafios</p> <p>O agir moral e a questão religiosa</p> <p>Mensagem cristã sobre a felicidade</p>	<p>Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal; (CN, Hist, TIC, CD)</p> <p>Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; (EF, ESP, FR, ING, TIC)</p> <p>Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir; (CN, EF, CD, ESP, TIC)</p> <p>Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano; (P, TIC)</p> <p>Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros. (CN)</p>	<p>C - Raciocínio e resolução de problemas;</p> <p>E - Relacionamento interpessoal;</p> <p>F - Desenvolvimento pessoal e autonomia;</p> <p>G - Bem-estar, saúde e ambiente;</p> <p>I - Saber científico, técnico e tecnológico;</p> <p>J - Consciência e domínio do corpo.</p>	
<b>UL 4 - A paz universal</b>			
<p>A paz, o grande sonho da humanidade</p> <p>Situações de ausência de paz</p> <p>O direito à paz</p> <p>Promoção do bem comum</p> <p>Mensagem bíblica sobre a paz</p> <p>A missão das religiões</p>	<p>Identificar a Paz como condição essencial para a convivência humana; (CD)</p> <p>Discutir situações reais de falência da paz; (Geo, Hist, P, TIC)</p> <p>Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo; (TIC, CD)</p> <p>Mobilizar os princípios do diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos; (Hist, CD)</p> <p>Valorizar a Paz como elemento essencial da identidade cristã;</p> <p>Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz. (Geog, TIC)</p>	<p>A - Linguagens e textos;</p> <p>B - Informação e comunicação;</p> <p>C - Raciocínio e resolução de problemas;</p> <p>D - Pensamento crítico e pensamento criativo;</p> <p>E - Relacionamento interpessoal;</p> <p>F - Desenvolvimento pessoal e autonomia;</p> <p>G - Bem-estar, saúde e ambiente.</p>	3.º
<b>Visita de Estudo</b>			
<p>A Sinagoga do Porto</p> <p>Rio Douro (6 pontes)</p>	<p>Participar na visita de estudo à Sinagoga, Planetário ou museu da água no Porto e passeio de barco no Rio Douro: “as seis pontes”.</p> <p><b>Nota:</b> A atividade só se realizará se estiverem reunidas as condições de segurança emanadas da DGS.</p>	<p>E - Relacionamento interpessoal;</p> <p>F - Desenvolvimento pessoal e autonomia;</p> <p>G - Bem-estar, saúde e ambiente.</p>	3.º

<b>1.º período</b>	<b>2.º período</b>	<b>3.º período</b>	<b>TOTAL</b>
13	11	9	33

O calendário escolar 2020/2021 previa a existência de 33 aulas à terça-feira, sendo o dia em que a turma 3 do 7º tem EMRC, a distribuição do número de aulas por Unidade Letiva foi estipulada mediante o número de aulas disponíveis.

Inicialmente estava previsto o início da lecionação da Unidade Letiva 3, Riqueza e Sentido dos Afetos no dia 12 de janeiro de 2021, porém, dado que houve um caso positivo à COVID-19 no dia 11 de janeiro, a turma entrou em isolamento profilático e a lecionação ficou suspensa. Por conseguinte, em virtude da pandemia provocada pela Covid-19, face ao agravamento da situação pandémica, o governo determinou a suspensão das atividades letivas e não letivas e de apoio social, no final de janeiro de 2021 e houve novo confinamento geral, as comunidades educativas retomaram as aulas na modalidade de Ensino à Distância (E@D) e houve necessidade de um reajuste à calendarização da lecionação das Unidades Letivas.

Neste sentido, a Unidade Letiva 3, Riqueza e Sentido dos Afetos, iniciou-se efetivamente a 6 de abril de 2021, com o início do 3º período letivo.

### 3. Propostas de Planificação da Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos”

A planificação assume um papel primordial, pois através desta o professor faz opções, orienta e adapta a lecionação a partir do programa, no sentido de criar um processo de ensino aprendizagem de acordo as Aprendizagens Essenciais (AE) e o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO). Deste modo, o docente deve organizar a aula de modo a que esta reflita o contexto da vivência dos alunos.<sup>286</sup>

Partindo do próprio Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, podemos compreender que todo o ensino segue uma orientação que lhe é própria, dentro do sistema educativo, para a aquisição e desenvolvimento de competências. Portanto, torna-se importante que o docente se paute por procurar estratégias e atividades que persigam o objetivo de uma

---

<sup>286</sup> Cf. Maria Alves, *Currículo e Avaliação, Uma perspectiva integrada* (Porto Editora, 2004), 77.

aprendizagem eficaz pelos discentes de modo que, ao organizar uma determinada atividade, deva também refletir e planificar a forma como irá avaliar a sua consecução, para poder aferir também a sua eficácia.<sup>287</sup>

Por isso,

«a planificação destas situações não é fácil e pode passar por um trabalho colaborativo, em que os professores desenvolvam o pensamento reflexivo, sejam convidados a questionar-se sobre as razões pelas quais propõe uma atividade em vez de outra, a competência sobre a qual eles poderão intervir, as provas que recolherão, assim como os critérios que utilizarão para formular um juízo».<sup>288</sup>

Com efeito, a planificação é igualmente fundamental para o desempenho de um docente no processo de ensino-aprendizagem, dado que permite que haja uma reflexão antecipada acerca dos conteúdos a lecionar e nas diversas atividades a executar, a sua duração e método de avaliação, tendo sempre em conta o sucesso na aprendizagem dos alunos. De acordo com Cristina Sá Carvalho, esta «é o instrumento de trabalho mais essencial do professor, o instrumento através do qual toma as decisões que lhe cabem, adapta a leção aos alunos que tem na frente, previne as disrupções e tenta manter-se em controlo do que se passará na sala de aula».<sup>289</sup>

Incluída também na planificação devem estar os descritores do Perfil dos Alunos, dado que a dimensão afetiva dos alunos também é parte integrante na relação vertical e horizontal a ter com os discentes, no âmbito de uma educação integral e inclusiva.

Apresenta-se, agora, a proposta de planificação da Unidade Letiva 3 do programa de EMRC do 7º ano de escolaridade “Riqueza e sentido dos afetos”, com uma divisão dos conteúdos por cada aula, num total de 8 aulas. É apresentado em cada aula o conjunto de estratégias a utilizar e estará presente a grelha da planificação, com a representação dos domínios, aprendizagens essenciais, conteúdos, estratégias de ensino orientadas para o perfil dos alunos, os descritores do perfil do aluno, os recursos, o tempo e a avaliação formativa.

Como professor-estagiário, lecionei oito aulas, as quais foram planificadas de acordo com o programa da disciplina de EMRC, bem como, em sintonia com as orientações da Orientadora Cooperante, Professora Maria José Dias, relativamente à turma do 7º3. Importa-

---

<sup>287</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, 165.

<sup>288</sup> Alves, *Currículo e Avaliação, Uma perspectiva integrada*, 77.

<sup>289</sup> Cristina Sá Carvalho, «Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em EMRC, edição 2014», *Pastoral Catequética X*, n. 31/32 (2015): 29–61.

nos referir ainda que, para uma observação mais aprofundada, sugerimos a consulta do Dossier da Prática de Ensino Supervisionada.

### *3.1. Aula 1 - Introdução ao tema “Riqueza e Sentido dos Afetos”. A história e exemplo de Anne Frank*

A primeira aula realizou-se no dia 6 de abril de 2021 tendo como objetivo primordial a introdução ao tema em estudo da Adolescência, como Aprendizagem Essencial a identificação dos aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência, bem como a perceção e compreensão de si próprio neste período. Os objetivos a atingir são essencialmente discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal, partindo da história e exemplo de uma outra adolescente, Anne Frank.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com a saudação aos mesmos, explicando que iríamos iniciar uma nova Unidade Letiva. Segue-se um momento de organização dos materiais dos alunos (caderno diário, manual do aluno e material de escrita), acompanhado de um breve diálogo vertical e horizontal acerca deste novo tema.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: Introdução ao tema “Riqueza e Sentido dos Afetos”; A história e exemplo de Anne Frank; A Adolescência e o desenvolvimento da Pessoa. Quem sou eu?; Ficha de trabalho e carta pessoal.

**Vídeo:** Os alunos são convidados a ver um vídeo resumo da história de vida de Anne Frank, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=BPWrvmgtOv0&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=BPWrvmgtOv0&feature=emb_title). A visualização do vídeo tem como objetivo permitir uma compreensão mais eficaz da sua história de vida. Partindo do vídeo, o professor convida os alunos a fazerem uma partilha pessoal, tendo por base a experiência de cada um, acerca dos aspetos em que se identificam e pontos em que se tenham sentido interpelados, que definam e tenham a ver com o conceito de adolescência, numa dinâmica de chuva de ideias.

Com base nas suas partilhas, o professor desenvolve num breve diálogo vertical e horizontal, aspetos em comum com os diversos alunos, numa dinâmica de compreensão de que a Adolescência é uma fase comum a todos em que, por vezes, passamos por situações semelhantes, inclusive com colegas e amigos da mesma sala de aula. Em seguida, o professor aprofunda que a adolescência é uma fase em que se constrói a identidade, através da procura de respostas para as várias questões e interrogações que vão tendo, devido ao facto de já não se

sentirem crianças mas também não se sentirem adultos, em não percebem todas as alterações, quer física quer intelectualmente.

**Ficha de Trabalho:** Por conseguinte, o professor convida a ler um excerto do diário de Anne Frank e em seguida respondem a uma ficha de trabalho. O objetivo é perceber se os alunos assimilaram os conhecimentos pretendidos após a visualização do vídeo e do texto.

**Texto e Carta ao Próprio:** Com esta carta, precedida de um pequeno texto reflexivo, pretende-se que os alunos, numa descoberta pessoal, partindo das suas partilhas feitas anteriormente, se analisem e reflitam sobre si mesmos. São convidados a compreender os aspetos que envolvem a sua personalidade, para que tomem consciência do quanto se conhecem e se preparem para os desafios que poderão vir a enfrentar. Conclui-se a aula com a realização desta tarefa.

Para efeitos de avaliação, foi tido em conta o cumprimento das regras da sala de aula, a assiduidade e pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores, atenção e concentração, motivação e interesse.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Agrupamento de Escolas Francisco Sanches  
 Ano letivo 2019/2020

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: UL 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos

Ano: 7º | Turma: 3

Data: 06/04/2021

Aula: 1/8

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Registo do sumário Acolhimento aos alunos	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Caderno Diário -Material de escrita -Quadro -Giz/Caneta	5'	-Assiduidade e pontualidade -Empenho
<b>SUMÁRIO:</b> Introdução ao tema “Riqueza e Sentido dos Afetos” A história e exemplo de Anne Frank. A Adolescência e o desenvolvimento da Pessoa. Quem sou eu? Ficha de trabalho e Carta Pessoal.							
Religião e Experiência Religiosa	-Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.	- A Adolescência é a idade em que nós estamos.	- Início e introdução à Unidade Letiva: Riqueza e Sentido dos Afetos + visualização vídeo de introdução ao tema de Anne Frank, seguido de um breve diálogo vertical sobre o vídeo.	Crítico/Analítico (A, B, C, D)	-Computador -Coluna -Vídeo - Projetor	3' + 5'	- Atenção, empenho e participação na aula  - Cumprimentos das regras de sala de aula
		- A personalidade humana: identidade, continuidade, totalidade.	- Leitura de um excerto do diário de Anne Frank, “Desafios de uma				

<p>Ética e Moral</p>	<p>- Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.</p>	<p>pessoa e a adolescência (compreender quem sou e o que quero fazer com a minha vida).</p> <p>- A importância da família e da escola na formação da personalidade.</p> <p>- Os amigos e a sua influência na personalidade e na vida.</p> <p>O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e a adolescência (compreender quem sou e o que quero fazer com a minha vida).</p> <p>- O que muda quando crescemos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber a vida de um modo mais complexo;</li> <li>- Experimentar novas formas de pensar;</li> <li>- Assumir responsabilidades e fazer escolhas.</li> </ul>	<p>Adolescente”, um exemplo a seguir como forma de perceber as dificuldades próprias da adolescência + Realização de ficha de trabalho sobre o excerto.</p> <p>- Atividade “Carta Pessoal” ao próprio para compreender quem sou. Diálogo vertical para elaboração de síntese conclusiva da aula.</p>	<p>- Autoavaliador (transversal às áreas)</p>	<p>- Ficha de trabalho</p>	<p>25’</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.</li> <li>- Grelha de observação direta</li> </ul>
----------------------	---	---	--	---	----------------------------	------------	--

### *3.2. Aula 2 – A Adolescência e o desenvolvimento da Pessoa*

A segunda aula teve como Aprendizagem Essencial o aprofundamento dos aspetos e dos processos que caracterizam o desenvolvimento da pessoa na adolescência. Os objetivos a atingir são essencialmente discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade, no desenvolvimento da pessoa de forma integrada e não apenas como desenvolvimento físico.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com a saudação aos mesmos. Segue-se um momento de organização dos materiais dos alunos (caderno diário, manual do aluno e material de escrita), acompanhado de um breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Registo do sumário:** A Adolescência e o desenvolvimento da Pessoa.

**Exploração da música + Atividade de exploração da Letra:** Os alunos são convidados a ouvir a música de Rui Veloso “Não há estrelas no céu”, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=-QazhkM9N\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=-QazhkM9N_k), que aborda o tema da adolescência. O objetivo é que os alunos percebam com esta música que a adolescência é um processo bonito de viver porque desenvolve e forma a personalidade para se tornar adulto. Neste tema é apresentado um conjunto de desafios e adversidade de ordem física, social e afetiva, pelos quais todos os adolescentes passam de uma forma geral. Ao explorar e analisar a letra da música, foi possível fazer uma abordagem extensiva a cada um destes aspetos a cima referidos.

**Diálogo vertical a incidir nas respostas dos alunos:** Em seguida, o professor tem um pequeno diálogo com objetivo de debate sobre as respostas dadas e com intuito de conclusão de que a adolescência é um período de enormes transformações e com características próprias e importantes na formação da personalidade e desenvolvimento pessoa. Muitas vezes esquecemo-nos que a pessoa que se encontra ao nosso lado está a passar por situações semelhantes.

**Ficha de Trabalho:** Após este momento de partilha, os alunos realizam uma ficha de trabalho com a atividade “Desenho a minha identidade”. O objetivo é perceber o desenvolvimento na adolescência de forma integrada e não apenas como desenvolvimento físico.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Agrupamento de Escolas Francisco Sanches  
 Ano letivo 2020/2021

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: UL 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos

Ano: 7º | Turma: 3

Aula: 2/8

Data: 13/04/2021

Tempo previsto: 50'

Dominios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário <b>SUMÁRIO:</b> A Adolescência e o desenvolvimento da Pessoa.			Registo do sumário Acolhimento aos alunos	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Caderno Diário -Material de escrita -Quadro -Giz	5'	-Assiduidade e pontualidade -Empenho
Religião e experiência Religiosa	- Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.	-O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e a adolescência (compreender quem sou e o que quero fazer com a minha vida).	- Exploração da música “Não há estrelas no céu” de Rui Veloso com posterior reflexão orientada canção + atividade de exploração da letra.  - Diálogo vertical a incidir nas respostas dos alunos, de forma a concluir que a adolescência é um período de enormes transformações e com características	Crítico/Analítico (A, B, C, D)	Computador Música Coluna  Ficha de trabalho Quadro giz	4' + 5'  6'	- Atenção, empenho e participação na aula  - Cumprimentos das regras de sala de aula  - Participação pertinente e

	<p>- Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.</p>	<p>- O que muda quando crescemos:  - Perceber a vida de um modo mais complexo experimentar novas formas de pensar: do pensamento concreto ao pensamento abstrato.</p>	<p>próprias importantes na formação da personalidade e desenvolvimento pessoal</p> <p>- Atividade “Desenho a minha identidade”, de forma a perceber o desenvolvimento na adolescência de forma integrada e não apenas como desenvolvimento físico.</p>	<p>- Autoavaliador (transversal às áreas)</p>	<p>- Ficha de trabalho</p>	<p>30'</p>	<p>oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.</p> <p>- Grelha de observação direta</p>
--	---	---	--	---	----------------------------	------------	---

### 3.3. Aula 3 – A Adolescência e o desenvolvimento da Pessoa (continuação)

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com a saudação aos mesmos. Segue-se um momento de organização dos materiais dos alunos (caderno diário, manual do aluno e material de escrita), acompanhado de um breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Registo do sumário:** A Adolescência e o desenvolvimento da Pessoa (continuação).

**Poema:** Leitura do poema “Quem sou eu” de Dennys Távora, que se encontra na ficha de Trabalho “Desenho a minha identidade” realizada na aula anterior, seguida da seleção de 2 palavras.

**Wordcloud:** Realização de um wordcloud com as palavras com que os alunos escolheram. As palavras serão inseridas no site <https://www.wordclouds.com/>. O objetivo é perceber as reações dos alunos relativamente às palavras que escolheram enquanto turma.

**Ficha de Trabalho:** Continuação da ficha de trabalho com a atividade “Desenho a minha identidade”. O objetivo é perceber o desenvolvimento na adolescência de forma integrada e não apenas como desenvolvimento físico.

**Vídeo:** Visualização do vídeo “Adolescência: Desenvolvimento, Identidade, Riscos e Dinâmicas”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QyVsybVTSos&t=1s>, seguido de diálogo vertical sobre o conteúdo do vídeo para elaboração de uma síntese conclusiva da aula. O objetivo é perceber o que é que os alunos aprenderam e retiraram da aula lecionada.

**Sopa de Letras:** Conclui-se a aula com resolução de uma sopa de letras sobre o tema da Adolescência.



## Planificação de Aula

Unidade Letiva: UL 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos

Ano: 7º | Turma: 3

Data: 20/04/2021

Aula: 3/8

Tempo previsto: 50'

Dominios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário <b>SUMÁRIO:</b> A Adolescência e o desenvolvimento da Pessoa (continuação).			Registo do sumário Acolhimento aos alunos	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Caderno Diário -Material de escrita -Quadro -Giz	5'	-Assiduidade e pontualidade -Empenho
Religião e experiência Religiosa	- Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.	-O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e a adolescência (compreender quem sou e o que quero fazer com a minha vida).	- Leitura do poema “Quem sou eu” de Denny Távora, seguida de seleção de 2 palavras com as quais o aluno se identifica.  - Realização de um wordcloud com as palavras que os alunos escolheram.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)  Participativo/ Colaborador (A, B, C, E, F, H, I)	- Poema  -Quadro - Giz/Marcador - Computador com ligação à internet.	5'  12'	- Atenção, empenho e participação na aula  - Cumprimentos das regras de sala de aula  - Participação pertinente e oportuna valorizando as

	- Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que muda quando crescemos:</li> <li>- Perceber a vida de um modo mais complexo experimentar novas formas de pensar: do pensamento concreto ao pensamento abstrato.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Continuação da Atividade “Desenho a minha identidade”, de forma a perceber o desenvolvimento na adolescência de forma integrada e não apenas como desenvolvimento físico.</li> <li>- Visualização de um vídeo sobre o Desenvolvimento, Identidade, Riscos e Dinâmicas da Adolescência. seguido de um breve diálogo vertical.</li> <li>- Realização de uma sopa de Letras para elaboração de síntese conclusiva da aula.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Autoavaliador (transversal às áreas)</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>Indagador/ Investigador (C, D, F, I)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ficha de trabalho</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vídeo</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ficha de trabalho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>12'</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>6'</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>10</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>intervenções positivas e fundamentadas.</li> <li>- Grelha de observação direta</li> </ul>
--	--	--	---	---	---	---	--

### 3.4. Aula 4 – A Construção da Personalidade

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com a saudação aos mesmos. Segue-se um momento de organização dos materiais dos alunos (caderno diário, manual do aluno e material de escrita), acompanhado de um breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: “A Construção da Personalidade”.

**PowerPoint:** O objetivo deste PowerPoint (A Construção da Personalidade), é apresentar um conjunto de noções acerca do conceito de personalidade e a sua construção, não só das diversas dimensões da personalidade, mas também sobre o “ser-se com os outros” e da influência destes na construção da nossa personalidade.

**Ficha de Trabalho:** Esta ficha de trabalho (A loja da personalidade), tem como objetivo uma introspeção sobre aquilo que se é, contrapondo com o que se gostaria de ser, tendo a consciência que a personalidade é algo que se constrói com o tempo, com o crescimento e desenvolvimento integral da pessoa. Não é algo de fácil aquisição, sem qualquer custo ou trabalho, não que se compra.

**Ficha de Trabalho:** O objetivo desta ficha, (Adultos de referência - fatores desenvolvimentais da personalidade) é, partindo do tema da ficha anterior, refletirem sobre quem influencia a nossa personalidade durante o processo de crescimento. Perceber quem e de que forma é uma referência para o desenvolvimento da personalidade.

**Vídeo:** A aula termina com um vídeo “Mr Indifferent, Quem sou Eu sem o Outro – “Contagio da Bondade”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-npBH17w3Go&t=19s>, como síntese conclusiva da aula. O vídeo demonstra o poder e o efeito que um gesto bom pode ter na vida e na relação uns com os outros.



## Planificação de Aula

Unidade Letiva: UL 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos

Ano: 7º | Turma: 3

Data: 27/04/2021

Aula: 4/8

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa	
Acolhimento e Sumário			Registo do sumário Acolhimento aos alunos	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Caderno Diário -Material de escrita -Quadro -Giz/ Marcador	5'	-Assiduidade e pontualidade -Empenho	
<b>SUMÁRIO:</b> A Construção da Personalidade								
Ética e moral	- Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.	- A personalidade humana: identidade, continuidade, totalidade. - Dimensões da personalidade;	-Noções introdutórias sobre o conceito de personalidade. PowerPoint sobre “A Construção da Personalidade”	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Quadro -Giz/ Marcador -Computador - Projetor - PowerPoint	15'	-Atenção, empenho e participação na aula	
	- Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa.	- A importância da família, amigos, grupos e da escola na formação da personalidade;	-Dinâmica de grupo – A loja da personalidade (a personalidade não se compra, constrói-se).		Questionador (A, F, G, I)	-Ficha de Trabalho	10'	- Cumprimentos das regras de sala de aula
	Religião e experiência Religiosa		-Dinâmica de grupo – Adultos de referência (fatores desenvolvimentais da personalidade). Ficha de trabalho.  Síntese conclusiva: audiovisual - Mr Indifferent, Quem sou Eu sem o Outro – “Contagio da Bondade”.		Crítico/Analítico (A, B, C, D)	-Ficha de Trabalho  -Computador -Coluna -Vídeo - Projetor	15'  5'	- Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.  - Grelha de observação direta

### *3.5. Aula 5 – Construção da Personalidade, continuação. O papel da Família na Construção da Personalidade*

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com a saudação aos mesmos. Segue-se um momento de organização dos materiais dos alunos (caderno diário, manual do aluno e material de escrita), acompanhado de um breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: “A Construção da Personalidade, continuação. O papel da Família na Construção da Personalidade.”

**Vídeo:** Visualização do vídeo “Familiarizados” da Ikea, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qAbOBTGPTXU>, com o objetivo de fazer perceber que muitas vezes nem a própria família conhecemos por não haver diálogo e partilha, o que é fundamental na construção da personalidade.

**PowerPoint:** O objetivo deste PowerPoint (Testemunhos de uma família), é fazer uma reflexão sobre o vídeo a partir da exploração de algumas questões.

**PowerPoint:** Com o texto expresso neste recurso (Do puzzle à família imperfeita – Não existe família perfeita), pretende-se que os alunos reflitam no facto de não existirem famílias perfeitas partindo do texto do Papa Francisco “Não há famílias perfeitas”.

**Ficha de Trabalho:** A aula termina com a ficha de trabalho alusiva ao recurso anterior (Testemunhos de uma família). O objetivo desta ficha é que os alunos reflitam conscientemente sobre os obstáculos que surgem no dia à dia das famílias, sobrecarregando-as, e com isso retiram o devido valor ao papel da família na Adolescência.



## Planificação de Aula

Unidade Letiva: UL 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos

Ano: 7º | Turma: 3

Data: 04/05/2021

Aula: 5/8

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário							
	<b>SUMÁRIO:</b> Construção da Personalidade, continuação. O papel da Família na Construção da Personalidade.		Registo do sumário Acolhimento aos alunos	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Caderno Diário -Material de escrita -Quadro -Giz	5'	-Assiduidade e pontualidade -Empenho
Religião e experiência Religiosa	- Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa.	- A importância da família, amigos, grupos e da escola na formação da personalidade	- Visualização do vídeo “Familiarizados” da Ikea	Questionador (A, F, G, I)	-Computador -Coluna -Vídeo	3'	- Atenção, empenho e participação na aula
			- Reflexão sobre o vídeo a partir da exploração de algumas questões com recurso ao PowerPoint.	Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F)	-Computador -Projetor - PowerPoint	12'	- Cumprimentos das regras de sala de aula
			- Leitura e reflexão do texto do Papa Francisco “Não há famílias perfeitas” com recurso ao PowerPoint.	Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Computador -Projetor - PowerPoint	10'	- Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
			- Leitura e reflexão do texto “Do puzzle à família imperfeita” + Ficha de trabalho.	Autoavaliador (transversal às áreas)	-Ficha de Trabalho	20'	- Grelha de observação direta

### 3.6. Aula 6 – O papel da Família na Construção da Personalidade, continuação

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com a saudação aos mesmos. Segue-se um momento de organização dos materiais dos alunos (caderno diário, manual do aluno e material de escrita), acompanhado de um breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: “O papel da Família na Construção da Personalidade, continuação”.

**Vídeo:** Visualização do vídeo “Global Teacher Prize – ultrapassar obstáculos em Família”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XUqtdYPz5AU>. Este vídeo tem como mote a introdução da importância do tempo e da forma como se gasta o tempo de vida, sobretudo para com a família, amigos e grupos, na formação da personalidade.

**Texto + Ficha de trabalho:** Leitura e reflexão do texto “Obstáculos na Família”. Com este texto pretende-se que, no seguimento do vídeo anterior, os alunos compreendam os variados obstáculos que podem prejudicar a vivência e convívio em família. Em seguida, os discentes realizam uma ficha de trabalho sobre o texto “Obstáculos na Família”. O objetivo é pôr em prática a reflexão feita com o texto anterior.

**Vídeo:** A aula termina com o vídeo “La família perfecta”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UZZzsjNNZP0>. O vídeo é uma crítica irónica/satírica a uma suposta família perfeita. Pretende-se como objetivo, compreender que não existem famílias perfeitas.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Agrupamento de Escolas Francisco Sanches  
 Ano letivo 2020/2021

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: UL 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos

Ano: 7º | Turma: 3

Data: 11/05/2021

Aula: 6/8

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário		<b>SUMÁRIO:</b> O papel da Família na Construção da Personalidade, continuação. Registo do sumário Acolhimento aos alunos		Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Caderno Diário -Material de escrita -Quadro -Giz	5'	-Assiduidade e pontualidade -Empenho
Religião e experiência Religiosa	- Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa.	- importância da família, amigos, grupos e da escola na formação da personalidade.	- Visualização do vídeo “Global Teacher Prize – ultrapassar obstáculos em Família” - Leitura e reflexão do texto “Obstáculos na Família” -Ficha de trabalho sobre o texto ““Obstáculos na Família””. - Síntese conclusiva da aula com recurso ao vídeo “La familia perfecta”.	Questionador (A, F, G, I) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F) Sistematizador/ organizador (A, B, C, I) Autoavaliador (transversal às áreas).	-Computador -Coluna -Vídeo  -Ficha de Trabalho  -Computador -Coluna -Vídeo	2'  10'  25'  8'	- Atenção, empenho e participação na aula  - Cumprimentos das regras de sala de aula  - Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.  - Grelha de observação direta

### 3.7. Aula 7 – O Desafio do amor: Amar e ser amado. A vivência da sexualidade de forma responsável

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com a saudação aos mesmos. Segue-se um momento de organização dos materiais dos alunos (caderno diário, manual do aluno e material de escrita), acompanhado de um breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Registro do sumário:** Registro do sumário, a saber: “O Desafio do amor: Amar e ser amado. A vivência da sexualidade de forma responsável”. A sexualidade é uma componente importante e é parte integral da pessoa humana, o que acarreta consigo uma grande responsabilidade.

**Vídeo:** Visualização do vídeo “Sweet Lorraine – História de Amor”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XNXS7ZfyDbI>. Pretende-se, como objetivo, que os alunos vejam e compreendam a essência do verdadeiro amor.

**PowerPoint + Vídeo:** Através do recurso do PowerPoint (Mapa Conceptual sobre o Enamoramento) + vídeo (o 1º beijo) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IOHNJ-8WBUm>, pretende-se como objetivo, trabalhar a questão do enamoramento.

**Kahoot:** A aula termina com um Kahoot “O amor e a Sexualidade”. Este recurso é usado como intenção de assimilação de conceitos desta unidade letiva.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Agrupamento de Escolas Francisco Sanches  
 Ano letivo 2020/2021

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: UL 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos

Ano: 7º | Turma: 3

Data: 19/05/2021

Aula: 7/8

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário		Registo do sumário Acolhimento aos alunos		Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Caderno Diário -Material de escrita -Quadro -Giz	5'	-Assiduidade e pontualidade -Empenho
Ética e Moral	- Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir.	- A experiência de maturação dos adolescentes: Desejo de amar e ser amado.	- Visualização do vídeo “Sweet Lorraine – História de Amor” + Reflexão sobre o vídeo.	Questionador (A, F, G, I)	-Computador -Coluna -Vídeo	10'	- Atenção, empenho e participação na aula
			-Descoberta guiada: PowerPoint do Mapa Conceptual sobre o Enamoramento + Audiovisual sobre o “1.º beijo”	Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F) Comunicador (A, B, D, E) Crítico/Analítico (A, B, C, D)	-Computador -Coluna -Vídeo -Projetor - PowerPoint	5'	- Cumprimentos das regras de sala de aula  - Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
			Kahoot sobre o Amor e a Sexualidade.	Criativo (A, C, D, J)	- Telemóvel com ligação à internet - Aplicação <i>Kahoot</i>	30'	- Grelha de observação direta

### 3.8. Aula 8 – Os aspetos basilares da Adolescência. Autoavaliação

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com a saudação aos mesmos. Segue-se um momento de organização dos materiais dos alunos (caderno diário, manual do aluno e material de escrita), acompanhado de um breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: “Os aspetos basilares da Adolescência. Autoavaliação”.

**Quizizz:** Realização do Quizizz (Riqueza e Sentidos dos Afetos - Avaliação), disponível em <https://quizizz.com/join/quiz/60ac231dfe2abd001cb7c570/start?studentShare=true>, pretende-se como objetivo fazer uma avaliação final sobre esta unidade letiva.

**Vídeo:** A aula termina com o vídeo “I’m just a kid”. Este recurso é usado como intenção de consolidação de conceitos e como um breve momento audiovisual conclusivo da unidade letiva. A aula termina com um breve diálogo sobre o vídeo visualizado.



## Planificação de Aula

Unidade Letiva: UL 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos

Ano: 7º | Turma: 3

Data: 25/05/2021

Aula: 8/8

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Registo do sumário Acolhimento aos alunos	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	-Caderno Diário -Material de escrita -Quadro -Giz	5'	-Assiduidade e pontualidade -Empenho
<b>SUMÁRIO:</b> Os aspetos basilares da Adolescência. Autoavaliação							
Ética e Moral	- Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir.	- A experiência de maturação dos adolescentes: Desejo de amar e ser amado.	Quizizz sobre alguns dos aspetos principais da Adolescência.	Crítico/Analítico (A, B, C, D)	- Telemóvel com ligação à internet - Aplicação <i>Quizizz</i>	35'	- Atenção, empenho e participação na aula - Cumprimentos das regras de sala de aula  - Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
			Audiovisual sobre a beleza da Adolescência: "I'm just a kid" + breve diálogo sobre o vídeo.	Criativo (A, C, D, J)  Questionador (A, F, G, I)  Comunicador (A, B, D, E)			

#### 4. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada

No culminar do nosso estudo, urge-nos realizar uma avaliação acerca de toda a nossa experiência pedagógica e de ensino, no que confere à Prática de Ensino Supervisionada decorrida no ano letivo de 2020/2021.

A avaliação é uma etapa essencial no processo de construção de ensino-aprendizagem na medida em que aferimos a pertinência da organização do processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente, verificar se as estratégias usadas estão a ter o seu devido sucesso e se os seus resultados correspondem a um resultado eficaz de aprendizagens relevantes.<sup>290</sup> Com efeito, torna-se num processo contínuo no qual é recomendável incluir a «utilização de um leque amplo e variado de instrumentos e estratégias de avaliação».<sup>291</sup>

O docente que leciona tem um papel essencial neste processo de ensino-aprendizagem pois, é em si que reside a capacidade reflexiva acerca das suas competências e capacidades, do seu desempenho, bem como do seu próprio conhecimento.

É com base nesta conjectura de pensamento que nos remetemos a uma avaliação pessoal acerca da lecionação no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, de cariz primordial, com o objetivo da aquisição de competências e aprendizagens no decorrer do desenvolvimento pessoal do docente estagiário, sabendo que este é um processo gradual na sua matriz.

Tendo a consciência de que o docente estagiário carrega consigo o fator de mediador e transmissor de saberes, a Prática de Ensino Supervisionada possibilita, na sua natureza, a prática das competências adquiridas no decorrer do percurso escolar formativo. Além deste aspeto, a possibilidade de ir para o terreno permite, igualmente, contactar com a realidade escolar e com a realidade da comunidade educativa, essencial para o docente moldar as estratégias e metodologias a adotar para a programação e lecionação das aulas às turmas e comunidade local.

Neste sentido, é-nos permitido afirmar que a PES possibilitou a construção de um caminho crescente de evolução pedagógica no decorrer do percurso letivo, não só a nível de conteúdos, mas também no que diz respeito aos conteúdos pedagógicos. Dessa forma, permitiu um melhor conhecimento dos discentes possibilitando uma melhor abordagem e ponderação na preparação de estratégias, conteúdos e recursos a usar na prática letiva, com o objetivo de conceder uma aprendizagem eficaz, diversificada, dinâmica e atrativa. Do mesmo modo,

---

<sup>290</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica», 165.

<sup>291</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, 165.

concedeu a oportunidade de criar e aprofundar um discurso com uma linguagem clara e objetiva, de forma a construir uma relação afetiva, eficaz e um processo de ensino-aprendizagem eficiente. Neste sentido, sempre que necessário, procurou-se em cada aula recapitular de forma sintética todos os conteúdos lecionados e transmitidos nas aulas anteriores, retirando as dúvidas que pudessem surgir nesses momentos.

Sendo as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) um tema de abordagem deste estudo, foi um objetivo pessoal fazer uso das mesmas, com o interesse de criar dinâmicas diferentes e atrativas. Como exemplo disso, foram usadas projeções de vídeos, imagens e sons, jogos e diversas aplicações do mesmo âmbito com intuito pedagógico. No nosso parecer, todas as ferramentas que possibilitam de forma eficaz a transmissão de saber, promovendo simultaneamente o interesse dos alunos, resultam em metodologias e estratégias benéficas e eficazes neste processo de ensino-aprendizagem. Foi com a percepção e compreensão da importância das tecnologias no contexto atual, e com base no pensamento de Ione de Cássia Soares da Silva, que optamos por usar a mesma abordagem. Para esta autora, «não há como negar a importância das novas tecnologias no contexto atual, que tem tomado cada vez mais espaço com a sua rapidez e multiplicidade de informações, quebram barreiras de tempo e espaço, conectando as pessoas, fatos e conhecimentos de forma global e instantânea».<sup>292</sup>

Do mesmo modo, a utilização de jogos segue o mesmo objetivo, dado que permite tornar as atividades letivas mais prazerosas e atrativas, sendo ao mesmo tempo um recurso real de aprendizagem. Precisamente, para Isabel Varanda, o jogo está aberto a todo o ser humano, dado que todo o ser humano possui a capacidade de jogar, sendo um modo único e diferente de se relacionar com o mundo. Nesta singularidade, o jogo surge como provocador à corrente existencial humana quotidiana. Por este motivo, não acontece como ilusão, mas como realização de um modo de ser diferente.<sup>293</sup>

Por conseguinte, dado que a música foi igualmente um dos instrumentos usados durante a leção na PES, compreendemos igualmente a sua importância como recurso no processo de ensino-aprendizagem dado que esta

---

<sup>292</sup> Ione De Cássia Soares Da Silva, Tatiane Da Silva Prates, e Lucineide Fonseca Silva Ribeiro, «As Novas Tecnologias e aprendizagem: desafios enfrentados pelo professor na sala de aula», *Em Debate* 16, n. 15 (2016): 107–23, <https://doi.org/10.5007/1980-3532.2016n15p107>.

<sup>293</sup> Cf. Isabel Varanda, «O jogo como metáfora da Criação», *DIDASKALIA XXXVII* 1, n. 2007 (1999): 141–59.

«pode ser uma atividade divertida e que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem-estar, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente na construção da identidade do cidadão. Pode até mesmo transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos».<sup>294</sup>

Como tal, podemos ver na música um recurso apelativo para o desenvolvimento de habilidades que os jovens discentes podem adquirir e que lhes podem ser úteis na sua vida adulta.

No que toca à relação com os alunos da turma na qual ocorreu a PES, pautou-se sempre por se manter uma relação de proximidade e colaboração, adotando uma postura correta em sala de aula, com motivação, dedicação e empenho, permitindo o desenvolvimento pessoal como docente da prática pedagógica, bem como o sucesso dos alunos. O bom exemplo comportamental dos discentes é fundamental para o bom funcionamento das aulas e para o processo de ensino-aprendizagem do docente. Do mesmo modo, promoveu-se com eficácia a inclusão e integração de todos os membros da turma na busca contínua do bem-estar social e afetivo, elemento imprescindível a uma boa aprendizagem.

No que confere a situações anómalas, é-nos imprescindível fazer referência à pandemia provocada pela Covid-19 vivida no decorrer desse ano letivo. Esta foi um fator determinante de inúmeros constrangimentos durante a PES, desde a impossibilidade em assistir às aulas dos colegas de núcleo de estágio. Essa possibilidade seria um benefício de enriquecimento pessoal numa tentativa desenvolvimento pessoal e de autoanálise enquanto docente. Acrescentamos também o constrangimento de ter havido a necessidade da execução do regime misto de ensino, com a adoção do Ensino à Distância (E@D) em determinados períodos de tempo, atrasando a lecionação das aulas destinadas à PES. Contudo, apesar destes constrangimentos, é relevante referir que foram realizados todos os esforços possíveis com o objetivo de minimizar estas condicionantes restritivas provocadas pela pandemia. Por este motivo, foi possível a realização da PES na escola com sucesso.

Em conclusão desta experiência, ressaltamos que a PES se tornou numa experiência extremamente enriquecedora, ultrapassando todas as expectativas pessoais, na medida em que proporcionou a vivência plena da experiência da prática letiva. Traduziu-se numa oportunidade

---

<sup>294</sup> Ana Cláudia Moreira e Halinna Santos, «A Música Na Sala De Aula - a Música Como Recurso Didático», *UNISANTA Humanitas*, 3, n. 2014 (2014): 41–61, <https://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/view/273/274>.

única de experiências cheias de desafios que permitiram o desenvolvimento pessoal enquanto docente e a aquisição de conhecimentos. Por este motivo, referimos a PES como um momento único, enriquecedor e marcadamente positivo, na qual consideramos ter atingido os objetivos estipulados, quer no crescimento e desenvolvimento pessoal enquanto docente de EMRC, quer na prática deste processo de ensino-aprendizagem com os discentes.

## Conclusão

Neste percurso, depois de termos trabalhado a amizade social e digital nos jovens adolescentes na atualidade, enriquecendo-a com a mensagem reflexiva acerca da Encíclica *Fratelli Tutti*, resta-nos mencionar que muito mais haveria a dizer sobre estas temáticas. Temos igualmente consciência de que se poderiam realizar outros tipos de abordagens, porém, após executada a abordagem pretendida, concluímos com alguns acenos que possam valorizar a reflexão concretizada.

Num primeiro momento, compreendemos o conceito de adolescência e tudo o que esta implica, como etapa importante no ciclo do crescimento e desenvolvimento de um jovem adolescente. Verificamos a relevância desta etapa por se tratar do momento no qual se descobre a identidade e se define a personalidade da pessoa humana. Associada a esta etapa, compreendemos que a família adquire um papel primordial por ser a primeira base para que esse desenvolvimento aconteça, que inserida num contexto de tempo e lugar, conjuntamente com a sociedade, criam bases para esse crescimento e desenvolvimento pessoal e humano.

Seguindo-se um momento de reflexão acerca do conceito de amizade, verificamos as evoluções que este sofreu ao longo da nossa história, compreendemos que na sua gênese está sempre implícita a necessidade de abertura de si mesmo àquele que se apresenta diante de mim, alicerce principal para a construção e configuração dos diversos tipos de relações, sejam num contexto de amizade ou de amor. Não é possível a construção de uma amizade se não existir a noção de que somos seres para os outros.

Acoplada à construção de relações, encontramos na comunicação a chave para uma construção eficaz, na medida em que esta se constrói na formação de uma base comum de partilha de significados, que são transmitidos, assimilados e compreendidos entre os intervenientes. É a comunicação que formula a criação de laços, dado que é uma atividade social na qual se encontram as respetivas identidades sociais. Com a revolução tecnológica, vivemos na atualidade uma nova maneira de comunicar, assistindo a um novo patamar de exposição dessa comunicação, nomeadamente, através das redes sociais. A confirmação de que é possível a criação, manutenção e evolução de relações neste âmbito é bastante valiosa, particularmente no quesito das amizades, através da troca de conhecimentos e afetos.

Todavia, importa tomar consciência das complexidades e desvantagens que estas carregam consigo, originando problemáticas quando o seu uso não é responsável. É com uma

visão consciente que verificamos que existem diversas complexidades na atualidade e que, muitas vezes, dificultam a possibilidade de uma verdadeira aproximação uns para com os outros. Inúmeras vezes, impulsionados pelos meios de comunicação social ou media, somos remetidos para o fator da pessoa como ser individual, virado para si mesmo, que é um dos primeiros e principais dilemas que dificultam o diálogo, a escuta e a capacidade de se colocar no lugar do outro. É precisamente aqui que temos o dever de promover o caminho contínuo do encontro, da comunhão e da diversidade, dado que nas redes sociais também reside a capacidade de promover o bem da sociedade.

Precisamente, a capacidade de promover o bem comum pauta-se pela capacidade que cada um tem em moldar a mente e o coração no caminho da interpretação da realidade do próximo, num processo de formação humana e no qual construímos humanidade. Como vimos, só na capacidade de amar o próximo é que valorizamos a dignidade humana, caminhando em direção à amizade social e à fraternidade universal.

Numa visão da atualidade global, não nos é indiferente as transformações sociais, económicas e geopolíticas da hodiernidade, na quais as dinâmicas sociais estão inseridas como assunto da atualidade. Vivemos novamente um período de conflitos armados entre países que fazem aumentar as tensões entre blocos económicos e militares, associado também a um novo período de fragilidade económicas devido ao aumento exponencial da inflação, agravado pela crise pandémica provocada pela COVID-19. Todos estes acontecimentos desencadeiam fenómenos migratórios, aumento das disparidades sociais, como a pobreza e a fome, e colocam sobre maior pressão o valor e a dignidade da vida humana. Neste sentido, mais do que nunca urge a construção de um mundo com mais amor, empatia, compreensão, sem barreiras ou fronteiras. Por este motivo, é importante a construção de uma cultura que interprete a realidade em reconhecimento da diferença do outro, sem alimentar estereótipos ou preconceitos, construindo uma verdadeira cultura de amabilidade, assente no reconhecimento do outro como ser humano e filho de Deus.

Concluindo, cabe a cada um de nós trabalhar na preservação dos valores éticos e morais que são pontes cruciais para ultrapassar os problemas atuais da sociedade. Não nos podemos esquecer que a desorganização da vida pública fomenta a desorientação das estruturas bases da sociedade, em especial a família. Se cada um de nós enquanto pessoa e ser humano procurar trabalhar no sentido da construção de um mundo melhor, mais humano e humanizador, podemos construir uma sociedade mais humana, mais compreensiva, com uma comunicação mais profunda, fundada na compreensão e acolhimento do outro, numa atitude de verdadeiro

amor, através da amabilidade. Uma cultura assente no amor, promove um novo encontro e o bem comum da sociedade.

## Bibliografia

### Documentos do Magistério da Igreja

- Francisco, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social*, 2020. [http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19310515\\_quadragesimo-anno.pdf](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.pdf).
- . *Exortação Apostólica Pós-Sinodal: Christus Vivit*, 2019. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html).
- . *Louvado Sejas - Carta Encíclica Laudato Si*. Águeda: Paulinas, 2015. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html).
- . *Mensagem de sua Santidade Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2016. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20160124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).
- . *Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII dia mundial das comunicações sociais*, 2014. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.pdf).

### Bibliografia Geral

- Alves, Maria. *Currículo e Avaliação, Uma perspectiva integrada*. Porto Editora, 2004.
- Anzieu, Didier, e Jacques-Yves Martin. *La dynamique des groupes restreints. (Dynamics of small groups)*. Paris: PUF, 1971.
- Azevedo, Ângela Sá. «“Ser ou não ser ... O jovem de hoje sabe responder”». *Theologica* 1, n.

- Universidade Católica Portuguesa (2012): 115–24.  
<https://doi.org/10.34632/theologica.2012.2225>.
- Bailyn, Lotte, Lee Sproull, e Sara Kiesler. «Connections: New Ways of Working in the Networked Organization.» *Administrative Science Quarterly* 37, n. 3 (1992): 491.  
<https://doi.org/10.2307/2393454>.
- Bauman, Zygmunt. *A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas*. Editado por Jorge Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- . *Vida em Fragmentos, sobre a Ética Pós-Moderna*. Editado por Zahar. Rio de Janeiro, 2011.
- Bikson, T.K., & Eveland, J.D. (1990) In, Jolene Galegher, e Robert E. Kraut. «Computer-mediated communication for intellectual teamwork: A field experiment in group writing». *Proceedings of the 1990 ACM Conference on Computer-Supported Cooperative Work, CSCW 1990*, n. October (1990): 65–78. <https://doi.org/10.1145/99332.99343>.
- Bonhemberger, Marcelo, Jorge Luís, e Nicolas Audy. «Educação a serviço da integridade humana: (im)pactos propostos pelo papa francisco aos contextos contemporâneos». *Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas* 32, n. 3 (2022): 376–87. <https://doi.org/10.18224/frag.v32i3.13142>.
- Byrne, Donn. «An Overview (and Underview) of Research and Theory within the Attraction Paradigm». *Journal of Social and Personal Relationships* 14, n. 3 (1997): 417–31.  
<https://doi.org/https://doi.org/10.1177/0265407597143008>.
- Cabrejos, Perez, Ruth Gissela, Rodriguez Galan, Darien Barramedo, Paucar Colquepisco, Nilo Teodorico, Enriquez Ludena, e Rosa Luisa. «Consecuencias de la nomofobia en adolescentes: una revisión sistemática.» *Conrado* 17, n. 81 (2021): 203–10.
- Carvalho, Cristina Sá. «Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em EMRC, edição 2014». *Pastoral Catequética* X, n. 31/32 (2015): 29–61.
- Carvalho, José Mauricio de. «A cultura-mundo a uma sociedade desorientada». *Revista Estudos Filosóficos*, n. 8 (2012): 108–12. <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>.
- Clari, Herbert H., e Edwad F. Shaefer. «Contributing to discourse». *Cognitive science* 13, n. 2 (1989): 259–94. [https://doi.org/10.1016/0364-0213\(89\)90008-6](https://doi.org/10.1016/0364-0213(89)90008-6).
- Cleide Scarlatelli. «A vida à luz do encontro dialógico». *Leonardo* 44, n. 1 (2004): 121–26.

<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.22351/et.v44i1.575>.

Contractor, Noshir S., e David R. Seibold. «Theoretical Frameworks for the Study of Structuring Processes in Group Decision Support Systems: Adaptive Structuration Theory and Self-Organizing Systems Theory». *Human Communication Research* 19, n. 4 (sem data): 528–63. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1993.tb00312.x>.

Cordeiro, António, Fernando Moita, José Luis Dias, e Margarida Portugal. *Quero Saber - 7º Ano*. Fundação S. Lisboa: SNEC, 2015.

Costa, António Firmino da. «Desigualdades globais». *Open Edition Journals* 68 (2012): 9–32. <https://doi.org/10.7458/SPP201268691>.

Davies, Brownyn, e Rom Harre. «Positioning: The discursive production of selves». *Journal for the theory of social behaviour*, n. 20 (1990): 43–63. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1990.tb00174.x>.

De, Tiago, e Fraga Gomes. «Educar para a cultura do encontro: uma perspectiva teológico-pastoral». *Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas* 32, n. 2 (2022): 388–98. <https://doi.org/10.18224/frag.v32i3.13140>.

Domingues, Filipe. «A cultura digital no magistério do Papa Francisco Digital culture in the magisterium of Pope Francis». *Ephata* 5, n. 1 (2023): 75–108. <https://doi.org/https://doi.org/10.34632/ephata.2023.13001>.

Duque, João Manuel. *O próximo e a comunidade: Breve leitura da Fratelli Tutti*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2021.

Erikson, Erik H. «Identity, youth and crisis.» *Behavioral Science* 14, n. 2 (1969): 154–59. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/bs.3830140209>.

Ferguson, John, e Sandie Cornish, eds. «Conferência dos bispos católicos da Austrália (Departamento para a Justiça Social)». Em *Making it real: genuine human encounter in our digital world*, 20. Australian Catholic Bishops Conference, 2019. [www.socialjustice.catholic.org.au](http://www.socialjustice.catholic.org.au).

Foucault, Michel. *História da Sexualidade. O Cuidado de Si*. Editado por Relógio D'Água. 3ª Edição. Rio de Janeiro, 1985.

Jacques, Francis. «La réciprocité interpersonnelle». *Connexions* 47 (1986): 110–36.

Katelyn Y. A. McKenna, Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason. «Relationship formation on

- the Internet: what's the big attraction». *Journal of Social Issues* 58, n. 1 (2002): 9–31.
- Lea, Martin, e Russell Spears. «Computer-mediated communication, de-individuation and group decision-making». *International Journal of Man-Machine Studies*, 1991, 283–301. [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/0020-7373\(91\)90045-9](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/0020-7373(91)90045-9).
- Lee, Danielle Ka Lai, e Porismita Borah. «Self-presentation on Instagram and friendship development among young adults: A moderated mediation model of media richness, perceived functionality, and openness.» *Computers in Human Behavior* 103 (2020): 57–66. <https://www.researchgate.net/publication/279697449>.
- . «Self-presentation on Instagram and friendship development among young adults: A moderated mediation model of media richness, perceived functionality, and openness». *Computers in Human Behavior* 103, n. July 2019 (2020): 57–66. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.09.017>.
- Lipovetsky, Gilles, e Jean Serroy. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia, 2008.
- Lusa, Agência. «Refugiados: travessias do Mediterrâneo aumentaram 305% no 1.º trimestre de 2023». *Observador*, 12 de Abril de 2023. <https://observador.pt/2023/04/12/refugiados-travessias-do-mediterraneo-aumentaram-305-no-1-o-trimestre-de-2023/>.
- Machado, Maria do Céu. *Adolescentes*. Lisboa: FFMS, 2015.
- Marc, Edmond, e Dominique Picard. «L'interaction sociale, Paris, P. U. F., 1 989. In: Bulletin de psychologie, tome 43 n°393. Les études en psychologie et en sciences de l'éducation dans les pays de la Communauté Européenne». *Bulletin de psychologie, tome 43 n°393*. Paris, 1989. [https://www.persee.fr/doc/bupsy\\_0007-4403\\_1989\\_num\\_43\\_393\\_13108\\_t1\\_0049\\_0000\\_3](https://www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_1989_num_43_393_13108_t1_0049_0000_3).
- Maria Esther. *Logos*. Editado por Verbo. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Braga, 1989.
- Martine, George. «A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21». *São Paulo em Perspectiva* 19, n. 3 (2005): 3–22. <https://doi.org/10.1590/s0102-88392005000300001>.
- Matos, Margarida Gaspar de. *Adolescentes - As suas Vidas, o seu Futuro*. Vol. 1. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020.

- Mattos, José Roberto Abreu de, e Marco Antonio Separavich. «Sobre a amizade social e o amor político na encíclica Fratelli Tutti do Papa Francisco». *Reflexão* 47, n. 1 (2020): 1–117. <https://doi.org/https://doi.org/10.24220/2447-6803v47e2022a5735>.
- Miguel, Pedro, Alves Ribeiro, Maria Faia, e Rafael Moreira. «Redes sociais, novos media e SRS's». *ALCEU* 16, n. 32 (2016): 183–92.
- Moreira, Ana Cláudia, e Halinna Santos. «A Música Na Sala De Aula - a Música Como Recurso Didático». *UNISANTA Humanitas* 3, n. 2014 (2014): 41–61. <https://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/view/273/274>.
- Nass, Clifford, e Jonathan Steuer. «Voices, Boxes, and Sources of Messages: Computers and Social Actors». *Human Communication Research* 19, n. 4 (1993): 504–27. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1993.tb00311.x>.
- Norman Sprinthall; W. Andrew Collins. *Psicologia do Adolescente*. Editado por Fundação Calouste Gulbenkian. 4ª Edição. Lisboa, 2008.
- Oliva, Osmar Pereira. «Do conceito de Amizade em Platão, Aristóteles e Cícero». *Revista ContraPonto* 7, n. 10 (2017): 192–200.
- Organizacion Mundial de Salud. «Problemas de la salud de la adolescência. Informe de un comité de expertos de la OMS.», 1965. [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/38485/1/WHO\\_TRS\\_308\\_spa.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/38485/1/WHO_TRS_308_spa.pdf).
- Ortega, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- Paiva, Raquel. «Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto». *Matrizes* 6, n. 1–2 (2012): 63–76. <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/48050>.
- Paiva, Raquel, e Marcello Gabbay. «Sobre a comunidade do afeto: comunicação alternativa e comunidade no contexto atual». *Parágrafo* 5, n. 1 (2017): 159–69. <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/520>.
- Pinho, José Eduardo Borges de. «Elementos para uma teologia da fraternidade humana». Em *Humanistica e Teologia*, 315–44, 1989.
- Predoti, Rocco. «L'universo dell'umano digitale. Annuncio apofatico ed epifania del kerygma The universe of the digital human. Apophatic announcement and epiphany of the kerygma». *Ephata* 5, n. 1 (2023): 51–74.

<https://doi.org/https://doi.org/10.34632/ephata.2023.13000>.

Prensky, Marc. «H . Sapiens Digital : From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom Digital Wisdom». *Innovate: Journal of Online Education* 5, n. 3 (2009). <https://www.learntechlib.org/p/104264/>.

Prioste, Ana, Petra Tavares, e Eunice Magalhães. «Tipologias de funcionamento familiar: Do desenvolvimento identitário à perturbação emocional na adolescência e adultez emergente». *Análise Psicológica* 37, n. 2 (2019): 173–92. <https://doi.org/10.14417/ap.1534>.

Ramos, Natália. «Comunicação cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural». *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 2001.

Ricoeur, Paul. «Le socius et le prochain». Em *Histoire et vérité*, 113–27. Paris: du Seuil, 1967.

Rimé, Bernard. *Langage et communication*. Editado por Serge Moscovici. *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1984.

Rubin, Zick. «Disclosing oneself to a stranger: Reciprocity and its limits». *Journal of Experimental Social Psychology* 11, n. 3 (1975): 233–60. [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0022-1031\(75\)80025-4](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0022-1031(75)80025-4).

Sanches, Agrupamento de Escolas Dr. Francisco. *Projeto Educativo 2018-2022*. Braga, 2018. [https://www.aefranciscosanches.pt/97\\_PEA - AEFS-Aprovado\\_CG\\_23-01-2019.pdf](https://www.aefranciscosanches.pt/97_PEA - AEFS-Aprovado_CG_23-01-2019.pdf).

Santos, Boaventura de Sousa. «Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63 (2002): 237–80. <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>.

———. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

Santos, Rodrigo Otávio dos. «A relação público/privada na juventude mediada pelas plataformas de redes sociais digitais». *Cadernos Metrópole* 24, n. 55 (2022): 871–90. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2022-5501>.

Schoen-Ferreira, Teresa Helena, e Maria Aznar-Farias. «Adolescência através dos séculos». *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 26, n. 2 (2010): 227–34. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>.

Schwertner, Suzana. «Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de

- conetividade digital». Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica», 2014, 168.
- Silva, Ione De Cássia Soares Da, Tatiane Da Silva Prates, e Lucineide Fonseca Silva Ribeiro. «As Novas Tecnologias e aprendizagem: desafios enfrentados pelo professor na sala de aula». *Em Debate* 16, n. 15 (2016): 107–23. <https://doi.org/10.5007/1980-3532.2016n15p107>.
- Silva, Rafael. «Lugares para Amizade na Sociedade Contemporânea: Caminhos educativos a partir da obra de Zygmunt Bauman», 2012.
- Sturzenegger, Karen. «A Igreja Católica e a crise de refugiados/migratória mundial». *Revista Relegens Thréskeia* 11, n. 2 (2022): 17–32. <https://doi.org/10.5380/rt.v11i2.87946>.
- Turner, J. C., M. A. Hogg, P. J. Oakes, S. D. Reicher, e M. S. Wetherell. *Rediscovering the social group: Self-categorization theory*. Oxford: MIT Press, 1987.
- Varanda, Isabel. «O jogo como metáfora da Criação». *DIDASKALIA XXXVII* 1, n. 2007 (1999): 141–59.
- Vattimo, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Edições 70, 1971.
- Vazzoler, Martina. *Homodigitalis: Verso un nuovo paradigma umano nell'era digitale*. Milão: HOEPLI, 2020.

## Anexos

### Anexo 1 – Questionário de Caracterização da turma

- Vais agora, procurar concretizar, “quem tu és”, respondendo às questões que se seguem.

#### 1. Preenche os seguintes aspetos da tua identificação

Nome: \_\_\_\_\_ Ano/Turma: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

#### 2. Olha para dentro de ti e descreve a tua maneira de ser:

Sou muito: \_\_\_\_\_

Gosto imenso: \_\_\_\_\_

Não gosto de: \_\_\_\_\_

As minhas ideias são (aquilo em que acredito): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Sei bastante sobre: \_\_\_\_\_

Sou melhor em: \_\_\_\_\_

Sou pior em: \_\_\_\_\_

O que mais me irrita: \_\_\_\_\_

No futuro gostaria de (os meus projetos e sonhos): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Pessoas que admiro: \_\_\_\_\_

Pessoas com quem gosto de estar: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Pessoas que conheço bem: \_\_\_\_\_

Pessoas que conheço pior: \_\_\_\_\_

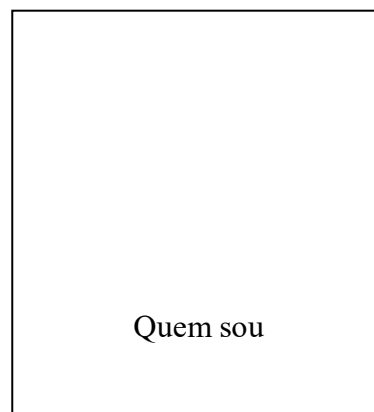
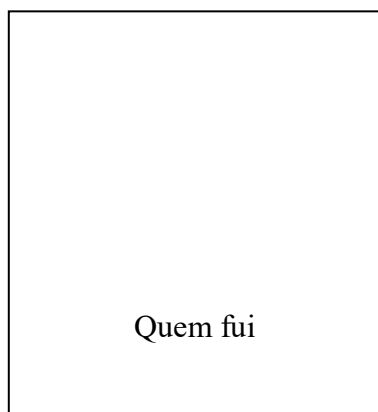
Convido para estudar: \_\_\_\_\_

Divirto-me com: \_\_\_\_\_

Espero dos amigos: \_\_\_\_\_

Espero dos adultos: \_\_\_\_\_

**3.** Escolhe duas fotografias tuas, uma mais antiga e outra atualizada e cola-as nestas molduras. Observa e confronta quem foste e quem és agora. (Podes fazê-lo depois em casa se assim o desejares).



## Anexo 2 – Quiz Riqueza e Sentido dos Afetos UL3 – Avaliação



1. Multiple-choice

1 minute

Q. Identifica quais são os desafios na adolescência

— answer choices

- Físicas e Fisiológicas, Psico-afetivas e Sociais
- Físicas e Fisiológicas
- Psico-afetivas e Sociais
- Relacionamentos e Família

2. Multiple-choice

1 minute

Q. Das seguintes atitudes, diz quais são as que deves ter no teu processo de crescimento para decisões livres e responsáveis

— answer choices

- Desespero
- Coragem
- Prudência
- Desânimo
- Coerência

3. Multiple-choice

1 minute

Q. Ser um adolescente é:

— answer choices

- ser curioso
- procurar prazer
- ser famoso
- necessitar de afirmação
- aderir a modas

4. Multiple-choice

1 minute

Q. Ser adolescente é:

— answer choices

- ter desejo de aceitação e reconhecimento
- ter necessidade de transgressão
- desafiar regras
- ser ouvinte de críticas
- ter uma visão global do mundo

5. Multiple-choice

1 minute

Q. Ser adolescente é:

— answer choices

- testar os limites
- emancipar-se relativamente à Família
- procurar a identidade
- admirar
- imitar gestos

6. Fill-in-the-Blank

1 minute

Q. Num enamoramento quando não se é correspondido pode acontecer...

— answer

> Infelicidade

— alternatives

- > Baixa Autoestima
- > Sofrimento
- > Desilusão

7. Multiple-choice

1 minute

Q. A comparação "Os jovens são como as laranjas" significa:

— answer choices

- Os jovens são como a fruta
- Os jovens podem parecer adultos, porque são muito versáteis
- Os jovens podem parecer adultos, mas ainda têm que crescer por dentro
- Os jovens já são maduros na adolescência

8. Multiple-choice

1 minute

Q. O que significa "Crescer mais ainda e tornou-se grande e imaturo"?

answer choices

- Apesar de grande ainda vai crescer mais em estatura
- Apesar de corpo de adulto, assume poucas responsabilidades
- Apesar de corpo de adulto, ainda não tem maturidade para assumir as responsabilidades de adulto
- Apesar de grande, ainda tem atitudes de criança

9. Multiple-choice

1 minute

Q. As mudanças na adolescência integram desafios

answer choices

- com os animais de estimação
- com o irmãos
- com o desporto
- com os Pais

10. Multiple-choice

1 minute

Q. As necessidades fundamentais na adolescência passam por:

answer choices

- muita música
- consumo exagerado de alimentos calóricos
- ser inseguro
- valorização e protagonismo

11. Multiple-choice

1 minute

Q. O que significa ser responsável?

answer choices

- Identificar as preocupações, valorizando o diálogo, a confiança e a amizade como formas de resolução dos problemas e de promoção da dignidade humana
- Identificar as preocupações, valorizando o diálogo, a desconfiança e a amizade como formas de resolução dos problemas e de promoção da dignidade humana
- Identificar as dificuldades, valorizando o diálogo, a confiança e a inimizade como formas de resolução dos problemas e de promoção da dignidade humana
- Identificar as dificuldades, valorizando o diálogo, a desconfiança e a inimizade como formas de resolução dos problemas e de promoção da dignidade humana

12. Multiple-choice

1 minute

Q. O que é a moral?

answer choices

- Capacidade de viver
- Capacidade de fazer apenas o bem
- Capacidade de discernir e fazer o bem
- Tomar consciência do bem e do mal, sabendo discernir e fazer o bem

13. Multiple-choice

1 minute

Q. Qual a atitude, na adolescência, que devemos ter perante Deus?

— answer choices

Medo

Desconfiança

Desprezo

Amor

14. Multiple-choice

1 minute

Q. Na expressão das nossas vivências, utilizamos uma linguagem própria. Que nome se dá?...

— answer choices

Linguagem da Vida

Linguagem Verbal

Linguagem do Amor, do Encontro

Linguagem Gestual

15. Multiple-choice

1 minute

Q. A adolescência é uma época de...

— answer choices

Confiança e Esperança

Confiança mas desesperante

Desconfiar e ter alguma esperança

Confiança mas com medo

16. Multiple-choice

1 minute

Q. Os adolescentes são futuro porque...

— answer choices —

- fazem asneiras
- fazem mover uma casa, uma escola, uma comunidade, um país
- fazem mover a vida toda centrada neles
- fazem todos verem como ele é importante

17. Multiple-choice

1 minute

Q. Os adolescentes têm...

— answer choices —

- Sonhos e projetos para construir um mundo mais justo e humano
- Sonhos e projetos para construir um mundo mais injusto e humano
- Sonhos e projetos para construir um mundo mais justo e violento
- Sonhos e projetos para destruir o mundo

18. Multiple-choice

1 minute

Q. Crescer é...

— answer choices —

- fazer asneiras
- fazer escolhas
- fazer brincadeiras
- fazer muito desporto

19. Multiple-choice

1 minute

Completa a frase: "Se calares, calarás por amor; se gritares, gritarás por amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisas..." (Santo Agostinho)

answer choices

- senão o amor serão os teus desejos
- senão o amor serão os teus sonhos
- senão o amor serão os teus projetos
- senão o amor serão os teus frutos

20. Poll

30 seconds

Os conteúdos apresentados (fichas, jogos, imagens, vídeos, documentos) nas diversas aulas foram:

answer choices

- Muito bons
- Bons
- Razoáveis
- Maus
- Muito maus

21. Poll

30 seconds

As tarefas apresentadas foram realizadas conforme pedido.

answer choices

- Sempre
- Muitas vezes
- Por vezes
- Raramente
- Nunca

22. Poll

30 seconds

Esta Unidade Letiva foi lecionada de forma a que a aprendizagem e assimilação dos conteúdos abordados fosse:

answer choices

- Excelente
- Muito Boa
- Razoável
- Má
- Muito Má

23. Poll

30 seconds

Q. Avalio esta unidade letiva como:

— answer choices —

- Excelente
- Muito Boa
- Razoável
- Má
- Muito Má